



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E
INSTITUIÇÕES – PPGCTI
MESTRADO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES

Klaus Macena Fontenelle

**CARTOGRAFIAS DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS:
EXPERIÊNCIAS E TRAVESSIAS**

MOSSORÓ

2025

Klaus Macena Fontenelle

CARTOGRAFIAS DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS: EXPERIÊNCIAS E TRAVESSIAS

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Cognição, Tecnologias e Instituições do
Programa de Pós-Graduação em
Cognição, Tecnologias e Instituições da
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Cognição, Tecnologias e
Instituições.

Linha de Pesquisa: Experiências Humana,
Social e Técnica

Orientadora: Kyara Maria de Almeida
Vieira, Profa. Dra.

MOSSORÓ

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

F683c Fontenelle, Klaus.
CARTOGRAFIA DE HOMENS TRANS E
PESSOASTRANSMASCULINAS: Experiências e travessias
/ Klaus Fontenelle. - 2025.
197 f. : il.

Orientadora: Kyara Maria de Almeida Vieira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em
Cognição, Tecnologias e Instituições, 2025.

1. Transexualidade. 2. Interdisciplinar. 3.
Transmasculinidades. 4. Identidade. I. de Almeida
Vieira, Kyara Maria, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Klaus Macena Fontenelle

**CARTOGRAFIAS DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS:
EXPERIÊNCIAS E TRAVESSIAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Cognição, Tecnologias e Instituições do
Programa de Pós-Graduação em
Cognição, Tecnologias e Instituições da
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Cognição, Tecnologias e
Instituições.

Linha de Pesquisa: Experiências
Humana, Social e Técnica

Defendida em: 28 /08/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Kyara Maria de Almeida Vieira, Prof^a. Dra. (UFERSA)
(Presidente)

Ale Mujica Rodriguez, Dr. (UFSC)
Examinador externo

Jaqueline Gomes de Jesus, Prof^a. Dra. (IFRJ)
Examinadora externa

André Luiz dos Santos Paiva, Prof. Dr. (UFERSA)
Examinadora interna

*A todas e todos que, neste plano ou em outro,
caminharam comigo nesta travessia, minha família,
minha orientadora e aos que estiveram ao meu lado
com afeto, escuta e presença, pois o sonho que se
sonha junto é mais bonito e potente.*

FOLHA DE AGRADECIMENTO À CAPES

Agradeço à agência de fomento pois o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pois através dela pude viver a experiência do mestrado como bolsista.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de costurar os caminhos que me trouxeram até aqui. Caminhos estes cheios de desafios, aprendizados, descobertas, superações, encontros e euforias. Antes de entrar de fato no mundo acadêmico eu não via sentido em utilizar a terceira pessoa do plural para construir uma escrita impessoal, contudo, os encontros que ocorreram durante a realização dessa pesquisa, e que apenas parte dela consta nessa dissertação, me fizeram construir um novo entendimento disso.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, de forma direta a minha mãe por desde muito cedo me apresentar a universidade. Quando digo desde cedo, é cedo mesmo, tenho memórias e fotografias na Universidade de Fortaleza – Unifor. Nos primeiros anos de vida já havia compreensão das experiências e possibilidades que a universidade poderia me oferecer. Ao longo dos anos e com o avançar da idade essas oportunidades apenas cresceram. Com a nossa ida para São Carlos, experienciei musicalização, aulas de inglês, esportes, feiras de ciências, aulas de dança, escalada na caixa d'água, tardes na biblioteca e na sala da minha mãe, quando esta dava aula na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Com nossa chegada em Mossoró o cenário continuou o mesmo, a senhora me levando para a Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, e me apresentando as possibilidades de experiências diversas que acrescentam na vida de qualquer ser humano, seja pessoal ou profissional. Me incentivando sempre a ir a eventos, palestras, workshop e tudo que acreditasse que poderia somar. E aqui hoje estou construindo uma das partes do meu percurso profissional, na mesma universidade.

Ao falar do meu pai, preciso lhe agradecer imensamente de algo que ouvi a vida inteira e, primeiramente eu odiava, mesmo que tenha demorado, fez todo sentido e fico feliz por ter repetido até o momento de fazê-lo: “Aprenda a gostar de estudar, pois você vai estudar a vida inteira”. Hoje eu entendo e fico feliz em ser feliz estudando. Com o senhor aprendi também que estudar não é só se sentar na cadeira e ler livros, mas conhecer o mundo, conversar com as pessoas, abraçar as oportunidades que a vida dá com coragem e o coração aberto, sendo sempre gentil com as pessoas e proativo.

O último, mas não menos importante, membro da minha família nuclear é meu irmão. Não tenho lembranças, mas nos contam que eu pedi muito pela sua vinda. Depois, me arrependi por ser um verdadeiro “pimentinha”, mas, que sempre me fez viver os sentimentos da forma mais verdadeira possível: seja das risadas mais sinceras às raivas mais intensas, como faz até hoje. Ao longo dos anos fomos construindo juntos o significado de ser irmãos, só nós dois sabemos tudo que passamos, mesmo que lembremos de coisas diferentes, não temos dúvida que sempre poderemos ter e contar um com o outro.

Quero deixar aqui registrado o agradecimento que tenho no fundo do meu coração, por compor essa família, principalmente pela abertura que todos vocês tiveram em embarcar junto comigo nessa jornada de travessia de gênero. Desde o primeiro abraço, a participação no meu processo psicoterapêutico, as primeiras consultas com os médicos, por viverem comigo cada mudança que se seguiu. Não foi fácil para nenhum de nós, não por ser um processo um peso, mas por todos estarmos embarcando em uma viagem de percurso desconhecido, sem mapa, roteiro ou trilha, mas que fizemos de uma forma linda.

À minha orientadora, que costuma dizer que eu não a escolhi “de primeira”, por não ter direcionado o pré-projeto a ela — é verdade. Mas, quando dividimos uma mesa de debate, e te ouvi falar, intencionei toda a minha energia para que pudéssemos estar juntos nessa jornada. Não sabe o quanto fiquei feliz ao ver meu nome ao lado do seu naquela lista. Mais feliz ainda sou agora, ao finalizar essa jornada e olhar para trás com orgulho, mas também com uma caixa de ferramentas mais diversa, uma mala de experiências vividas e um coração cheio de pessoas que pude conhecer durante as orientações coletivas.

Também agradeço ao Professor Dr. Remerson Russel, por ampliar meus horizontes sobre o mundo da pesquisa, pelo acolhimento e suporte nos momentos em que me senti sem saída. Ao Professor Dr. André Luiz, cuja chegada foi um presente. Foram muitos os aprendizados, e um deles foi ocupar hoje, como profissional, o mesmo campo que conheci nas suas aulas sobre políticas públicas.

Quero agradecer também a todas e todos que compõem a minha rede de apoio, que não terei como nomear um por um nesse pequeno espaço, mas que busco constantemente agradecer por compor comigo não apenas este momento, mas também a vida.

“Sonhem os sonhos dos seus
amigos”.

Elli Cafre

RESUMO

Esta dissertação aborda as travessias vividas por homens trans e pessoas transmasculinas, com o objetivo de discutir as experiências que compõem a construção de suas identidades de gênero. A pesquisa se justifica pela urgência de visibilizar narrativas transmasculinas que escapam às leituras cisheteronormativas e essencialistas, reconhecendo a experiência e a memória afetiva como formas legítimas de produzir conhecimento. Metodologicamente, adota-se a cartografia, conforme Deusdará e Rocha (2021), com base no acompanhamento da VII Jornada da Visibilidade Trans na Ação pela Coerência no Rio Grande do Norte, promovida pela Attransparência, e na realização de seis entrevistas em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Norte. O referencial teórico articula Preciado (2022, 2023), Foucault (1981), Albuquerque Júnior (2001) e Facchini (2009), a partir de uma perspectiva pós-estruturalista sobre gênero, relações e movimentos que atravessam as vidas dos entrevistados. Com a pesquisa percorremos aproximações, distanciamentos e ambiguidades nas experiências dos interlocutores com seus corpos, com as outras pessoas e com a cisheteronorma.

Palavras-chave: Transexualidade, Interdisciplinar, Transmasculinidades, Identidade.

ABSTRACT

This dissertation maps the journeys undertaken by trans men and transmasculine individuals, aiming to explore the experiences that shape the construction of their gender identities. The research is grounded in the urgency of making transmasculine narratives visible—those that elude cisheteronormative and essentialist readings—while affirming experience and affective memory as legitimate forms of knowledge production. Methodologically, the study adopts cartography as proposed by Deusdará and Rocha (2021), based on the monitoring of the 7th Trans Visibility Journey within the Action for Coherence in Rio Grande do Norte, organized by Attransparência, and the conduction of six interviews in different cities across the state. The theoretical framework weaves together the works of Preciado (2022, 2023), Foucault (1981), Albuquerque Júnior (2001), and Facchini (2009), from a post-structuralist perspective on gender, relations, and movements that traverse the lives of the participants. The research traces convergences, distances, and ambiguities in the experiences of the interlocutors, traversed by their relationships with the body, with others, and with the cisheteronormative order.

Keywords: Transsexuality, Interdisciplinary, Transmasculinities, Identify.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	João W. Nery	136
Figura 2	–	Paulo Vaz	141
Figura 3	–	Murilo Gonçalves.....	148
Figura 4	–	Anderson Herzer.....	159

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Brasil	150
Mapa 2	– Municípios segundo atividades realizadas da pesquisa	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	SciELO 1.....	51
Tabela 2	–	SciELO 2	52
Tabela 3	–	Portal de Periódicos Capes 1	55
Tabela 4	–	Portal de Periódicos Capes 2	63
Tabela 5	–	Catálogo De Teses & Dissertações Capes 1	66
Tabela 6	–	Catálogo De Teses & Dissertações Capes 2	67
Tabela 7	–	Repositório Da Produção USP 1	73
Tabela 8	–	Repositório Da Produção USP 2	77
Tabela 9	–	BDTD UFRN 1	80
Tabela 10	–	BDTD UFRN 2	81
Tabela 11	–	Repositório Digital da UERN	83

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1.2 Contextualização do tema	16
1.3 Problema	167
1.4 Justificativa.....	17
1.5 Discussão dos principais conceitos.....	178
1.6 Objetivos	19
1.7 Apresentação dos capítulos.....	34
2. METODOLOGIA	345
2.2 Procedimentos da pesquisa.....	36
2.4 Revisão sistemática de literatura.....	49
2.4.1 – SciELO	51
2.4.2 - Portal De Periódicos Capes	54
2.4.3 - Catálogo De Teses & Dissertações Capes	65
2.4.4 - Repositório Da Produção USP.....	72
2.4.5 – Biblioteca Digital De Teses e Dissertações – BDTD URFN	80
2.4.6 - Repositório Digital da UERN	82
2.4.7 - Repositório Digital da UFERSA.....	84
3. Desenvolvimento.....	85
3.2 Masculinidades e a construção dessas identidades	85
3.2.1 O masculino e o feminino: a construção de si a partir do que não se pode ser.....	85
3.2.2 Tecnologias de produção de sujeito – Farmacopornografia.....	103
3.3 Viagem não mais solitária: Ressonâncias da convivência entre pares	120
3.4 Atravessando jornadas: Para além da cisheteronormatividade	143
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
5. REFERÊNCIAS.....	180
6. APÊNDICE.....	189
7. ANEXO.....	197

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2 Contextualização do tema

Vivemos em constante movimento, assim falar sobre transição é reconhecer que viver é, em grande parte, atravessar mudanças. Encerramos ciclos de estudos, vínculos afetivos e iniciamos outros. Ao longo da vida, nós mudamos de endereço, de cidade e/ou de trabalho. Algumas transições podem ser marcadas no calendário: uma formatura, uma aposentadoria, um casamento. Outras acontecem nas maneiras de sentir: uma nova percepção de si, uma perda (de algo ou de alguém) ou um deslocamento que ainda não se tem como nomeá-lo.

Há ainda, quando se fala de transições, aquelas que se impõem em nossas vidas, como um acidente, um adoecimento e uma separação. Outras acontecem de forma tão lenta ao ponto de parecerem imperceptíveis, como é o caso do amadurecimento, o desgaste com um modo de viver e o envelhecimento. O que parece ter em comum em todas as transições são os momentos que nos encontramos no entre, onde já não se está mais naquele lugar que estávamos, mas também não é ainda o lugar que queremos ou podemos estar. Esse lugar de suspensão do conhecido, um lugar de incerteza é, às vezes, um lugar de reinvenção.

A transição exige que algo se desfaça para que outra coisa possa ser criada, mas nem sempre esse processo é rápido ou evidente. Diante disso, há aqueles que buscam planejar as transições como uma nova rotina ou uma mudança de hábito. Contudo, há também quem seja empurrado para ela. De toda forma, elas exigem que algo se desfaça para que outra coisa possa emergir, e esse processo nem sempre é evidente, e/ ou rápido.

Também existem as transições que perpassam a coletividade, a pandemia é um exemplo disso. Ela exigiu que alterássemos a forma como nos relacionamos com o tempo e o espaço. Outro exemplo são as transformações políticas que nos afetam cotidianamente, ou ainda as mudanças tecnológicas que solicitam reconfiguração constante das nossas formas de trabalhar, nos comunicar e existir.

Nenhuma dessas passagens acontece da mesma forma para todas as pessoas, mesmo que aconteçam cotidianamente em suas vidas. Cada transição é vivida a partir de uma história, de um corpo, de um tempo e de um espaço. Há algo

[Digite aqui]

que podemos perceber em toda a discussão feita acima: algumas transições não são simples desvios e/ ou interrupções, mas parte estruturante da própria existência humana.

1.3 Problema

A partir do que foi exposto acima, propomos um questionamento que atravessa e fundamenta o percurso desta pesquisa: Por que, entre tantas transições que compõem as nossas vidas, coletiva ou individualmente, a transição de gênero é considerada um problema, excessivamente vigiada e patologizada? Essa problemática não apenas orienta a construção desta introdução, como também evidencia a necessidade de deslocamento no modo como a transgeneridade tem sido historicamente compreendida.

1.4 Justificativa

Ao invés de ser tratada como uma experiência disfuncional ou desviante, a transição de gênero aqui é tomada como atravessamento legítimo da existência humana, sendo esta plural, política e profundamente marcada pelas normas sociais. Ao trazer para o centro da discussão as experiências de pessoas transmasculinas, esta pesquisa busca tensionar as noções de identidades e masculinidades ainda ancoradas em paradigmas cisheteronormativos, compreendendo como tais sujeitos constroem, subvertem, se filiam e tensionam, coletivamente e em suas singularidades, os limites impostos pela lógica binária de gênero.

Para mim, a transição de gênero não é uma linha reta. Aprendi cedo que viver uma identidade transgressora em um mundo estruturado pela cisheteronormatividade é, quase sempre, lidar com os limites do que nos é autorizado a ser. Em um país que dificulta o florescer de pessoas trans e que violenta cada etapa da nossa existência, a busca por identificação e por pertencimento se tornaram urgentes. Portanto, o que me moveu a escolher esse tema foi a urgência e o desejo de explorar e, dentro das minhas possibilidades enquanto pesquisador, ativista e profissional, também transformar essa realidade.

A importância da coletividade na vida de pessoas transmasculinas me atravessa, como parte da minha própria história. Uma das primeiras vezes em que me vi entre pessoas trans foi no IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero,

[Digite aqui]

em 2019¹. Quem me convidou a estar lá, a escrever e a apresentar pela primeira vez um trabalho, foi um amigo que teve um papel fundamental na minha transição desde o início.

Foi com ele que cruzei aquele espaço, mas, foi em um momento simples, um almoço junto com outros participantes do evento, que uma pergunta foi nos feita e a ausência de resposta me afetou profundamente: “Por que os homens trans ocupam tão pouco os espaços de visibilidade?”. E eu não soube o que responder.

A ausência de resposta para essa pergunta ainda permanece, mas, o silêncio se transformou em inquietação, em perguntas, em travessia. Ao buscar respostas para aquela pergunta, conheci pessoas, ocupei espaços, preenchendo lacunas existentes em mim como pessoa, militante e pesquisador – se é que é possível me dividir.

Essa ausência me mobilizou/a porque ela não é só estatística, ela é social, subjetiva, política e cotidiana. E é a partir dela, que vi nascer a importância de estar entre pessoas transmasculinas. Não como um espaço idealizado de acolhimento constante, mas, como um território possível de troca, de escuta, de reconstrução. Um lugar onde, mesmo nas tensões, nos reconhecemos; onde as dores são compreendidas sem precisar de explicação; onde é possível imaginar outros modos de ser homem, que escapem das armadilhas normativas e se construam na relação com o outro.

1.5 Discussão dos principais conceitos

Essa pesquisa nasce “no entre”: entre pergunta que não se responde e novas perguntas que surgem; entre o desconforto de não saber e o alívio de ter a quem perguntar. O que era ausência virou presença, e o que era sede de resposta pode se transformar em alegria de seguir questionando. Falar sobre a travessia vivida por pessoas transmasculinas é, para mim, falar sobre sobrevivência, mas também sobre invenção.

¹ A quarta edição do Seminário Internacional Desfazendo Gênero ocorreu nos dias 13,14, e 15 de novembro de 2019, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Recife- PE. Nesta edição, o evento propôs debates em torno da temática “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama”, reforçando seu caráter político de problematizar e recriar a produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade. Idealizado por pesquisadores e ativistas, o evento valoriza o ativismo como forma de conhecimento e promove perspectivas críticas às normatizações e binarismos que afetam os corpos em suas múltiplas intersecções (Pernambuco sedia Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2019).

Na introdução do livro “História: A arte de inventar o passado” (2019) Durval Muniz Albuquerque Junior nota como a palavra de “invenção” possui uso crescente em diversas áreas do saber nas últimas décadas. O autor argumenta que o uso desse termo não é mera coincidência ou modismo, mas um indicador de mudanças paradigmáticas na forma como se concebe a produção do conhecimento e a própria realidade.

Esta expressão remete uma temporalidade dos eventos, dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto à busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência, fabricação ou instituição de algo que surge como novo. O termo invenção, portanto, também remete a uma dada ruptura, a uma dada cesura ou a um momento inaugural de alguma prática, de algum costume, de alguma concepção, de algum evento humano (Albuquerque Júnior, 2019, p.20).

A “invenção” implica, assim, que diversos campos de saber compartilham uma visão comum sobre a construção social da realidade e como ela passa a ser percebida pelas diferentes formas de conhecimento. Ao contrário de expressões anteriores, como “formação”, que privilegiava a continuidade, o desenvolvimento e a evolução, a “invenção” “ênfatiza a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de que afirma o caráter subjetivo da produção histórica” (Albuquerque Júnior, 2019, p.20).

Também questiona a universalidade do ser humano, da razão ou da consciência, e sublinha que o pesquisador, no caso do seu texto o historiador, é afetado por dimensões irracionais, afetivas, morais, ideológicas e/ou inconscientes (Albuquerque Júnior, 2019). Com essa travessia, alinhada a redescoberta da preocupação com a narrativa, a escrita das ciências, inclusive a História, passa a ser vista como uma dimensão ficcional, poética e, portanto, inventiva, participando ativamente da elaboração do fato narrado (Albuquerque Júnior, 2019).

Pesquisar não é um gesto neutro, e pode ser um movimento de resistência, de implicação e de cuidado com quem fomos, com quem acreditamos que somos e com quem ainda poderemos ser. Esse pensamento segue, também, as ideias apresentadas abaixo:

Numa investigação, tal como a que realizamos, de inspiração pós-estruturalista/pós-modernista, as questões feitas àquilo que chamamos de “realidade” são constituídas pela(s) perspectiva(s) teórica(s) de onde olhamos e pensamos esta mesma realidade. Por isto, “realidade” não é uma coisa – uma situação, uma condição, um estado – que possa ser vista, analisada, investigada “no que realmente é”; nem existem enunciados que sejam mais adequados a esta coisa, ou que a representem de forma mais conveniente, mais pertinente. Assim, não é possível encontrar “a verdade”

na/da realidade, ou a realidade verdadeira; bem como, não existe “a falsa” realidade, vista e falada de determinado ângulo enganoso (Corazza, 2017, p.9).

A autora, ao rejeitar a dicotomia moderna entre verdade e falsidade, desloca o foco da ciência como busca pela verdade para a ciência como produção de sentidos. Assim, pesquisar não é descobrir a realidade oculta, mas construir modos de ver e intervir no mundo, o que torna a prática científica um ato, também, político.

Inspirados por Corazza (2017), entendemos que construir um problema de pesquisa não é partir de um ponto de partida visível, percorrer um caminho até um ponto de chegada, também, visível, mas sim, desconfiar de verdades prontas. É recusar os sentidos cristalizados e naturalizados que aumentem a visão da realidade como algo estável, coerente e universal.

No campo de pesquisa que aqui se compõe, isso significa questionar o que parece dado sobre os corpos, as identidades e as normas que as organizam. Tensionando aquilo que se afirma como verdade científica, biológica, religiosa ou política, a partir do ponto de que essas verdades são sempre atravessadas por relações de poder. Como apontado por Corazza (2017), pesquisar é dar lugar aos incômodos com a ordem, com a aparente segurança do consenso e abrir brechas para outras formas de existir, de nomear e de produzir sentido no mundo.

Nesse horizonte, a ciência consiste em uma entre tantas formas possíveis de produzir explicações sobre a realidade, uma forma que não é exclusiva, nem conclusiva, cujos contornos permanecem sempre em movimento. Porém, na sociedade ocidental a ciência ocupa um lugar de hegemonia na construção da realidade, e isso ocorre por vários motivos. Segundo Minayo (2007), dois deles são: 1) a possibilidade de responder às questões técnicas e tecnologias postas pelo desenvolvimento industrial; 2) e a presença de uma linguagem composta de conceitos, métodos e técnicas para a compreensão do mundo. Com isso exposto, podemos entender que a visão de mundo do pesquisador ou da pesquisadora e do seu campo está implicada no processo de construção do conhecimento.

Com o avanço do pensamento moderno e o desenvolvimento científico - principalmente de áreas como a sexologia e a biologia - houve um forte processo

de naturalização da polaridade feminino e masculino, imposta aos sujeitos² a partir da disciplinarização sobre os corpos, seguindo a lógica da binaridade de gênero como pré-discursiva e natural (Butler, 2003).

A consolidação desse pensamento e sua hegemonia, ainda na atualidade, fazem com que suas definições recaiam sobre nós mesmos antes de nascer. Por exemplo, se faz um chá revelação e se intitulam cores para comunicar ao casal e convidados/as qual será o sexo do pequeno ser que está, ainda, no limiar da sua formação. Algumas pessoas podem questionar: “Mas, são só cores, é uma besteira!” Este anúncio é indispensável, pois é a partir dele que se começa a construção do enxoval, escolhas de brinquedos, sonhos, expectativas e desejos da família e da sociedade sobre como aquela criança deve ser (Lins, Machado, Escoura, 2016).

É importante perceber essa naturalização e normalização que se faz presente no cotidiano de maneira tão enraizada para identificar os dispositivos que violentam, humilham, censuram e disciplinam corpos para que não sejam transgressores. Muitos são os rompimentos que podem ocorrer nesse sistema, contudo, para a construção deste estudo iremos nos deter, especificamente, sobre o rompimento produzido por pessoas transmasculinas.

A transmasculinidade nomeia as experiências de corpos nascidos com vagina e socializados no gênero feminino, que se deslocam para uma socialização que a norma intitula como gênero masculino. Contudo, esses sujeitos também podem buscar, por vezes, a transgressão de qualquer categoria binária e limitada de gênero.

De acordo com Santos e Tedesco (2022) foi apenas no final da primeira década dos anos 2000 que o movimento das identidades transfemininas e travestis obteve evidência. Entretanto, chama-se a atenção para a reduzida visibilidade conceitual e social da categoria transmasculina presente ainda atualmente. No Brasil, a luta do movimento dos homens trans, transmasculinos e transmasculines passa pela sua solidificação apenas 30 anos depois do movimento de travestis e mulheres trans (Lemos; Pfeil, 2021).

² Compreendemos a utilização do masculino como um imperativo dominante na linguagem da nossa sociedade, contudo, como o trabalho será construído focalizado nas transmasculinidades iremos escrevê-lo, majoritariamente, no masculino.

Já a cisnormatividade consiste em uma construção em que as pessoas que fazem parte dela classificam pessoas não-cis a partir do seu ponto de vista. Seguindo a mesma linha do racismo, da misoginia, da colonização, os primeiros corpos nomeados são aqueles entendidos como anormais, que necessitam de compreensão, exploração e categorização. Não é à toa que vemos tantos estudos etnográficos sobre a comunidade transgênero, o que explicita que há uma intensa necessidade das pessoas que vivenciam a cisgeneridade de classificar as transgeneridades.

O reconhecimento de corpos transgêneros, assim como corpos que enfrentam as opressões de raça/ etnia, classe, etarismo, deficiência, território etc., propõe um rompimento com relações de poder que são estruturantes da sociedade brasileira e fundamentam desigualdades macroestruturais. Dentro desses rompimentos e diante da pluralidade de experiências singulares existentes na comunidade trans, viver a transgeneridade ainda enfrenta dificuldades para o reconhecimento da sua existência. Muitas pessoas alegam que tais identidades são “novidades” e que é preciso “acostumar-se” com essas “novas possibilidades”. Contudo, ao verificarmos a história da construção do gênero percebemos que mesmo suas categorizações – que não dizem respeito ao surgimento/ existência dessas identidades na vida cotidiana – são elaboradas há mais de 80 anos.

É comum vermos o surgimento do conceito de gênero ser atribuído a década de 1960, a partir da segunda onda do movimento feminista. Todavia, Preciado (2023) pontua que a sua criação data do final da década de 1940, por parte das indústrias médicas e terapêuticas nos Estados Unidos da América (EUA). A cisão sinalizada pela construção dessa conceituação é o ponto de partida para o que Preciado chama de indústria farmacopornográfica, desenvolvida e fortalecida no período pós-moneista.

A primeira pessoa a utilizar a categoria gramatical de gênero como uma ferramenta de diagnóstico clínico foi o psicólogo e professor de psicopediatria John Money, do hospital universitário John Hopkins de Nova York (Preciado, 2023; Preciado et al., 2022). Para ele o gênero seria o pertencimento de um sujeito a um grupo culturalmente reconhecido como masculino ou feminino, assim, distanciando-se da categoria biologicista de “sexo”.

Money realizava técnicas cirúrgicas em conjunto com intervenções hormonais em bebês que nasciam com órgãos genitais ou cromossomos que a medicina não era capaz de classificá-los - a partir de seus critérios visuais e discursivos - como pertencentes, estritamente, ao feminino ou ao masculino (Preciado, 2023). Por alguns anos essas pessoas foram classificadas como “hermafroditas”, porém, esse termo é entendido como violento e pejorativo, não atualizado, sendo mais adequado os termos intersexo ou intersexual.

Na construção de sua teoria, Money defende que a identidade de gênero é modificável até, aproximadamente, os dezoito meses de vida, mesmo que os tratamentos hormonais e cirúrgicos possam prosseguir até depois da puberdade. Não significa, necessariamente, que não exista a possibilidade de mudança após essa idade, mas, o discurso médico não é capaz de lidar com as consequências sociais e políticas da ambiguidade. Por isso, para Money, o sexo deve ser designado o mais cedo possível, preferencialmente de maneira imediata, de maneira decisiva e irreversível (Preciado, 2022).

A teoria produzida por Money não gerou nenhuma reação contrária ou crítica na comunidade científica. Apenas em 1978, emanada dos estudos feministas, a psicóloga social Suzanne Kessler conduziu a única crítica. Diante de sua relevância nos estudos da intersexualidade, Money também é uma referência em psicologia transexual. A partir dos anos 1950, a influência de Money passou a ser tamanha, o que levou Preciado (2022) a afirmar que, pelo menos nos Estados Unidos e demais países “desenvolvidos” do norte ocidental, os corpos sexuais que temos hoje são produzidos a partir das suas referências, ou seja, produtos de um estilo e desenho “moneista”.

Diferente da transgeneridade, o conceito de cisgeneridade nasceu de movimentos sociais autônomos. Os termos cis, cisgênero e cisgeneridade emergiram do ativismo trans na década de 1990, como uma reação a discursos que naturalizavam corpos não-trans (Pfiel, 2023). Chamamos de cisgênero, ou apenas “cis”, aquelas e aqueles que se identificam com o gênero que lhes foi socialmente atribuído quando nasceram (Jesus, 2012). O uso do prefixo “cis” indica que não teria havido mudança significativa no modo como um sujeito se identifica, em relação ao sexo que lhe teria sido designado ao nascimento.

A cisgeneridade é um conceito para se referir e pensar em formações corporais e identidades de gênero naturalizadas e idealizadas (Simakawa, 2016). Quando falamos de cisheteronormatividade, portanto, referimo-nos a uma normatividade de gênero que utiliza vários dispositivos de poder interseccionalmente situados para exercer efeitos colonizadores sobre corpos, vivências, experiências e identificações de gênero que não estejam em conformidade com seus preceitos normativos (Simakawa, 2016).

A partir dos conceitos de heterocentrismo, heterossexismo, ciscentrismo e cisgenerismo apresentados por Jesus e Gaspodini (2020), juntamente com as argumentações feitas por Simakawa (2016) apresentadas acima, Pfiel (2023) nos apresenta o conceito de colonialidade cisgênera.

Se a cisgeneridade é naturalizada, e não natural; se é normatizada, e não normal, então significar certos corpos como normais e outros como aberrações é uma farsa [...] essa ciência que se preconiza legítima falha em sua ambição de universalidade, pois nenhuma ciência é capaz de acessar todos os aspectos que constituem uma existência. A pretensão de universalidade da “ciência”, característica central da colonialidade do saber, é um dos elementos estruturantes do sistema-mundo global, e é algo duramente criticado pelo anarquismo (Pfiel, 2023, p.54 – 55).

Quando se nomeia a cisgeneridade torna-se possível transcender a lógica de poder que coloca as populações trans no lugar de ‘Outro’. Devido à crença de sua anormalidade, as pessoas não-cisgênero - que foram denominadas como transgênero, transexuais ou, simplesmente trans - são estigmatizadas, marginalizadas e perseguidas. Pois se tem naturalizado que o gênero atribuído ao nascimento é o que as pessoas devem se identificar e, portanto, comportar-se de acordo com o que se julga adequado para determinado gênero.

Estar escrevendo essas linhas, como corpo escrito, não é uma tarefa confortável. Sinto-me exposto, vulnerável, errado e inseguro quanto a como serão julgadas as palavras que escrevo aqui. Questiono-me se não será algo pessoal demais e pouco relevante. Contudo, ao me deparar com as narrativas estudadas como referência que nada dizem sobre mim, relatos de outras pessoas transmasculinas e os resultados das pesquisas que realizei para a construção da minha dissertação, percebo que o sentimento que existe em mim faz parte de algo maior. Essa experiência não é apenas individual, como é possível observar no exemplo a seguir:

O discurso de homens trans sobre não iniciarem a “transição” no corpo, mas sim na ordem identitária, reflete um objetivo central: qual seja, o de mostrar

[Digite aqui]

que são homens trans independentemente de quais mudanças façam no corpo que objetivam, que rejeitam, que constroem, que fissuram junto com as normas, e que atribuem significados e (re)significados no confronto com o saber especializado da medicina, da psicologia e das ciências sociais. Estão engajados em mostrar que existem, que são pessoas. Desse modo, entendo aqui por “homem trans” as pessoas que foram identificadas como mulheres ao nascer por sua anatomia vaginal e que demandam um reconhecimento enquanto homens e trans por assim se identificarem e expressarem verbalmente suas identidades (Rego, 2015, p.17).

Olhar para a transgeneridade dentro deste contexto evidencia o lugar que a ciência ocupa como um dos pilares da categorização, correção e coerção destes corpos. Legitimando inúmeras sanções sociais que podemos observar diariamente, materializadas em:

Dificuldade de acesso ao mercado de trabalho formal; não reconhecimento institucional de seus nomes e identidades de gênero; violência física e psicológica; fragilização de suas redes familiares e de afeto; espancamentos públicos; ausência de tratamento médico de qualidade; fetichização de seus corpos; espetacularização de suas mortes; naturalização da violência contra sua comunidade; desqualificação de suas experiências e perspectivas de mundo; genocídio; processos de exclusão e violência sistêmica, entre outros exemplos (Nedel, 2020, p. 26).

A cisgeneridade, ao ocupar o lugar de identidade normativa e cobrir-se de um manto naturalizado e ahistórico, obtém o lugar de identidade modelar (Hall; Woodward; Silva, 2014), empurra os demais corpos para o lugar marginal da diferença como algo a ser expurgado, ou seja, se retira a humanidade desse outro e legitima-se as situações como as apresentadas acima por Nedel (2020).

Comumente foi retirado das transgeneridades o direito à autonomia. Os próprios termos como transgêneros e transexuais são apropriações das denominações de disciplinas médicas, jurídicas e psicológicas que, em suma, baseiam-se na impossibilidade desses sujeitos em se autodenominar (Pfeil, 2023).

Quando um corpo é enquadrado enquanto objeto de estudo, ocorre a anulação da autodeterminação do sujeito. É no intuito de disputar o lugar identitário que eu construo o meu percurso na academia, ocupando assim, não mais o lugar de objeto de estudo em que fomos colocados, pois objetos de estudo, na perspectiva institucionalizada das universidades, são capazes de se autodenominar, sendo determinados pelos sujeitos de pesquisa.

Entender-me³ enquanto um homem trans foi uma tarefa árdua, principalmente pelas poucas referências que tinham na época do que seria um homem trans. Quando paro para pensar sobre as instituições de ensino responsáveis pela produção de conhecimento em nossa sociedade, percebo que existe uma diferença nos corpos que ocupam cada lugar. Dessa forma dou-me conta que o corpo que é reconhecido como legítimo e possui o poder de nomear corpos - a partir do binarismo homem-mulher; certo-errado; normal-anormal; saudável-doente - é um: o corpo do homem, branco, heterossexual, burguês, ocidental e cisgênero. A partir disso entendo porquê eu não encontrava referências, pois desses corpos é retirado o direito de serem vistos, não pela inexistência real deles.

É com o desejo de desbancar a cisheteronormatividade do acento que a possibilita construir a minha história como “a outra história” que reivindico o lugar de sujeito de pesquisa. Encontrei no transfeminismo brasileiro escritoras e escritores que buscam construir estudos que possam ir para além dos limites e preencher as falhas que o feminismo cisgênero de base biologicista possui, ao passo que não se propuseram a superar a compreensão que equipara o gênero a composição genital. Autores e autoras como: Viviane Vergueiro, Cello Pfeil, Jaqueline Gomes de Jesus, Leonardo Peçanha e Bruno Santana, são referências na presente pesquisa, trabalham para pontuar que a cisgeneridade é tão artificial quando a transgeneridade.

O transfeminismo dismantela o pensamento de que as teorias só podem ser construídas nos olímpicos acadêmicos por pesquisadores renomados, onde a teoria se apresenta como um dogma que deve ser religiosamente respeitado. Isto é possível porque o transfeminismo tem sua organização iniciada na internet, anunciando-se em blogs e construindo-se em redes sociais (Jesus et al., 2014). Assim, cisgeneridade é um conceito utilizado especialmente por pessoas trans ativistas, majoritariamente fora do meio acadêmico. Dado que, ao início do século XXI, devemos nos questionar: quantas pessoas trans conseguiram adentrar as universidades? Mesmo que adentrassem, haveria respeito e legitimação das suas

³ Ao longo do desenvolvimento do texto serão utilizadas duas vozes para pontuar momentos específicos. Será utilizada a primeira pessoa do plural para a construção da discussão da pesquisa que foi realizada de forma coletiva pelo orientando e orientadora dessa pesquisa. Contudo, existe também a presença da primeira pessoa do singular, que assim como nessa passagem, apresenta a experiência pessoal do orientando que também é parte da construção da pesquisa.

pesquisas por parte de colegas cisgêneros? Foram/ são dadas condições para a permanência de pessoas trans nas universidades?

Esse cenário se apresenta devido ao entrelaçamento que o transfeminismo possui entre o meio acadêmico - ainda hoje elitizado, mas que, com muita luta, vem sendo cada vez mais ocupado por populações marginalizadas, como as pessoas trans - e os movimentos sociais (Jesus et al., 2014). Assim, o transfeminismo pode ser definido como:

Uma linha de pensamento e de prática feminista que rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina, incluindo-se aí: homens e mulheres transgênero; mulheres cisgênero hysterectornizadas e/ou mastectomizadas; homens cisgênero orquiectomizados e/ou "emasculados"; e casais heterossexuais com práticas e papéis afetivossexuais divergentes dos tradicionalmente atribuídos, entre outras pessoas (Jesus, 2014, p.5).

Ao se propor enquanto uma linha de pensamento e prática, não é possível aprender o transfeminismo apenas através de leituras, pois demanda habilidades que sugerem treino e que se aprende com as experiências cotidianas ou o reconhecimento dessas. No Brasil, há a naturalização do contexto de marginalização no qual as pessoas trans são colocadas, além de responsabilizar as mesmas por sua condição.

Aqueles/as que conseguem encontrar brechas e se proponham a furar as barreiras de limitação do acesso à educação, continuam passando por processos de marginalização, onde são invisibilizadas, constantemente testadas, pouco reconhecidas e não publicadas. Fica evidente, assim, que se faz necessário atualizar constantemente as estratégias de enfrentamento aos grupos opressores, pois eles também constroem novas formas de opressão como reação à resistência e conquistas dos grupos oprimidos (Irineu; Cantaloupe, 2019).

Um exemplo dessa reação é o posicionamento do sociólogo, professor e pesquisador Richard Miskolci. Conhecido por desenvolver estudos que exploram as políticas de gênero, sexualidade e desejo, sendo uma das principais referências em estudos e teoria queer no Brasil, contando com diversas produções sobre o tema, como: artigos, palestras, entrevistas e a publicação de seu livro "Teoria queer: Um aprendizado pelas diferenças" (Autêntica, 2012). Em 2015, quando participou do I Seminário Queer, fizeram-no uma pergunta sobre o conceito de

[Digite aqui]

cisgeneridade. Sua resposta foi que não existia necessidade política- acadêmica para o conceito de cisgeneridade. Apresentando, ainda, a possibilidade de reforço de divisões e violências contra as pessoas que seriam ali classificadas como cisgênero (Sesc São Paulo, 2018):

Se uma pessoa se refere a mim como cisgênero, eu percebo que ela está violentando a minha experiência como uma pessoa que foi, desde a mais terna infância, tendo gerado questionamentos sobre qual era o meu gênero.

Na mesma palestra o sociólogo argumenta:

A normalidade não precisa, na minha visão, de um conceito denominado. Normalidade pode servir como conceito de gênero. Por que a gente fala gênero? Porque gênero problematiza qualquer outra classificação, problematiza masculino, feminino, homem, mulher, tudo, gênero é um conceito, é uma palavra que abre a possibilidade de gradações (Sesc São Paulo, 2018).

Em 2021, o referido autor publicou um livro - Batalhas Morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada - e sobre esta publicação, concedeu uma entrevista à revista Extra Classe. Tanto na entrevista quanto no livro, Miskolci coloca que os conceitos de “cisgeneridade” e “cisgênero”, assim como, os conceitos de “cisheteronormatividade” e “cissexismo”, não têm sustentação epistemológica, como ele tinha afirmado no I Seminário Queer:

A área (dos Estudos Queer e de gênero) se fragilizou pela intensificação do patrulhamento ideológico, da destruição de reputações, escraches e, desde o advento da internet, dos cancelamentos. A preponderância de interesses políticos sobre os científicos gerou ovos de Colombo conceituais e teóricos. Cabe questionar as razões por trás da emergência de termos como cis e cisheteronormatividade, ambos derivados de uma compreensão de gênero estática e mecânica. No fundo, cis é uma noção que atribui coerência e estabilidade a todas as pessoas que não são trans. As evidências socioantropológicas provam o contrário, pois a maioria das pessoas – de uma forma ou de outra – não tem reconhecida sua “coerência” de gênero (Miskolci, 2015 apud Barreto, 2021, n.p.).

A transformação do gênero de um regime regulatório universal – desigual e violento para todo mundo – em uma suposta ordem “cis” serve, sobretudo, como meio de hierarquização interna dentro do coletivo político imaginário LGBTI+, garantindo o monopólio da palavra e da agenda a um de seus segmentos (Miskolci, 2015 apud Barreto, 2021, n.p.).

Em todas as passagens apresentadas acima, o sociólogo vê o conceito de cisgeneridade como um conceito rígido e que iria gerar abertura para violências existentes na sociedade que já possuem as suas nomeações, como citei anteriormente os conceitos de heterocentrismo, heterossexismo (Jesus, Gaspodini, 2020) e homofobia. Sua justificativa para tal rigidez seria a impossibilidade de pluralidades nas experiências cisgêneras. Contudo, em concordância com

[Digite aqui]

Simakawa (2016), defendo que as categorias de cisgeneridade não estão para um ideal ou potencialmente definidas a partir de diagnósticos objetivos. Esse conceito vem como uma construção analítica para fortalecer a luta que busca colocar em desuso termos como 'biológico' e 'natural', possibilitando uma leitura crítica das construções normativas das identidades de gênero que são derivadas de um Sistema sexo/gênero.

A utilização do neologismo que funde as palavras “cisgeneridade” e “sistema”, tem o intuito de intensificar a denúncia como as estruturas sociais, políticas e institucionais operam a partir da cisheteronormatividade como referência, seguido a construção de Simakawa (2016, p. 225): “Cistema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante”.

Ao nomear esse arranjo como Cistema, buscamos evidenciar os mecanismos que mantêm a cisgeneridade no centro das definições de normalidade, legitimidade e humanidade. Afirmando que o enfrentamento à transfobia não pode se dar apenas em nível das relações interpessoais, mas em uma ampliação, também, para as formas como o tecido institucional, discursivo e simbólico da sociedade está atravessado por dispositivos cis-sexistas (Simakawa, 2016).

Assim, a ideologia da normalidade dessa categoria se sustenta na naturalização pré-discursiva, binária e permanente dos corpos e identidades de gênero. O que quero dizer com isto é: a exigência e vigilância da correspondência com padrões de identidades estipulados pela cisgeneridade estão para pessoas trans e cis, contudo, não da mesma maneira. Portanto, precisamos de um conceito para poder problematizar: “conceitos como ‘homem/mulherbiológica’ (Miskolci; Pelúcio, 2007, 261), ‘homem/mulherde verdade’, ‘mulheruterina’ (Bento, 2012, 282), ‘sexo biológico’, entre outros” (Simakawa, 2016, p.44).

O posicionamento reafirmado e reiterado de Miskolci (2015; 2021) contra esses conceitos - que são entendidos pelo transfeminismo enquanto conceitos importantes para deslocar e questionar a naturalização e normalização associada às pessoas que vivem o gênero que lhes foi atribuído ao nascer – culminou no seu reconhecimento como persona no grata no âmbito epistemológico e ético do transfeminismo brasileiro (Caia; Jamelo, 2023).

Esse anúncio mobilizou entidades institucionais como a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e figuras renomadas (Bento et al., 2023) no campo das Ciências Humanas e dos Estudos Queer e Feministas demonstrarem apoio a Miskolci ao redigirem cartas contrárias ao posicionamento das declarações feitas por pesquisadoras e pesquisadores trans (Rede de Estudos Trans-Travestis, 2023).

Tanto Miskolci quanto os seus apoiadores apresentaram argumentações que fortalecem a assimetria entre os corpos que possuem o direito de serem considerados quando sujeitos de pesquisa e aqueles a quem destina-se o lugar de objeto de estudo. Parece ser conveniente estudar uma população enquanto ela não tem possibilidade de disputar lugares e construções teóricas, além de pautar-se nessas desigualdades socioculturais, históricas, econômicas e acesso a espaços de produção “legítima” de conhecimento para apresentar as “falhas” do conceito (Diadorim, 2023; Moscou, 2023; Rede de Estudos Trans-Travestis, 2023). Como podemos ver nas apresentadas anteriormente e na citação a seguir:

Tais noções de cis/cisheteronormatividade não têm bases epistemológicas, tampouco empíricas. Então, cabe perguntar: por que se disseminaram? Atendem a quais interesses? É plausível a hipótese de que visam estabelecer uma hierarquia interna ao campo de pesquisa e do ativismo em que homens gays, mulheres lésbicas e bissexuais sejam secundarizados, já que seriam “cis” e, nessa linha de raciocínio, supostamente mais próximos da “normalidade” (Barreto, 2021, n. p.).

Para sua consolidação, o transfeminismo possui referenciais políticos e teóricos. Os primeiros são compostos pelos processos de consciência política e de resistência da comunidade trans; já os segundos têm origem no feminismo negro, tendo como base principalmente os conceitos de: “interseccionalidade de opressões, de não-hierarquia de opressões, de denúncia da vinculação de gênero a modelos supremacistas de quem sejam homens ou mulheres” (Jesus et al., 2014, p.6).

Como já foi dito anteriormente, os movimentos sociais também possuem lugar central na construção da teoria transfeminista. Movimento social consiste em uma ou mais ações coletivas que busquem mudanças através de objetivos e valores comuns a um grupo de indivíduos. Esses grupos geralmente são compostos por parcelas da população para expressar demandas e buscar resolutividade de insatisfações coletivas.

Os chamados novos movimentos sociais proporcionam espaços de educação da sociedade civil, possibilitando que as pessoas marginalizadas possam entrar em contato com narrativas de vidas que possuem aproximações com as suas, possibilitando assim a construção de debates e preservação das culturas que particularmente compartilham, funcionando como forma de enfrentamento ao contexto de exclusão cotidiano (Jesus, 2012).

Um movimento social não tem seu sucesso medido pelo seu tamanho, organização ou satisfação, e sim pela sua capacidade de acessar e reverberar sentimentos, ressentimentos, preocupações, temores e esperanças da coletividade que representa (Jesus, 2012).

Outro conceito caro ao transfeminismo, principal herança do feminismo negro, é a questão da interseccionalidade. A interseccionalidade pode ser compreendida a partir da sobreposição e acúmulo de opressões a que determinados corpos estão suscetíveis ao possuírem diferentes marcadores de vulnerabilidade, como são as questões de raça/etnia, classe social, gênero, sexualidade e deficiência. É a partir disso que o transfeminismo possibilita uma compreensão mais aprofundada das questões particulares das transmasculinidades.

O lugar de homens trans e pessoas transmasculinas tanto no feminismo como no transfeminismo ainda é uma questão em debate. Assim como existem pessoas transmasculinas como Benjamim Neves, Marcelo Caetano, Leonardo Peçanha, Bernardo Mota, dentre outros, que fizeram parte do grupo no Facebook que surgiu a partir dos diálogos iniciais sobre a ocupação desse lugar por volta de 2014 e 2015, temos resistência tanto do movimento feminista, que reitera que este lugar deve ser ocupado apenas por mulheres [cis], quanto de homens trans e transmasculinas que corroboram com tal pensamento quando defendem que o transfeminismo deve ser dedicado a mulheres trans e travestis (Peçanha; Monteiro; Jesus, 2023).

O Transfeminismo das Transmasculinidades é uma perspectiva dentro do transfeminismo que se direciona para as demandas, implicações, percepções e experiências vividas pelas transmasculinidades. Atualmente, essa interrelação é composta por temas como: “(...) gestação paternal, interseccionalidade, aborto transmasculino, paternidade trans, saúde obstétrica transmasculina, legalização do aborto, dentre outros” (Peçanha; Monteiro; Jesus, 2023, p.92).

[Digite aqui]

Vejo-me como parte da parcela da comunidade transmasculina que reivindica esse espaço no transfeminismo e deseja construí-lo, pois corroboro com a ideia defendida por Peçanha, Monteiro e Jesus (2023) de que o transfeminismo e a agenda política das transmasculinidades no Brasil se beneficiam (podem se beneficiar) mutuamente um do outro. Sendo assim, busco em suas construções possibilidades de suporte à leitura das particularidades das transmasculinidades no Brasil, assim como desejo poder contribuir com o seu desenvolvimento a partir dos resultados da presente pesquisa com recorte espacial no oeste potiguar, e, quem sabe um dia, para além.

Dessa forma, construir este trabalho é, para mim, mais do que uma prática acadêmica ou mais uma fase dentro desse percurso, ela é a reafirmação de um posicionamento diante das disputas que atravessam a produção de saber, a nomeação dos corpos e a legitimação das existências.

Ao reivindicar o lugar de sujeito de pesquisa, busco tensionar os limites da cisheteronormatividade e contribuir com a consolidação de um transfeminismo que considere a pluralidade das transmasculinidades. Para tanto, percebo ser necessário sintetizar a resposta da pergunta feita anteriormente: Por que, entre tantas transições que compõe as nossas vidas, coletiva ou individualmente, a transição de gênero é considerada um problema, excessivamente vigiado e patologizado?

Ao longo da discussão realizada percebemos que não se trata de uma anomalia da existência, mas, de um incomodo à ordem vigente. Sendo assim, o que está em jogo não é a transição de gênero em si, e sim, o fato de ela desorganizar os fundamentos de um sistema que luta para se consolidar como natural.

Ao categorizar e patologizar as vivências trans, os regimes biomédicos, educativos, científicos e jurídicos produzem o “desvio” como categoria a ser controlada. Dessa maneira, é o sistema que, ao se sentir ameaçado, aponta-a como inimigo em busca de preservar sua própria lógica de poder:

A contrasexualidade, tirando partido dos ensinamentos de Donna Haraway, apela a uma queerização urgente da “natureza”. As substâncias chamadas “naturais” (testosterona, estrógeno, progesterona), os órgãos (as genitálias masculinas e feminina) e as reações físicas (ereção, ejaculação, orgasmo etc.) devem ser considerados poderosas “metáforas políticas” cuja definição e controle não podem ser deixados nem nas mãos do Estado nem das

instituições médicas e farmacêuticas heteronormativas (Preciado, 2022, p.31).

Ao dialogar com o transfeminismo – enquanto prática política situada – e com a contrassexualidade (Preciado, 2022) – como proposta de subversão tecno-corporal dos regimes sexuais -, este trabalho busca percorrer esse campo de tensões, onde a transição de gênero não será tratada como um objeto a ser explicado, estudado ou decifrado, mas como um ponto de partida legítimo para interrogar os regimes que sustentam a construção de gênero na modernidade ocidental.

Ao invés de tomar a cisgeneridade como referência neutra e silenciosa que define o que é ou não legítimo, esta pesquisa se propõe a deslocar esse eixo, ou seja, é a partir das experiências transmasculinas, dos participantes da pesquisa, do pesquisador e dos autores referenciados, que buscamos compreender as tramas sociais, discursivas e institucionais que produzem o gênero, principalmente o aspecto da masculinidade, como *Cistema* de verdade.

Ele se faz tormento ensurdecador no cotidiano daqueles que não o incorporam, gritando cotidianamente o lugar de inadequação, por meio de olhares práticas institucionais, discursos médicos e dispositivos de controle que reiteram essa centralidade (Simakawa, 2016). Nessa forma, nossa aposta é na subversão, onde não se é mais nomeado pela norma, mas produzir, a partir das margens, um saber que a desestabilize (Preciado, 2022; Jesus, 2012).

1.6 Objetivos

Diante das reflexões e experiências que atravessam esta pesquisa, propõe-se como objetivo geral: **Discutir as experiências na travessia para a construção de identidades de homens trans e pessoas transmasculinas**, considerando os atravessamentos sociais, subjetivos e políticos que compõem esse processo. Para alcançar tal finalidade, a investigação se desdobra em três objetivos específicos:

- I. **Discutir** quais as identidades de masculinidades são referências no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas;
- II. **Analisar** as ressonâncias da convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas;

[Digite aqui]

III. **Problematizar** as possibilidades de construir-se para além das limitações da cisheteronormatividade;

1.7 Apresentação dos capítulos

Esses objetivos, em conjunto, delineiam um percurso que não busca verdades absolutas, mas abertura para escuta, presença e complexidade na forma de pensar as transmasculinidades em sua multiplicidade e força. Buscando respondê-los, construímos a dissertação organizada em três capítulos, cada um dedicado a aprofundar um eixo fundamental da pesquisa, articulando teoria, vivência e análises a partir dos encontros com os participantes e com os referenciais que possibilitaram esta escrita.

O primeiro capítulo investiga as masculinidades que servem de referência (ou não) para homens trans e pessoas transmasculinas, mapeando identidades, negociações e recusas. Tem como base autoras e autores como: Grossi (2004), Machado (2001) e Bourdieu (2002), junto as proposições de Hall, Woodward e Silva (2004) para discutir como as identidades, com foco nas masculinidades, são construídas. Alinhamo-nos ainda a uma perspectiva pós-estruturalista, ancorada nas formulações de Preciado (2020, 2022, 2023), que entende o gênero como tecnologia política e discursiva, analisando como dispositivos somatopolíticos operam na significação social dos corpos.

O segundo capítulo aborda as ressonâncias produzidas na convivência entre homens trans e pessoas transmasculinas, enfatizando como os vínculos entre pares rompem o isolamento historicamente imposto a essas existências. Albuquerque Júnior (2001) é mobilizado para pensar a amizade. Já Foucault (1981), nos auxilia a pensar relações amorosas que escapam do modelo de amor heterossexual. Por fim, Goodman (2002), Guerra (2020), Banke e Tenório (2021) e Santos e Tedesco (2022) alicerçam nossa discussão sobre as convivências nos espaços de luta e militância.

O terceiro capítulo analisa a VII Jornada da Visibilidade Trans como espaço de observação das tensões que atravessam a construção de si diante da cisheteronormatividade, nas esferas institucionais, políticas, coletiva e subjetiva. É também onde são apresentados os interlocutores e as figuras históricas que inspiram seus pseudônimos. A discussão articula Touraine (2006) e Facchini

(2009) para refletir sobre os limites e potencialidades dos movimentos sociais, Banke e Tenório (2021) para destacar o movimento de homens trans e transmasculinos, e Hall, Woodward e Silva (2014) para pensar como os encontros entre sujeitos produzem formas de representação e subjetivação.

2. METODOLOGIA

Percebe-se na história das transmasculinidades (Banke; Tenório, 2021; Nery, 2019; Santos; Tedesco, 2022) que sua transição é vivenciada de forma introspectiva e tem como um ponto recorrente o rompimento de vínculos familiares e sociais. Mesmo sendo essa uma questão que se identifica tanto na experiência das transmasculinidades quanto na de mulheres trans e travestis, percebemos com mais frequência o fortalecimento de relações com pares nas transfeminilidades (Ribeiro et al., 2022, p. 3903). Assim, temos como hipótese⁴ que as transmasculinidades possuem, em suas experiências de vida, pistas para que possamos compreender tal particularidade.

Este trabalho partiu da curiosidade e do desejo do pesquisador e de sua orientadora, ao se depararem com as narrativas construídas na maioria das pesquisas acadêmicas encontradas na revisão bibliográfica realizada, em que nenhuma produção encontrada (considerando nossos critérios de pesquisa) abordou a vivência das transmasculinidades como um fenômeno social complexo. Assim, buscamos nessa pesquisa tomar essas experiências como pontos de partida para uma crítica à cisgeneridade, ao contrário da abordagem tradicional que posiciona a transgeneridade como objeto de estudo a ser investigado, nomeado e classificado.

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, cuja escolha metodológica pauta-se principalmente na percepção e compreensão das experiências humanas. Segundo Stake, Reis e Jacks (2011), pesquisas qualitativas têm como principal interesse entender como as relações humanas acontecem, respeitando suas particularidades e singularidades. Uma pesquisa nessa abordagem envolve desdobramentos interpretativos, experimentais, situacionais e personalísticos, destacando-se pelo caráter aberto e sensível à multiplicidade das vivências humanas (Stake; Reis; Jacks, 2011).

⁴ A hipótese está contemplada nas considerações finais da presente dissertação.
[Digite aqui]

2.2 Procedimentos da pesquisa

Neste contexto, a perspectiva predominante adotado nesta pesquisa foi a cartografia, escolhida por sua capacidade de trabalhar as falas dos interlocutores de maneira múltipla, não linear e não hierárquica. Ela contrapõe-se à perspectiva cartesiana, na qual a pesquisa científica se coloca como instrumento de validação ou refutação das narrativas coletadas. A cartografia sustenta-se teoricamente nos princípios de rizoma, proposto por Deleuze e Guattari (2000), quando enfatiza uma visão da vida, do fenômeno e das relações composta por múltiplas conexões e valorização de desvios e rupturas como aspectos produtivos e constitutivos.

Quando se trata de pesquisa com pessoas transgênero e transexual nos deparamos com uma crítica por parte da comunidade: os pesquisadores não retornam com os resultados das pesquisas para a comunidade, e por vezes esses resultados não estão ligados às necessidades reais das pessoas trans e travestis. Assim, a cartografia, nesta pesquisa, não é apenas uma ferramenta metodológica de coleta de dados, ela é o modo como o conhecimento se constrói.

Escolheu-se operar com base nos princípios de rizoma, considerando uma das suas características apresentadas pelos autores:

Num rizoma [...] cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (Deleuze; Guattari, 2000, p.15).

Podemos identificar que o rizoma consiste em um modelo nem hierárquico, nem linear de organização de pensamento. Os autores constroem o conceito de rizoma – inspirados pela formação e figura de raízes - em oposição ao “velho modelo da árvore” (Deleuze; Guattari, 2000, p.19). O conceito de linhas de fuga, ao ser um imperativo metodológico ativo, exige que o pesquisador tenha uma postura de busca e amplificação ativa dos desvios, rupturas e escapes (Oliveira; Paraíso, 2012) para incorporar o potencial subversivo da cartografia em sua prática em pesquisa.

Enquanto uma postura positivista e tradicional visa conter o fenômeno dentro da previsibilidade e replicabilidade, a cartografia, por meio de sua ênfase nas linhas de fuga, buscando, assim, acompanhar sua movimentação própria e potencializar sua continuidade. Dessa forma, a cartografia é um chamado para o pesquisador traçar, seguir e criar ativamente essas linhas. Isso desloca o pesquisador de um

[Digite aqui]

pretendo observador neutro e objetivo para um dos participantes ativo na desterritorialização do próprio conhecimento, tornando o processo de pesquisa um ato inerente de subversão. O foco está, portanto, na multiplicidade:

Os princípios característicos das multipheidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 2000, p.8).

Na multiplicidade os fragmentos e fluxos se articulam sem um horizonte de totalização, deslocando a atenção do que um objeto é para observar o que ele pode fazer. A cartografia enfatiza a invenção, colocando o problema de pesquisa como um objeto de criação ao invés de resolver problemas preexistentes. Ao dissolver objetos de pesquisa fixos, observando-os mais como fluidos, o foco se desloca para os processos de (des)territorialização. Isso permite ao pesquisador construir uma outra relação com o trabalho que se constrói.

Ao invés de manter distância, o cartógrafo deve dispor-se a ser afetado, aqui Deleuze (2002), ao retomar as ideias de Spinoza, desloca o entendimento de afeto como emoção interna para pensá-lo como afetação, em suas palavras, “(...) as afecções (afetações) designam o que acontece ao modo, as modificações do modo, os efeitos dos outros modos sobre este” (Deleuze, 2002, p.55). Dessa forma, o pesquisador deve ser transformado pelo próprio processo de pesquisa, borrando as dicotomias pesquisador x pesquisado; sujeito x objeto.

Diante disso, a participação na VII Jornada da Visibilidade Trans, promovida pela Associação Potiguar de Travestis e Transexuais – Attransparência, se coloca tanto como campo de observação como espaço de encontro e produção coletiva de saberes, no qual os corpos, experiências, memórias e discursos em circulação contribuíram para a construção das questões aqui contidas.

Ela acontece no estado do Rio Grande do Norte como parte das ações em alusão ao dia 29 de janeiro, Dia Nacional da Visibilidade de Transexuais e Travestis. Ela reafirma a importância de criar espaços de escuta, mobilização, comemoração e protagonismo para pessoas trans e travestis no Estado do RN. Dentro da visão cartográfica que orienta este trabalho, a experiência vivida dentro da Jornada possibilitou deslocamentos, instaurou novas questões e implicou participação direta

[Digite aqui]

do pesquisador, possibilitando a composição de uma metodologia que se fez no encontro e se deixou afetar pela força da presença. Na edição da Jornada desse ano de 2025, as cidades que compuseram seu percurso foram: Macaíba, Mossoró, Pau dos Ferros, Jardim do Seridó, Currais Novos e Natal.

Os interlocutores desta pesquisa⁵, com ressalva apenas para o entrevistado-piloto, foram todos convidados a participar do presente estudo a partir de encontros que ocorreram ao longo do percurso da Jornada. Encontros e percursos estes que estão mais bem descritos no capítulo três desta dissertação.

A princípio, esta pesquisa estava ancorada na proposta de uma pesquisa-ação, com a intenção de construir um documentário com partes das entrevistas realizadas. Contudo, à medida que as entrevistas foram realizadas, transcritas e tematizadas, percebemos uma complexidade nas falas que exigiria maior dedicação na escuta, na leitura e na análise, ao dar-mo-nos conta das descontinuidades, contradições e tensões apresentadas nas narrativas dos nossos interlocutores.

Em alguns momentos, os entrevistados contradiziam-se em relação as suas próprias falas. Já em outros momentos, as experiências de diferentes interlocutores seguiam por direções distintas. Assim, percebemos que dividir o tempo entre a análise das falas e a construção do documentário, poderia comprometer a atenção e o cuidado que desejávamos manter com a análise. Outrossim, a maioria de nossos interlocutores não se mostraram dispostos a participar do documentário.

Dito isto, a cartografia, mais do que um método, constitui uma postura de pesquisa comprometida com os efeitos do encontro e com os deslocamentos que produzem saber (Deusdará, Rocha, 2021). Para orientar o percurso da presente pesquisa, recorreremos às pistas apresentadas por Passos, Kastrup e Escóssia (2010), retomadas e relidas por Deusdará e Rocha (2021) no livro *Análise Cartográfica do Discurso: Temas em construção* (2021).

Pista 1 – A cartografia como método de pesquisa-intervenção

A cartografia, enquanto método de pesquisa, parte da “recusa da objetividade e da neutralidade” (Deusdará, Rocha, 2021, p. 203) como princípios da ciência. Conforme afirmam os autores supracitados, não há exterioridade possível na

⁵ As histórias dos nossos interlocutores está detalhada no capítulo intitulado: “Atravessando jornadas: Para além da cisheteronormatividade”.

produção de conhecimento: o pesquisador está sempre implicado, e é justamente ao trabalhar essa implicação que a cartografia se realiza. Assim, cartografar é “(...) traçar o plano da experiência” (Deusdará, Rocha, 2021, p.203), acompanhando os movimentos do campo em sua multiplicidade, e deixando-se afetar por eles.

Nesta pesquisa, a implicação foi elemento constitutivo do processo investigativo. O diário de campo foi uma das ferramentas para o acompanhamento dessas implicações. A reflexão sobre o uso desse instrumento parte da sua relação com a pesquisa social, funcionando como suporte para o registro das observações, tensões e afetações produzidos no (e a partir do) tempo de permanência no campo de pesquisa (Teixeira; Pacífico; Barros 2023).

Assim,

O diário de campo possibilita a produção de um material de caráter etnográfico, de pesquisa e íntimo, sendo que tais características são concomitantes nos diários. O material produzido no diário de campo se difere de um texto comum, pois apesar de ser um documento científico permite um distanciamento da experiência registrada e avaliação do que houve em contraponto com hipóteses e propósitos. O diário de campo possibilita a documentação dos fatos vivenciados na prática (Freitas et al. 2018, p.236).

A partir das reflexões propostas pelos autores acima e das ideias de Teixeira, Pacífico e Barros (2023), quando esta faz uma profunda reflexão sobre os conceitos de campo e diário, concluindo que “percebe-se que não há um modelo único nem uma única forma de construí-lo” (Teixeira; Pacífico; Barros, 2023, p.1685), podemos considerar o diário de campo como um material físico com registros produzidos a partir das observações, percepções, reflexões e anotações de um microcosmo (campo) composto por linhas de força que atravessam o corpo e o cotidiano que deve ser considerado nas análises considerando à produção de conhecimento (Freitas; Pereira, 2018; Teixeira; Pacífico; Barros, 2023). No contexto da presente pesquisa, foram anotados nele aspectos das atividades formais e informais que contemplaram a Jornada da Visibilidade Trans e percepções anteriores e posteriores às entrevistas.

Fernandes; Moreira (2013) fazem uma contextualização histórica do surgimento da observação participante dentro dos estudos das Ciências Sociais, principalmente a antropologia, apresentando o polonês Bronislaw Kasper Malinowski como seu principal sistematizador. Segundo os autores, Malinowski

Apontou, entre outras, a necessidade de se anotarem as observações em um diário de campo, de se prestar atenção às situações esperadas e

[Digite aqui]

inesperadas do dia a dia, e de aprender a língua e os costumes dos sujeitos observados, os chamados “nativos” (Fernandes, Moreira, 2013, p.518).

Dessa forma a observação participante foi a ferramenta que possibilitou a alimentação desse diário. Esse tipo de observação se caracteriza, hoje, como uma prática interativa que exige envolvimento ativo do pesquisador com os sujeitos e os contextos de pesquisa (Fernandes, Moreira, 2013). Ao não me colocar como observador externo, mas como parte das ações realizadas, vivenciei o campo de forma compartilhada. Tendo em vista as observações e considerações dos autores aqui apresentados, que apontam:

A observação total, isenta, asséptica, “neutra”, nos moldes clássicos das ciências duras, simplesmente não é possível porque o pesquisador inevitavelmente influencia e é influenciado pelo campo de pesquisa e pelos sujeitos investigados, por se encontrar vivenciando interatividade. (...) Já a participação total, ou seja, a identificação total com os sujeitos investigados, também é impossível ao pesquisador, dada a diferença que inexoravelmente o marca e distingue dos sujeitos investigados: sua postura investigativa, pautada pelo rigor metodológico. E é por isso que não é possível estabelecer receitas ou manuais que listem, rígida e dogmaticamente, os procedimentos supostamente corretos nessa técnica (Fernandes, Moreira, 2013, p.521).

Os autores destacam a tensão entre os limites do pesquisador no campo, recusando tanto a neutralidade absoluta quanto a fusão total com os sujeitos. Sendo a observação participante realizada em um entre, onde o pesquisador está inevitavelmente implicado, mas não se confunde com os interlocutores. Assim, uma observação participante, requer do pesquisador bastante investimento teórico-metodológico (Fernandes, Moreira, 2013). Ao implicar convívio, a observação participante traz consigo, a vivência de tensões. Considero que essa presença implicada permitiu observar nuances que não emergiram nas entrevistas, possibilitando ampliações do corpus construído. Participar das atividades foi uma forma de intervenção, entendida não como interferência no campo, mas, como produção conjunta de sentidos.

Pista 2 – Os quatro gestos da atenção cartográfica

A atenção cartográfica trata-se de uma atenção flutuante, concentrada e aberta, que se permite afetar pelas forças do campo e se movimenta conforme as intensidades que emergem. Kastrup (2010 apud Deusdará, Rocha, 2021) propõe quatro gestos fundamentais que compõem essa atenção: O rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

[Digite aqui]

O rastreio, entendido como a varredura inicial do campo, operou nesta pesquisa de diferentes formas. Segundo os autores usados como referência,

Revisar a literatura é atividade essencial no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e científicos. A realização de uma revisão de literatura evita a duplicação de pesquisas ou, quando for de interesse, o reaproveitamento e a aplicação de pesquisas em diferentes escalas e contextos. Permite ainda: observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram brechas na literatura trazendo real contribuição para um campo científico; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência (Galvão; Ricarte, 2020, p.58).

Quando Galvão e Ricarte (2020) mencionam a revisão de literatura como a possibilidade de observar falhas, pensar novas hipóteses ou cumprir brechas na literatura, podemos perceber a aproximação desta com esse gesto de atenção cartográfica. Isso se fortalece no decorrer de suas argumentações, quando defendem que a revisão sistemática de literatura, especificamente, pode ser entendida como um modo de pesquisa que parte do compromisso com a rastreabilidade do percurso construído, diferenciando-se da revisão convencional, que atua mais como uma costura livre de referências escolhidas a partir da sensibilidade do pesquisador, sem critérios delimitados de seleção e organização (Galvão; Ricarte, 2020).

Por mais que discordemos, ao longo dessa pesquisa, com algumas deliberações do rigor científico tradicional, compreendemos a importância e a diferença que um mapa delimitado, onde o pesquisador define previamente onde vai realizar a busca (base de dados), como vai realizá-la apontando as palavras-chave e operadores booleanos utilizados, o que vai considerar válido (critérios de inclusão) e o que vai deixar de fora (critérios de exclusão) (Galvão; Ricarte, 2020), permite que cada passo descrito possa ser seguido por outra pessoa, como um traçado que permite a replicabilidade do percurso sem necessariamente ser igual.

Diante disso, a revisão sistemática de literatura constitui, por si mesma, um tipo de investigação, posto que existe, além do que foi citado acima, uma pergunta norteadora, uma metodologia definida, um corpo documental e, a partir disso, constroem-se resultados e conclusões (Galvão; Ricarte, 2019). Possibilitando que, a partir de uma visão cartográfica, ela se torne um modo de pensar o campo discursivo da pesquisa antes de se lançar a ele de forma direta e, ao mesmo tempo,

uma forma de deslocar esse campo ao colocar em evidência os modos como ele tem sido construído.

O meu primeiro movimento nesse sentido foi a realização de uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de identificar e analisar as produções científicas sobre as vivências transmasculinas no Brasil, que foi realizada nas bases de dados: Scielo, Portal de Periódicos da Capes, Domínio Público, Biblioteca de Teses e Dissertações da USP e repositórios da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que pode ser encontrada de forma mais detalhada mais a frente desta metodologia. Além disso, o rastreio se atualizou na imersão do pesquisador em atividades, encontros e espaços vivenciados ao longo da Jornada da Visibilidade Trans em janeiro de 2025, compondo uma escuta atenta aos modos de existência e às narrativas que ali se produziram.

O toque é o gesto que se dá quando há a afetação da atenção ao nível das sensações por uma força (Deusdará, Rocha, 2021). Nessa pesquisa, ele se manifestou nas atividades da Jornada da Visibilidade Trans, mas principalmente, nos encontros produzidos pelas entrevistas. O entendimento desse instrumento foi orientado pelas seguintes autoras e autores: Silva, Oliveira e Neves (2021) e Leitão (2021).

Tanto Leitão (2021) quanto Silva, Oliveira, Neves (2021) reforçam a importância de um planejamento metodológico cuidadoso, posto que a escolha das técnicas deve ser um reflexo de como o pesquisador busca responder seus objetivos de pesquisa. Assim, a definição pela entrevista como ferramenta central veio do desejo de criar um espaço de escuta que permitisse o entrelaçamento de memórias, afetos e sentidos atribuídos às experiências de vida (Leitão, 2021), o que também justificou a escolha da entrevista do tipo semiestruturada (Silva; Oliveira; Neves, 2021).

A entrevista é muito utilizada em pesquisas por ter caráter de diálogo, possibilitando o acesso do/a pesquisador/a às informações que não são encontradas em documentos com riqueza de detalhes, pois são informações oriundas da vivência do/a participante (Silva; Oliveira; Neves, 2021). Assim como a entrevista do tipo semiestruturada foi escolhida por ser uma forma de entrevista mais flexível,

[Digite aqui]

possibilitando uma maior e mais livre interação entre o pesquisador e os entrevistados, além de permitir um aprofundamento nos significados dados pelos participantes às suas experiências (Silva; Oliveira; Neves, 2021).

Silva, Oliveira e Neves (2021) ressaltam a importância da ética do pesquisador, que deve ser assegurada tanto pelo seu compromisso e ações diante da pesquisa, quanto pela submissão da mesma ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), como forma de firmar seu compromisso tanto com as informações como com os sujeitos que fizeram parte da pesquisa. Dessa forma, após o planejamento consolidado e a etapa de qualificação do projeto de pesquisa, este foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sem correções por parte do CEP com o parecer de número 7.119.167, assegurando a conformidade com os princípios éticos exigidos nas pesquisas com seres humanos.

No momento do encontro com os interlocutores, inicialmente foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶, que de acordo com os autores:

é um documento que apresenta a pesquisa através do título e do objetivo geral, quem é o/a (são os/as) responsável(is) pela pesquisa, como se dará a participação do sujeito. Caso o/a participante concorde com as proposições do TCLE, deve ser assinado tanto pelo/a investigador/a quanto pelo/a participante. O TCLE firma a postura ética do/a pesquisador/a para com o/a participante e a autorização do/a participante para o uso dos dados construídos na entrevista. Portanto, o TCLE é importante para resguardar ambas as partes (Silva; Oliveira; Neves, 2021, p.116).

Na ocasião da apresentação do TCLE, a pesquisa foi explicada em seus objetivos, procedimentos e possibilidades de uso do material. Após a leitura, tanto o pesquisador quanto interlocutor assinaram duas vias do termo, ficando cada um com uma cópia. Para o registro das entrevistas optamos por utilizar dois equipamentos distintos: um gravador e um smartphone.

Ainda que Silva, Oliveira e Neves (2021) recomendem a utilização de apenas um dispositivo, nossa decisão de utilizar ambos foi motivada por uma necessidade específica da pesquisa. Enquanto o gravador foi destinado ao registro da voz, o smartphone capturou as imagens das entrevistas (quando autorizada). Isso ocorreu porque, naquele momento da pesquisa, ainda existia a intenção de utilizar os registros visuais na composição do documentário, proposta que foi posteriormente revista.

⁶ O TCLE está contido na íntegra nos anexos desta dissertação.
[Digite aqui]

As entrevistas não foram apenas para coleta de informações, mas, ocasiões em que forças presentes nas falas, olhares, gestos e silêncios fizeram vibrar questionamentos, memórias e afetos que, muitas vezes, atravessaram-me profundamente e produziram diferentes camadas de reverberações em mim.

O pouso acontece quando há uma definição de um território novo delimitado pela percepção. Foi a partir da tematização das entrevistas que os territórios de análise foram construídos, quando alguns temas começaram a se destacar como linhas de forças da pesquisa. O roteiro das entrevistas foi construído tendo como base os objetivos da pesquisa, porém, por consistir em um roteiro de natureza semiestruturada, permitiu que cada encontro seguisse o seu próprio percurso.

A tematização, nesse sentido, foi sendo trilhada a partir das repetições, divergências e contradições nas falas dos interlocutores, assim como as reverberações que essas falas produziram no pesquisador (Leitão, 2021; Silva; Oliveira; Neves, 2021). A cada tema foi destinado um capítulo presente na pesquisa. A masculinidade apareceu com frequência em quase todas as entrevistas, fazendo-se um eixo central de análise e compõe um dos capítulos. As relações que compõem a vida dos participantes, inicialmente pensada para contemplar relações familiares, afetivo-sexuais, amizades e profissionais, também ocuparam lugar de destaque. Contudo, um deslocamento importante ocorreu quando nos demos conta dos vínculos entre alguns dos interlocutores, o que reconfigurou o modo como os temas foram abordados.

O último tema surgiu no decorrer da escrita da metodologia da pesquisa, quando se tornou evidente que as experiências, observações e reflexões vividas durante a VII Jornada da Visibilidade Trans, assim como a apresentação e a escolha dos nomes utilizados para referir-se aos interlocutores dentro da pesquisa, precisavam ser incluídas como parte constitutiva do desenvolvimento da pesquisa.

A fins de localização e informação, os nomes escolhidos pelo pesquisador para resguardar a identidade dos participantes da pesquisa foram nomes de figuras importantes para o movimento transmasculino no Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte. As figuras foram: João W Nery, Paulo Vaz, Murilo Alves e Anderson Herzer. Dois dos interlocutores solicitaram que seus nomes próprios fossem utilizados na pesquisa e assim fizemos. Como dito anteriormente, maiores detalhes sobre as histórias dos interlocutores e dos ativistas aqui citados, compuseram o

[Digite aqui]

capítulo que se dedica a explorar o percurso vivenciado ao longo da VII Jornada da Visibilidade Trans.

Já o reconhecimento atento diz respeito ao tempo necessário para acompanhar o que se deixou tocar e onde se escolheu pousar. Esse gesto atravessa as análises e a escrita deste texto, em que os elementos reunidos passam a ser revisitados, ressoados e reorganizados, não como tentativa de totalizar, mas como forma de produzir um mapa: tanto do percurso da pesquisa como dos discursos, das memórias e das experiências mobilizadas ao longo do percurso; tanto dos interlocutores como dos pesquisadores. É nesse tempo dilatado que as experiências ganham espessura e o pensamento se alinha ao vivido, sem pretensão de encerrar o movimento da pesquisa, mas afirmando-o como processo.

Pista 3 – A cartografia e sua afinidade com o acompanhamento de processos

Na cartografia trata-se de acompanhar processos e não fixar identidades ou estado de coisas. “Para isso, é preciso manter o objeto em sua rede de relações históricas, desenhando suas conexões com o mundo, para enxergar a rede de forças em que se encontra” (Deusdará, Rocha, 2021, p.204). Seguindo o direcionamento dessa pista e a reflexão de Leitão (2021) apontando que as técnicas de observação são especialmente úteis para a investigação qualitativa de fenômeno no momento de seu acontecimento, as entrevistas se mostram como instrumentos eficientes para o contato com significados atribuídos internamente pelos sujeitos tais como motivações, desejos, receios ou pontos de vista sobre uma ou mais questões (Leitão, 2021).

Numa concepção tradicional dentro da ciência, reiterando um imaginário dominante no qual o valor de uma pesquisa estaria diretamente atrelado à sua capacidade de oferecer respostas e soluções, “Se espera que uma pesquisa agregue novos conhecimentos e obtenha importantes e relevantes resultados para a sociedade” (Silva; Oliveira; Neves, 2021, p.114). Contudo, ao invés de ver o conhecimento como algo que se agrega de forma linear e acumulativa, a cartografia propõe pensar o saber como um processo em constante deslocamento (Deusdará; Rocha, 2021).

Diante do exposto acima, nosso foco não esteve em estabilizar categorias ou sujeitos, mas em acompanhar os modos como experiências, sentidos e memórias se

[Digite aqui]

deslocam. As transcrições das entrevistas (Deusdará; Rocha, 2021), lidas em articulação com os registros da observação participante contidos no diário de campo, funcionaram como dispositivos capazes de tornar visíveis tais movimentos. Eles não apenas registraram o que foi dito, mas, ajudaram a compor uma escuta capaz de captar desvios, hesitações, silêncios e inflexões que escapam à linearidade da narrativa.

Pista 4 – Sobre dispositivos na cartografia

Na perspectiva cartográfica, os dispositivos operam como zonas de encontro entre formas e forças. Em sua versão deleuziana, são atravessados por linhas de visibilidade e regimes discursivos, que se articulam a linhas de força e de subjetivação (Deusdará; Rocha, 2021). Assim, subjetividades não preexistem ao campo, mas se produzem na relação entre o que pode ser dito, o que pode ser visto e o que pode ser vivido.

Sendo assim, mais do que descrever realidades já dadas, esses materiais operaram como ativadores de sentidos em movimentos. Essa mobilização só é possível porque a experiência, aqui, não é pensada como algo que se possui ou se relata, mas como aquilo que nos acontece e nos transforma. Como aponta Larrosa Bondía (2002), a experiência exige uma suspensão, um tempo outro, em que o sujeito se deixa afetar e, nesse deixar-se afetar, algo nele se modifica. A fala, a escuta, o encontro, a escrita e a leitura, nesse sentido, são modos de colocar-se em risco e de tornar-se outro com aquilo que vive.

Na mesma direção, Ribeiro (1985) defende que é necessário reabilitar o afetivo: prestar atenção ao corpo como totalidade, como esse que vê, que sente, que toca e que pensa, pois o corpo é a própria pessoa. Ambos os autores colocam em xeque a informação enrijecida, que se impõe como verdade pronta e impede uma experiência real do vivido, tecido na relação entre sujeito e mundo.

Pista 5 – A cartografia e o encontro das formas e forças

Essa pista trata-se de recusar a tradicional dicotomia entre o social e o individual, dando lugar a acompanhamento dos processos de individuação que se formam nas dobras da experiência (Deusdará, Rocha, 2021). Assim, “apreender um

plano coletivo de forças é dar voz a essa franja de pré-individualidade” (Deusdará, Rocha, 2021, p. 205).

Podemos aqui estabelecer um diálogo com a ideia de memória trabalhada por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1994), quando afirma que a memória não é propriedade individual, fechada em si mesma, mas uma operação subjetivante que acontece nas tramas sociais e temporais em que os sujeitos estão inscritos.

Albuquerque Júnior (1994, p.49) complementa ainda: “Já que estas (as memórias) estão presas em maior grau à convencionalização, por também estarem presas ao próprio grupo que as produzem”, isso significa que nossas memórias não apenas emergem das nossas experiências pessoais, mas são também modificadas por convenções, negociações e disputas compartilhadas coletivamente. Aquilo que lembramos não existe isoladamente em cada sujeito, porém, é produzido em constante movimento e diálogo entre individual e coletivo.

Assim, buscamos, ao invés de memórias isoladas e fixas, acompanharmos os movimentos, as conexões, as disputas e as transformações que as memórias, os discursos e as experiências realizam no plano coletivo da pesquisa. Seguindo a cartografia, nosso trabalho se propôs dar espaço às forças pré-individuais, subjetivantes e aos atravessamentos coletivos que marcam e transformam tanto as experiências quanto as memórias narradas.

Para acessar as experiências e memórias que compõem esta pesquisa, foram utilizados um conjunto complementar de técnicas: entrevista semiestruturada, diário de campo, observação participante, gravação de áudio e transcrição integral das falas.

Foram realizadas 5 entrevistas individuais e uma em dupla, com pessoas transmasculinas. Uma das entrevistas foi piloto, realizada antes da Jornada da Visibilidade Trans devido à proximidade e disponibilidade do entrevistado, permitindo ajustes e adaptações posteriores no roteiro. Inicialmente, havia o interesse em selecionar interlocutores com diferentes tempos de transição.

No entanto, em virtude da baixa presença de pessoas transmasculinas nas cidades visitadas pela caravana da Jornada da Visibilidade Trans, as entrevistas ocorreram com as pessoas presentes e disponíveis no momento, garantindo uma representatividade mínima de cada cidade visitada. Em duas localidades onde não houve participação de pessoas transmasculinas, entrevistas adicionais foram

[Digite aqui]

realizadas em Natal e com um participante que acompanhou todo o trajeto da jornada, mesmo que sua cidade não estivesse inicialmente prevista para acontecer atividades da Jornada. Vale salientar que nenhum convite feito foi recusado pelos participantes abordados.

O roteiro das entrevistas foi elaborado inicialmente com base nos objetivos específicos da pesquisa. Contudo, como foi citado anteriormente, foram realizadas alterações após a entrevista piloto, tanto pelas percepções do pesquisador quanto por sugestões diretas do entrevistado. Estas modificações permitiram aprofundar a escuta. Os roteiros inicial e final serão apresentados nos anexos da dissertação, onde será possível visualizar as modificações realizadas.

Vale ainda salientar que todas as entrevistas foram gravadas em áudio, respeitando a autorização dos participantes e garantindo o conforto e a autonomia de cada um para interromper ou não responder questões. Posteriormente, as gravações foram integralmente transcritas, preservando seus regionalismos e especificidades linguísticas. As transcrições dos áudios foram realizadas na ferramenta de transcrição Sonix e, posteriormente, revisadas e corrigidas pelo pesquisador. Essas técnicas, articuladas entre si, foram fundamentais para a construção de um acervo rico e diversificado de dados qualitativos, garantindo diferentes formas de registros das experiências transmasculinas encontradas ao longo da presente pesquisa.

Pista 6 – A dissolução do ponto de vista do observador

Essa pista propõe uma ruptura com a ideia de um pesquisador externo e distante. Em vez disso, sugere um deslocamento: o pesquisador deixa de ser esse alguém, que observa de fora para se reconhecer implicado, imerso e em relação direta com aquilo que investiga. Isso significa reconhecer que as práticas de pesquisa são, ao mesmo tempo, produtoras da realidade que buscam compreender (Deusdará, Rocha, 2021).

Essa perspectiva apresenta a ideia de performatividade, apontando a capacidade que as práticas discursivas têm de produzir o mundo ao invés de simplesmente descrevê-lo. O que existe, portanto, não é uma experiência pronta esperando ser descoberta pelo pesquisador, mas uma realidade que se constrói nos encontros e relações que ele estabelece com o campo (Deusdará, Rocha, 2021).

[Digite aqui]

Quando perdemos de vista essa visão produtora da experiência, podemos cair na chamada “inversão de base” (Deusdará, Rocha, 2021, p.206). Isso acontece quando tratamos as experiências como simples representação ou reações a algo pré-existente, algo que está ali antes do encontro. Nesse caso, a experiência deixa de ser entendida como um processo vivo, que cria e transforma, e passa a ser vista como algo fixo, pertencente a um indivíduo ou sujeito específico. Para Larrosa (2002) e Ribeiro (1985), dentro desse cenário fixo e pré-estabelecido, o sujeito não tem como viver, de fato, uma experiência, diante do caráter de deslocamento da experiência.

Pista 7 – O gesto de cartografar como construção de um plano comum

Como indicam todos os autores mobilizados, cada um a sua maneira, a realidade emerge nas dobras da linguagem, dos gestos e dos afetos e é nesses movimentos que o plano comum se constrói. Plano esse que não significa uma busca por unidade ou apagamento das diferenças, dentro da cartografia, mas afirmar o comum como aquilo que se produz na relação, respeitando sua heterogeneidade (Deusdará, Rocha, 2021). O plano comum seria, portanto, um espaço compartilhado, sempre em tensão, onde cada um se coloca e se desloca a partir do contato com o outro. A cartografia, nesse contexto, opera como modo de caminhar junto, sem fixar direções nem antecipar respostas, mas abrindo-se às forças do que pode emergir nos encontros.

2.4 Revisão sistemática de literatura

A revisão sistemática de literatura é uma etapa indispensável do desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica, como vimos anteriormente. Ela permite investigar o panorama atual de um determinado campo de estudo. Com ela é possível identificar lacunas, tendências e avanços nas pesquisas existentes, orientando o direcionamento dos novos estudos e evitando duplicidade nas construções de pesquisa. Ao analisar as produções existentes também é possível verificar como os temas estão sendo apresentados e discutidos no meio científico.

Diante disso, o desenvolvimento da revisão de literatura teve como objetivo identificar e analisar as produções existentes acerca das vivências transmasculinas no Brasil. Tendo como perguntas norteadoras da sua construção: Quais as

possibilidades de experiências são vivenciadas pelas transmasculinidades? Como estão sendo representadas essas vivências nas produções científicas?

A revisão bibliográfica considerou publicações localizadas nas bases de dados SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e Domínio Público, assim como repositórios de teses e dissertações de universidades públicas brasileiras: Biblioteca de Teses & Dissertações, no Repositório da Universidade de São Paulo - USP, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

A revisão sistemática de literatura presente abaixo aconteceu em duas etapas. Na primeira, os textos selecionados foram lidos integralmente, a partir de descritores e operadores booleanos que, embora previamente definidos, foram adaptados conforme as especificidades de cada plataforma, com o intuito de refinar a busca e encontrar produções que respondessem à pergunta de partida da revisão.

Já na segunda etapa, optou-se por uma leitura apenas dos resumos dos trabalhos encontrados (que não estavam na primeira revisão). Essa escolha foi orientada pela necessidade de manter a revisão o mais atualizada possível dentro dos limites de tempo disponíveis para defesa da dissertação.

Ainda que os mesmos descritores tenham sido utilizados, os resultados encontrados não apareceram seguindo uma linha cronológica contínua, o que acreditamos que possa ser resultado de inclusões posteriores. Diante disso, adotou-se os mesmos critérios de seleção da primeira etapa, mesmo com a limitação de não realizar a leitura integral dos textos nessa segunda fase, a fim de assegurar a pertinência temática dos estudos considerados. Dito isso, os critérios de inclusão e exclusão que estabelecemos foram:

Os critérios de inclusão e exclusão que estabelecemos foram:

Critérios de inclusão:

- (a) serão incluídos trabalhos publicados e disponíveis integralmente em bases de dados científicas exclusivamente online;
- (b) serão incluídos trabalhos que apresentam indicadores A1, A2, A3 ou A4, no caso de artigos. E enquanto a trabalhos de conclusão serão incluídos apenas Teses e Dissertações;

(c) serão incluídos trabalhos, em língua portuguesa, que abordem a questão das vivências das transmasculinidades no Brasil.

Critérios de exclusão:

- (a) serão excluídos trabalhos que abordam a temática das vivências das transmasculinidades que abordem o HIV/AIDS;
- (b) serão excluídos trabalhos que não apresenta como foco principal as questões relacionadas às transmasculinidades;
- (c) serão excluídos trabalhos que abordam a temática das vivências das transmasculinidades que sejam voltados exclusivamente a educação;

Critérios de qualidade dos estudos primários: O trabalho deverá ter sido publicado em periódico ou anais de eventos com revisão por pares quando se referir a artigos ou aprovado por banca examinadora quando se referir a trabalho de conclusão de cursos, mestrado ou doutorado. Para avaliar os trabalhos serão utilizados os seguintes critérios: população considerada na avaliação e métodos utilizados.

A seguir, apresentamos as tabelas com os resultados obtidos:

2.4.1 – SciELO

Data de busca 1: 24/05/2024

Data de busca 2: 20/07/2025

Palavras-chave utilizadas: vivências, transmasculino, homens trans;

Strings de busca utilizadas: vivências AND transmasculino OR homens trans;

Lista de trabalhos encontrados (busca 1): 09 resultados obtidos e apenas 02 dialogam com a proposta inicial;

Lista de trabalhos encontrados (busca 2): 18 resultados obtidos e apenas 02 dialogam com a proposta inicial;

Tabela 1 - SciELO 1

Título,	Local	Critérios	Resultados
---------	-------	-----------	------------

[Digite aqui]

Autoria, Ano,	de Publicaçã o		
1.Da transfobia ao racismo: Experiências de transição de homens transexuais negros Boffi; Santos 2023	Revista Psicologia USP	(a), (b), (c)	Seguindo os passos da análise temática reflexiva, foram elaboradas duas categorias: o racismo como ato de validação da identidade masculina e a dificuldade da empregabilidade em decorrência do racismo estrutural. Os resultados sugerem que o reconhecimento social das identidades transmasculinas negras advém, em alguns casos, da via do racismo, quando este se intersecciona com a transfobia e os sujeitos que transicionaram passam a ser lidos como “homens [cis] perigosos”.
2. A transfobia como doença social: discursos de vulnerabilidades em homens trans e pessoas transmasculinas Lobo et al, 2023	Revista Brasileira de Enfermagem	(a), (b), (c)	A transfobia trouxe repercussões intra e interpessoais na vida e saúde de homens trans e de pessoas transmasculinas que frequentam serviços de saúde. Encontraram-se vivências de violências no espaço privado, esgarçamento de vínculos familiares; discriminação no espaço escolar; limitação nas oportunidades profissionais/trabalho; barreiras no autocuidado e acesso aos serviços de saúde; elaboração de estratégias de proteção da identidade trans; consequências da transfobia na saúde psicoemocional.

Tabela 2 – SciELO 2

Título, Autoria,	Local de	Critérios	Resultados
-----------------------------	---------------------	------------------	-------------------

[Digite aqui]

Ano,	Publicação		
1.Desafios para o suporte à amamentação em homens transgêneros sob à luz da interseccionalidade Galvão et al, 2024	Ciência & Saúde Coletiva	(a), (b), (c)	O estudo tem como resultados que a cisheteronormatividade e o poder profissional contribuem para a exclusão da população trans no contexto da amamentação. Profissionais tendem a priorizar discursos biomédicos, negligenciando as subjetividades trans, enquanto pessoas trans denunciam discriminações e reivindicam cuidados transcompetentes. A interseccionalidade é destacada como caminho para políticas públicas mais equânimes.
2.“Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil Sousa; Iriat, 2018	Cadernos de Saúde Pública	(a), (b), (c)	O artigo tem como conclusão de que a transfobia constitui o principal atravessamento nas necessidades e demandas de saúde dos homens trans, atuando como um mecanismo estruturante de exclusão que se manifesta tanto nas práticas institucionais quanto nas interações cotidianas. Com os resultados apresentados aqui podemos identificar que a violência sistemática impacta diretamente a forma como esses sujeitos acessam e experienciam o cuidado em saúde, tornando visível um cenário em que a cisheteronormatividade delimita quem é reconhecido como legítimo nos espaços de atenção à saúde. A pesquisa destaca ainda que a despatologização das vivências trans, o acesso às modificações corporais e o acolhimento ambulatorial são dimensões centrais dessas demandas, mas que não podem ser

			compreendidas isoladamente, visto que elas fazem parte de uma luta mais ampla por dignidade, reconhecimento e cidadania.
3 Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina Lima; Cruz, 2016	Sexualidad, Salud y Sociedad	(a), (b), (c)	O artigo investiga como o uso da testosterona atravessa a construção das identidades de homens transexuais e a produção do cuidado em saúde, com base em seis entrevistas. As autoras destacam que a hormonização, além de transformar o corpo, atua como dispositivo biopolítica que conforma subjetividades e legitima a identidade masculina. No entanto, o acesso aos hormônios é marcado por precariedades, burocracias e ausência de acolhimento contínuo nos serviços públicos, o que leva muitos ao uso sem acompanhamento médico. O cuidado, nesses contextos, permanece centrado em procedimentos e laudos diagnósticos, negligenciando dimensões subjetivas e relacionais. Diante disso, as redes sociais e os pares tornam-se espaços fundamentais de informação e apoio, apontando para a urgência de políticas de saúde que reconheçam as especificidades das vivências transmasculinas e apostem em práticas mais integradas, éticas e comprometidas com a singularidade de cada trajetória.

2.4.2 - Portal De Periódicos Capes

Data de busca 1: 27/05/2024

Data de busca 2: 25/07/2025

Palavras-chave utilizadas: vivências, transmasculino, homens trans

Strings de busca utilizadas: vivências AND transmasculino OR “homens trans”

[Digite aqui]

Lista de trabalhos encontrados 1: 137 resultados obtidos e apenas 12 dialogam com a proposta da pesquisa.

Lista de trabalhos encontrados 2⁷: 28 resultados obtidos e apenas 4 dialogam com a proposta da pesquisa.

Tabela 3 – Portal de Periódicos Capes 1

Título, Autoria, Ano	Local de Publicação	CrITÉrios	Resultados
1.Narrativas de homens trans: uma análise discursiva no Facebook Brito; Martínez- Ávila; Silva, 2023	Encontros Bibli	(a), (b), (c)	As mídias sociais têm importante relevância na vivência de homens trans, tanto como forma de sociabilidade, como no processo de ativismo. Esses sujeitos utilizam as tecnologias de informação e comunicação como canais de difusão de informações com o intuito de atender suas necessidades, reforçar seu posicionamento e sua configuração social. O estudo construiu um comparativo com resultados de um estudo realizado um ano anterior a sua elaboração, comparando-os foi possível perceber que os assuntos presentes nos discursos dos usuários permanecem muito próximos pois assuntos como: retirada dos seios, aceitação social e apoio familiar apresentam-se como fundamentais em ambos os estudos.
2. Sentidos e significados de parentalidade entre homens trans que	Revista Ciência & Saúde Coletiva	(a), (b), (c)	Os resultados mostram que assim como a sexualidade a parentalidade é gerida por processos de controle social e biopolítico, que sujeita os corpos e

⁷ A lista 2 é composta por trabalhos a partir de agosto de 2024.
[Digite aqui]

engravidaram antes da transição de gênero Dantas et al., 2023			regula as populações de acordo com as normas cisheteronormativas. Esses processos refletidos nos discursos regulatórios dificultam a resignificação da parentalidade de homens trans que engravidaram antes da transição. Para os participantes da pesquisa falar sobre suas experiências de parentalidade significa encarar a violência e a exaustão, pois as condições atuais exigem ações constantes de enfrentamento contra as diversas formas de transfobia, além de marcar um lugar de afirmação de suas identidades. Diante disso, a passabilidade atua como um mecanismo de significação dupla, onde de um lado temos a proteção de ataques, violência e preconceito e, do outro, temos a invisibilização dessas subjetividades. Dessa forma, a construção da transparentalidade pareceu não se desvincular do modo binário instituído na noção de parentalidade, pois foi possível perceber que o pai pode se utilizar de estereótipos de gênero masculino para demarcar o exercício de um papel paterno.
3. Masculinidades em construção, corpos em (re)construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador	Revista Ciência & Saúde Coletiva	(a), (b), (c)	A hormonização possibilita mais do que modificações corporais de conformação de identidade. Elas apresentam novas posições sociais e políticas aos sujeitos que passam a ser reconhecidos como corpos masculinos. Mesmo que o desejo por corpos que caibam na norma cisgênera seja criticada pela militância, os participantes não apresentaram tal

Ribeiro et al., 2022			preocupação. Ainda assim, os participantes revelaram valorizar atributos que escapam da masculinidade cisheteronormativa. Alguns participantes relataram que nas entrevistas que construíram o estudo foi a primeira oportunidade que tiveram de falar de si.
4. Percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivo-sexuais Boffi; Santos, 2023	Revista Psicologia Ciência & Profissão	(a), (b), (c)	A pesquisa possibilitou identificar as percepções e expectativas de homens trans acerca dos relacionamentos afetivos-sexuais após sua transição de gênero. Os homens trans entrevistados perceberam que tiveram menos oportunidades de relacionamentos afetivos após a transição. O relacionamento com mulheres [cis] que se identificam como lésbicas desencadeiam desconforto nos homens trans, pois estes sentem sua identidade de gênero invalidada. Por vezes a sexualidade da companheira é revista e ela se compreende, a partir de então, como bissexual ou heterossexual, podendo assim validar a identidade de gênero do companheiro. Quando estamos diante de relacionamentos com mulheres [cis] que se identificam como heterossexuais, o estudo defende que existe uma menor probabilidade de acontecer, devido a ausência do pênis. As mulheres [cis] que se nomeiam enquanto bissexuais parecem ser as parceiras mais prováveis, por se sentirem atraídas tanto pela aparência masculina quanto pela genitália feminina. O presente trabalho ainda percebe a fetichização dos corpos

			transmasculinos como altamente prevalente e fortemente presente nas percepções dos entrevistados.
5. Homens trans e atividade física: A construção do corpo masculino Serrano; Caminha; Gomes, 2019		(a), (b), (c)	O estudo realizou entrevista com 8 homens trans que frequentam o Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transsexuais de João Pessoa/PB. Foi possível concluir que os entrevistados fazem uso das atividades físicas em busca do que eles acreditam representar um corpo masculino, ou seja, buscam definição e ganho de musculatura. A pesquisa defende que existe a influência do contexto social, histórico e cultural na construção da masculinidade dos sujeitos. Outro fator relevante nessa construção é a influência das referências oferecidas pela mídia tanto de homens cisgênero como dos próprios homens trans. Um ponto ao qual o texto destaca como importante é o combate à transfobia dentro dos espaços de práticas esportivas, independentemente de serem públicos ou privados, com o intuito de oferecer ambientes de qualidade para a realização dessas atividades.
6. Da transfobia ao racismo: experiências de transição de homens transexuais negros Boffi; Santos, 2023	Revista Psicologia USP	(a), (b), (c)	Seguindo os passos da análise temática reflexiva, foram elaboradas duas categorias: o racismo como ato de validação da identidade masculina e a dificuldade da empregabilidade em decorrência do racismo estrutural. Os resultados sugerem que o reconhecimento social das identidades transmasculinas negras advém, em alguns casos, da via do racismo, quando este se intersecciona com a

			transfobia e os sujeitos que transicionaram passam a ser lidos como “homens [cis] perigosos”.
7. Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes Silvestrin; Vaz, 2021	Revista Estudos Feministas	(a), (b), (c)	Procurou-se apontar como as pessoas transmasculinas vêm se inserindo nas práticas esportivas e compreender o seu significado pessoal diante delas. Em um primeiro momento levantam a influência da utilização da testosterona para a masculinização dos corpos de homens trans e a exigência do esporte por tais corpos. Em segundo momento percebe-se que para os participantes da pesquisa os times de futebol e as experiências em equipes trata-se de importantes espaços de socialização, sendo defendido como “mais do que o esporte”. Portanto, defendem que a prática esportiva possibilita a elaboração e construção de si para além do dispositivo de saber-poder e médico-jurídico que constantemente regula as experiências trans.
8. Desafios para o suporte à amamentação em homens transgêneros sob à luz da interseccionalidade Galvão et al., 2023	Revista Ciência & Saúde Coletiva	(a), (b), (c)	O profissional de saúde assume uma posição de poder que se reflete nas relações com as pessoas trans no contexto da amamentação. As experiências de vida desses profissionais, construídas em instituições religiosas, familiares, educacionais e a sociedade em si, sustentadas pela cisheteronormatividade, corroboram junto a escassez de protocolos e materiais que contemplam a amamentação em famílias não normativas para a conjuntura atual das vivências dos homens trans no Banco de Leite Humano, permeada por

			desinformações e violências. Como solução para os desafios identificados na pesquisa os autores incentivam a construção de mais pesquisas sobre o tema, a elaboração de materiais e protocolos voltados às particularidades dos homens trans no contexto dos Bancos de Leite Humano e na construção de políticas públicas que abordem tal parcela da população.
9. (Des)Construção da parentalidade trans: Homens que engravidam Pinho; Rodrigues; Nogueira, 2020	Revista ex æquo	(a), (b), (c)	De acordo com a presente pesquisa, homens trans preferem ocultar aspectos particulares de suas identidades trans para atender aos padrões cisheteronormativos da sociedade, como forma, também, de evitar o controle médico e o histórico de patologização dessas identidades. Porém, as transformações físicas causadas pela gravidez dificultam o ocultamento de alguns desses aspectos, causando desconforto e mal-estar nesses sujeitos. A gravidez deve ser pensada a partir do seu envolvimento com as relações de poder, relações de gênero e acesso à saúde. A cisheteronormatividade sonega a existência de experiências trans, assim, o ato de engravidar enquanto corpo masculino e transgênero é um ato político de resistência. Para que seja possível combater o cenário de negligência e violência existente quanto ao cuidado em saúde de homens trans grávidos e seus bebês, visa-se a criação de condições que derrubem os sistemas geradores de sofrimento e que abarque a

			diversidade característica da humanidade.
10. "Homem de verdade" e a patologização das identidades trans Soares; Rodrigues; Nogueira, 2021	Revista Crítica de Ciências Sociais	(a), (b), (c)	Os discursos pautados em categorias como: "trans verdadeiro" e "corpo errado" são variações dos discursos cis-heteronormativos e biomédicos que pressionam as pessoas trans a passar por modificações e intervenções corporais para encaixar-se na binaridade normativa existente, reiterando modelos e categorias limitadas de existência. Portanto, fortalecer o diálogo entre os estudos trans e os das masculinidades possibilitam a criação de novas concepções acerca do que é ser masculino, demonstrando que a masculinidade pode ser expressa por uma variedade de corpos. Sendo assim, é importante construir uma nova definição do que é "ser homem" e do que é "ser masculino" extrapolando a perspectiva essencialista e as categorizações impostas e limitadas.
11. Homens trans e gestação paterna: experiências durante o período gravídico-puerperal Silva; Puccia; Barros, 2023	Revista Crítica de Ciências Sociais	(a), (b), (c)	Encontramos uma persistente fragilidade diante da produção científica quando o tema é transparentalidade e trajetória obstétrica de homens trans. O maior investimento nessa produção possibilita a reformulação dos currículos da formação de profissional da saúde para atender de maneira mais adequada e inclusiva às diversidades de identidade de gênero. Muito das dificuldades vivenciadas pelo homem trans e sua parceira, mulher cisgênero, no relato compartilhado pela

			pesquisa refletiu o despreparo dos profissionais em lhe atender de maneira adequada. Essa questão é reforçada pela apresentação das impressões dos profissionais diante dos cuidados prestados ao paciente. Portanto, a realidade da gestação de pessoas trans precisa ser incorporada na organização dos serviços e implementada na formação dos profissionais para que exista um maior conhecimento para tratar das particularidades socioculturais das transmasculinidades. Além disso, é importante a implementação de programas de educação permanente sobre os cuidados às especificidades dessa população.
12. Conjugalidade Cis-Trans: Reinventando laços, desestabilizando certeza Alexandre; Santos, 2021	Revista Psicologia: Ciência e Profissão	(a), (b), (c)	A experiência conjugal de um casal cis-trans é vista como uma aventura permeada por riscos e barreiras, pois a cisheteronormatividade estabelece e naturaliza a ideia de que apenas o casal cisgênero e heterossexual seja uma configuração válida de conjugalidade. Para construir a relação conjugal, o casal participante da pesquisa não conta com referências para inspirar seu funcionamento, como ocorre com as relações normativas. Essa questão não é percebida como um problema pelo casal, eles observam que dessa maneira foi possível ampliar sua margem de liberdade possibilitando que os cônjuges construíssem modos próprios de relacionar-se ultrapassando os modelos convencionais, optando por formas que acreditam ser mais

			igualitárias de compartilhar a vida. Outro ponto que o estudo defende ser relevante é o suporte familiar e o apoio de amigos e parentes recebido pelo casal que tende a se consolidar como potencializador no enfrentamento de situações que poderiam resultar na dissolução da união ou nas situações de experiências transfóbicas.
--	--	--	---

Tabela 4 – Portal de Periódicos Capes 2

Título, Autoria, Ano	Local de Publicação	Critérios	Resultados
1.Experiências e significados de homens trans sobre amamentação à luz da Teoria das Representações Sociais Pereira et al., 2024	Revista da Escola de Enfermagem da USP	(a), (b), (c)	O estudo buscou analisar as experiências do processo de amamentação vivido por homens trans e os significados que eles atribuíram a elas. Com os resultados encontrados foi possível perceber que os participantes, ao se disporem a amamentar, fizeram essa escolha a partir das representações na concepção tradicional da amamentação como prática feminina, mas também a ressignificaram como um acontecimento constitutivo de suas masculinidades. A amamentação foi descrita como uma experiência de aprendizado, voltada ao cuidado e desenvolvimento do bebê. Os autores indicam uma maior atenção nessas questões por parte de profissionais da enfermagem, mas também da saúde em geral, para uma mudança de suas práticas, especialmente no pré-natal,

[Digite aqui]

			parto e puerpério.
2.Onde estão as transmasculinidades no SUS? Perfil sociodemográfico e de acesso de homens trans e transmasculinos vinculados ao Ambulatório Trans de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2019-2021 Thomazi et al., 2024	Epidemiologia e Serviços de Saúde: revista do SUS (RESS)	(a), (b), (c)	O estudo buscou analisar o perfil sociodemográfico e as formas de acesso de homens trans e pessoas transmasculinas atendidas no Ambulatório Trans de Porto Alegre. Entre os 418 participantes, a maioria se identificou como homem trans (91,2%), como branco (77,9%), e apenas 16,4% dos respondentes haviam conseguido retificar nome e gênero. Como forma principal de entrada no serviço foi identificado o agendamento (84,0%). Quase metade dos homens trans (49,0%) passaram pela atenção básica antes de chegar ao ambulatório. Dessa forma, foi possível concluir que os usuários eram majoritariamente brancos, jovens, com maior escolaridade, mas com baixa inserção no mercado de trabalho formal, e que a existência de um serviço com profissionais qualificados contribuiu significativamente para ampliar o acesso dessa população ao SUS.
3.Representações Sociais da gestação entre homens trans Pereira et al., 2025	Revista Brasileira de Enfermagem	(a), (b), (c)	O estudo teve como objetivo compreender os significados e as experiências da gestação viva por homens trans a partir da Teoria das Representações Sociais. Os resultados compartilhados pelas autoras e autores são que as representações sobre gestação articulam diversos sentidos, incluindo o esforço para aceitar uma gravidez de forma oportuna, mas solitária, o medo do parto e os impactos das mudanças físicas e emocionais. Diante isso, eles e elas

			concluem que se faz necessário uma prática avançada de enfermagem que promova o cuidado integral, o acesso equitativo aos serviços de saúde e o respeito às diferenças no acompanhamento do ciclo gravídico-puerperal.
4. Transmasculinidade dos plurais: Vantagens e exigências sociais da masculinidade nas narrativas de homens trans Boffi, Santos, 2024	Revista Psicologia & Sociedade	(a), (b), (c)	Nesse estudo a autora e o autor buscaram compreender como se dão os processos de aquisição e distribuição de vantagens e exigências sociais da masculinidade entre homens trans após alcançarem a passabilidade, considerando a interseccionalidade. Como resultado ela e ele indicam que o reconhecimento visual cisgênero da masculinidade permite o acesso a certos benefícios socialmente destinados aos homens, mas que esse acesso é condicionado por marcadores como raça e heteronormatividade. Além disso, ela e ele evidenciaram a observação de que a passabilidade também acarreta o aumento das cobranças sociais sobre o desempenho esperado da masculinidade, reforçando limites normativos sobre o que é ser homem.

2.4.3 - Catálogo De Teses & Dissertações Capes

Data de busca 1: 31/05/2024

Data de busca 2: 21/07/2025

Palavras-chave utilizadas: vivências, transmasculino, homens trans

Strings de busca utilizadas: vivências AND transmasculino OR homens trans

[Digite aqui]

Lista de trabalhos encontrados (busca 1): 12 resultados obtidos e apenas 01 dialoga com a proposta.

Lista de trabalhos encontrados (busca 2): 216 resultados obtidos e apenas 08 dialogam com a proposta inicial.

Tabela 5 - Catálogo De Teses & Dissertações Capes 1

Título, Autoria, Ano, Tipo	Local De Publicação E Áreas	Critérios	Resultados
1.Entre gozos e gênero: (sobre)vivências de homens trans brasileiros que trabalham com pornografia na internet Fernandes, 2023 Dissertação	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Mestrado em Ciências Sociais e Humanas	(a), (b), (c)	Essa pesquisa se propôs a analisar a relação entre homens trans e o trabalho com a pornografia no site Câmera Privê, utilizando-se da metodologia da Cartografia. Foi realizada a análise do site e das narrativas de dois trabalhadores da plataforma: João e Álvaro. Foi possível perceber os efeitos da cisheteronormatividade nos atendimentos dos participantes, assim como a forma que suas masculinidades são colocadas em xeque, bem como sua outra face: a fetichização desses corpos. Porém, nesse mesmo trabalho, também se percebeu produções de identidade, autonomia e formas de lidar com a disforia. Com essa pesquisa foi possível produzir análises e reflexões a respeito de uma realidade que, embora grite em dados de relatórios de plataformas de pornografia, parecem estar silenciadas em pesquisas acadêmicas. Nota-se que simplificar tal

			discussão entre bom ou ruim só revela talvez uma dificuldade de perceber as complexidades que se apresentam quando se pretende um olhar mais atento sobre a pornografia, sobretudo no que se refere a corpos dissidentes, como os de homens trans e transmasculines.
--	--	--	--

Tabela 6 - Catálogo De Teses & Dissertações Capes 2

Título, Autoria, Ano, Tipo	Local De Publicação E Áreas	Crítérios	Resultados
1.O Direito a Ter Direitos: Caminhos Percorridos Pelas Transmasculinidades para Acesso Às Tecnologias de Gênero Carvalho, 2023	Universidade Tecnológica Federal do Paraná Doutorado em Tecnologia e sociedade	(a), (c)	A pesquisadora da pesquisa evidencia a urgência da ampliação do acesso às chamadas tecnologias de gênero no âmbito do Processo Transexualizador (PrTr) do Sistema Único de Saúde – SUS, compreendidas no trabalho como um elemento fundamental para a garantia de direitos básicos da população transmasculina. As falas dos participantes indicam que a ausência ou a limitação do Estado, principalmente no que se refere à política pública de saúde, não apenas compromete o acesso a procedimentos específicos, mas aprofunda situações de vulnerabilidade que atravessam dimensões sociais, materiais e subjetivas, alcançando inclusive a esfera existencial. Contudo, as identidades de gênero não dependem dessas tecnologias para existir ou

[Digite aqui]

			serem legítimas. As autorrepresentações e construções subjetivas são centrais, ainda que, socialmente, o uso dessas tecnologias possa atuar na afirmação de identidades e na redução das violências. Assim, o acesso deve ser garantido como direito, não como exigência para o reconhecimento dessas identidades.
2.Navego pelas águas amazônicas da transformação: ideias e tentativas de suicídio em homens trans e pessoas transmasculinas Costa, 2023	Universidade Federal do Amazonas Mestrado em Psicologia	(a), (c)	A análise desse estudo, evidencia a complexidade e a urgência de compreender as vivências de ideias e tentativas entre homens trans e pessoas transmasculinas para além de leituras patologizantes ou reducionistas. Por meio de entrevistas fenomenológicas e autorretratos, os relatos com os 9 participantes apontam que a morte surge, em muitos casos, como uma possibilidade frente a um cotidiano marcado por estigmas, negações e violências simbólicas e materiais. A pesquisa buscou acessar a experiência vivida em sua densidade, respeitando as singularidades expressas nas narrativas. Os resultados apontam para a necessidade de um deslocamento do olhar: compreender o sofrimento dessas pessoas exige desfazer os enquadramentos normativos e universais que as capturam, acolhendo seus modos de existir a partir da própria perspectiva. Nesse sentido, o estudo afirma a importância de escutas mais cuidadosas, mas como formas legítimas de vida que precisam ser sustentadas no campo de saúde mental

			e dos direitos. Saúde mental e dos direitos.
3. Transmasculinidades e parentalidade: produção de sentidos e significados de homens trans que engravidaram antes da transição de gênero Dantas, 2023	Universidade Federal do Amazonas Mestrado em Psicologia	(a), (c)	O estudo analisa como homens trans que engravidaram antes da transição constroem suas identidades e exercem a parentalidade em meio a contextos marcados por violências e normativas cisgêneras. A partir de entrevistas com cinco participantes em Manaus, com os resultados obtidos foi possível perceber que suas vivências são atravessadas por questionamentos constantes sobre seus corpos e papéis parentais, sendo a paternidade trans frequentemente deslegitimada por mecanismos sociais sexistas. As experiências oscilam entre transgressão e acomodação às normas culturais, apontando a parentalidade como um dispositivo que regula corpos e identidades e que, ao não reconhecer a singularidade dessas trajetórias, produz impactos deletérios na subjetividade dos sujeitos.
4. Representações sociais de homens transexuais sobre a promoção da saúde ginecológica Neto, 2023	Universidade de Pernambuco Mestrado em Enfermagem	(a), (c)	A leitura do autor dos dados obtidos indica que a assistência à saúde de homens trans é atravessada por múltiplas fragilidades, frequentemente marcados por atitudes transfóbicas. Foram organizadas categorias que envolvem o contexto dos atendimentos, a hormonioterapia e os tabus em torno da sexualidade, com destaque para o exame citopatológico, cuja adesão é dificultada por experiências de constrangimento e humilhação, tanto durante o atendimento quanto nas salas de espera. Essa dinâmica acaba favorecendo o uso inseguro de hormônios e o diagnóstico tardio de

			câncer de colo de útero. Os sentidos atribuídos pelos participantes evidenciam que o cuidado em saúde, quando pautado em violências e desconhecimento, funciona mais como uma barreira do que como um suporte, sendo os ambulatorios especializados percebidos como espaços mais seguros no contexto da transição de gênero.
5.VEJAM-ME: DISSE O CORPO A educação dos corpos trans e das pornificações transmasculinas Rodriguez, 2022	Universidade Federal do Rio Grande Mestrado em Educação	(a), (c)	A partir de uma perspectiva pós-estruturalista e com base em estudos trans, das masculinidades e da pós-pornografia, esta pesquisa investiga as experiências de homens trans e pessoas transmasculinas que atuam com trabalho sexual, tanto online como presencial, com foco na produção de sentidos sobre os corpos e sexualidades dissidentes. A metodologia narrativo-autoetnográfica articula a vivência do próprio autor com as narrativas de sete participantes, extraídas de um evento online público disponível no Youtube. Mesmo sem apresentar resultados de forma direta no resumo, a partir do texto é possível perceber que os corpos transmasculinos que atuam no trabalho sexual desafiam normas de gênero e sexualidade ao mesmo tempo que enfrentam violências estruturais, como o risco de morte e a hipervisibilidade pornográfica. O autor afirma que os corpos trans não são apenas alvos do consumo e controle, mas também são agentes de produção de conhecimento e práticas educativas, sendo concebidos como “corpos educadores”.

			Ao reivindicar visibilidade e existência para além da dor, a pesquisa afirma a potência política e pedagógica dos corpos transmasculinos na reinvenção cotidiana da vida.
6. Percurso e reconhecimento da identidade psicológica na experiência transmasculina Miranda, 2021	Universidade Federal do Pará Mestrado em Psicologia	(a), (c)	Com a análise dos dados que compuseram a pesquisa foi possível perceber que o reconhecimento da identidade transmasculina se constituiu a partir de um processo subjetivo marcado por um duplo movimento: de um lado, o desconhecimento ou a recusa da identidade feminina atribuída; de outro, a identificação com uma identidade masculina, inicialmente elaborada no plano psicológico. Com essa dinâmica concluiu-se que o processo de subjetivação de homens trans não se dá de forma linear ou unívoca, mas atravessa zonas de ambiguidade e conflito, nas quais a identidade vai sendo construída em diálogo com experiências internas e pressões externas. A pesquisa, ao ampliar essas vivências, oferece subsídios importantes para o campo da saúde mental, indicando a necessidade de políticas públicas que reconheçam a complexidade desses percursos e promovam escutas sensíveis e não patologizantes.
7. Estéticas da renúncia à cisgeneridade: Narrativas de estilização transmasculina no Centro-Oeste brasileiro Tchalian, 2021	Universidade Federal do Mato Grosso Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea	(a), (c)	Os resultados da presente pesquisa identificaram que existem aproximações e divergências entre homens trans e cisgêneros. Os fatores de maior divergência entre as histórias de vida são as violências vividas em contextos familiares, escolares e profissionais. O autor, que se identifica

			como pessoa transmasculina, aponta que essas marcas modificam os sujeitos trans, assim como ele, tanto quanto as marcas da terapia hormonal ou das cirurgias. Assim, dentro do cenário em que a expectativa de vida é de trinta e cinco anos, ele argumenta que é necessário pensar política, educação, saúde e demais relações sociais criticamente e de forma a focar nas questões trans, entendendo que essa forma de ver a vida em sociedade pode mostrar-se vantajosa para todas as pessoas.
8. Práticas de homens trans para a produção de vida melhor: sobre (re)existir Santos, 2019	Universidade Federal da Bahia Doutorado em Saúde Coletiva	(a), (c)	Com a pesquisa, foi possível identificar que os homens trans constroem suas vidas a partir de uma imensa e diversificada rede de elementos, envolvendo pessoas, instituições, objetos e práticas culturais. A constituição da identidade de homens trans a partir da imitação de homem cis ou da negação de mulher cis coloca esses homens [cis] um lugar de inferioridade e constitui uma narrativa que se apresenta em diversas práticas, como a biomédica e acadêmica. Tal narrativa, ao ser incorporada por diversos homens trans, produz sofrimento em suas vivências. Contudo, outros arranjos também são possíveis, em que a vida melhora a partir da construção de realidades capazes de disputar lugar com os construtos cisheteronormativos, sendo potências próprias de expressão, cuidado e transformação.

2.4.4 - Repositório Da Produção USP

[Digite aqui]

Data de busca 1: 31/05/2024

Data de busca 2: 26/07/2025

Palavras-chave utilizadas: homens trans

Strings de busca utilizadas: homens trans

Lista de trabalhos encontrados 1: 69 resultados obtidos e apenas 2 dialogam com a proposta.

Lista de trabalhos encontrados 2: 111 resultados obtidos e apenas 4 dialogam com a proposta.

Tabela 7 - Repositório Da Produção USP 1

Título, Autoria, Ano	Tipo de Trabalho e Área	Critérios	Resultados
1.Tornando-se homem: processos de agenciamento de corporalidades de homens trans - contribuições para o campo emergente das transmasculinidade s Boffi; Santos, 2022	Dissertação em Psicologia	(a), (c)	O trabalho traz que as identidades transmasculinas ganharam visibilidades social e acadêmica no Brasil a partir de 2010, por meio do acesso às informações na internet, das comunidades nas redes sociais, da exposição de tal população em diversos meios midiáticos e, especialmente, com a inclusão dos homens trans no Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde em 2013. Possui como objetivo geral analisar os processos de construção de masculinidades em indivíduos que atravessam a experiência de transição de gênero para a identidade

[Digite aqui]

		transmasculina. Levanta o ponto que a partir dos estudos que foram revisados foi possível perceber que a construção e exploração da identidade masculina por pessoas trans centra-se na aparência física, por meio de mudanças corporais esses homens [cis] procuram realizar o gênero masculino e alcançar a passabilidade. Foi o trabalho mais próximo do meu que encontrei, contudo ele se centraliza em centros urbanos e algumas regiões do país, colocando como limitação e indicação de estudos futuros que fossem ampliados os contextos. Contudo, ainda possui uma visão cisgênera, incluindo a visão pouco aprofundada da ideia de que homens trans acessam privilégios das masculinidades cisgêneras e, ainda, colocam que é possível negá-las, mesmo que considere a questão da interseccionalidade como acesso desigual a esses privilégios. Outro ponto interessante que deveria ter sido explorado com maior enfoque no trabalho seria o fato de que todos os homens trans que participaram da pesquisa, sejam heterossexuais ou bissexuais, estão em relacionamentos com mulheres cisgênero. Seria
--	--	---

			interessante ver como essas compreensões desejo de passabilidade, como algo individual e que parte do sujeito, não receberia influências dessas relações e referências dessas companheiras e seus familiares.
2. Transmasculinidades e o colapso no (cis)tema de saúde: dilemas emergentes no campo da saúde sexual De França; Dias, 2022	Dissertação em Saúde Pública	(a), (c)	Fala sobre como o campo da saúde como um todo, mas principalmente a saúde sexual e reprodutiva, é construída sob paradigmas cisgêneros, que produz diferenças, desigualdades e barreiras que excluem as transmasculinidades da assistência integral à saúde. Para explorar esse tema, a tese usou a metodologia de entrevistas semiestruturadas, com dois homens trans e um transmasculino, para que pudesse identificar as principais dificuldades no acesso aos serviços de saúde especializados em saúde sexual e reprodutiva, além dos seus principais incômodos e suas estratégias para driblar a transfobia institucional. Os eixos que foram construídos a partir dos resultados das entrevistas mostram que os efeitos da cisheteronormatividade no campo da saúde vulnerabilizam as identidades transmasculinas, seja na produção de barreiras que

			impedem ao acesso aos serviços ou nos atendimentos com profissionais pouco habilitados para lidar com as demandas em saúde sexual e reprodutiva desses grupos. Apoiando-se em referências que abordam a construção e manutenção das normas sociais e utilizando a perspectiva dos estudos de gênero para analisar como se dá a relação entre serviços de saúde e as transmasculinidades, o autor percebeu que a concepção em torno dos construtos da cisheteronormatividade como a ideia de convergência entre corpo-sexo-gênero-desejo, não apenas produzem e perpetuam diferenças, mas rege o <i>modus operandi</i> no campo da saúde. Um questionamento interessante que o trabalho traz é o colapso que o deslocamento para o campo da masculinidade questões que, anteriormente, eram restritas à saúde da mulher cisgênero causa entre o Estado, as esferas da saúde e o Direito, como por exemplo a questão do aborto. Se está é considerado ilegal e proibido para mulheres cisgêneras, seria permitido que homens trans e pessoas transmasculinas abortassem? Eles poderiam ser punidos por
--	--	--	---

			isso? As narrativas presentes no trabalho também mostraram que, apesar das dificuldades encontradas na empreitada de uma vida saudável, homens trans e transmasculinos têm se organizado e criado estratégias que possibilitam trocas importantes com outras pessoas trans, em um processo acolhedor de cuidado de si e do outro.
--	--	--	--

Tabela 8 - Repositório Da Produção USP 2

Título, Autoria, Ano	Tipo de Trabalho e Área	Critérios	Resultados
1.Efeito da testosterona nos marcadores de coagulação sanguínea em homens transexuais Reis, Lara, 2024	Mestrado em Medicina	(a), (c)	Esse estudo buscou avaliar o impacto da testosterona intramuscular em marcadores diretos e indiretos da coagulação sanguínea em homens trans, assim como os efeitos da terapia hormonal em variáveis clínicas e laborais. A partir dos resultados foi possível perceber o aumento de peso, dos níveis de testosterona e de componentes de sangue como hemoglobina e hematócrito, além da redução do colesterol HDL. Mesmo diante dessas alterações, valores se

[Digite aqui]

			mantiveram dentro dos limites normais. Também foi possível observar impactos positivos na saúde mental, com diminuição dos riscos de ansiedade e significativa diminuição dos riscos de depressão, além do aumento da satisfação sexual. Mesmo o estudo identificando benefícios físicos e emocionais, os pesquisadores defendem a importância de estudos de longo prazo para avaliar possíveis riscos cardiovasculares.
2. Resistir para existir: Meninos Bons de Bola e uma etnografia possível sobre o se fazer time de futebol Pinto, Almeida, 2022	Revista Entrerios	(a), (b), (c)	Através de narrativas construídas junto com jogadores do time Meninos Bons de Bola (MBB), foi observado como os integrantes do time pensam suas relações com o futebol, os impactos da pandemia nas suas vidas e os significados de fazer parte de um coletivo acolhedor entre pares. O artigo também observa a retomada dos encontros presenciais do grupo, em 2021, e como esses subjetivos reivindicam, coletivamente, pôr da prática do esporte e da exposição de seus corpos, o direito de visibilidade das suas existências.
3. Transmasculinidade no Sistema Público de Saúde: experiências dos utentes	Doutorado em Psicologia social	(a), (b), (c)	Foram realizadas entrevistas a fim de investigar os processos de transição de gênero de homens trans em Portugal e no Brasil, enquanto usuários dos sistemas de saúde dos seus países. Foi

Heinzelmann, 2020			possível perceber similaridades nas experiências dos participantes, como o atendimento que tiveram no sistema público de saúde, reivindicando a constante formação das pessoas que atuam nele. Outra questão evidenciada foi a dificuldade dos interlocutores em terem suas autoidentificações respeitadas e legitimadas. A importância das redes afetivas para a troca de informações e elaborações de questões vivenciais foi encontrado, no estudo, como importante aspecto na vivência dos participantes.
4.Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram Pederzoli, 2017	Mestrado em Psicologia Social	(a), (b), (c)	Essa pesquisa consiste em uma apresentação de reflexões acerca da problemática da utilização tanto do aspecto substancializante do gênero como da identidade de gênero como critério para discernir e decidir as práticas parentais, tendo a experiência de homens trans como recorte empírico, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas. Segundo o estudo, as vivências trans tencionam a produção e recriação de novas relações sociais, assim, torna-se possível reinventar as relações, fazendo com que questionemos a binaridade a qual o sistema sexo/gênero está submetido, contudo, a parentalidade

			permanece sendo reconhecida de forma assimétrica.
--	--	--	---

2.4.5 – Biblioteca Digital De Teses e Dissertações – BDTD UFRN

Data de busca 1: 10/09/2023

Palavras-chave utilizadas 1: transgênero, transexual.

Strings de busca utilizadas 1: transgênero; transexual.

Lista de trabalhos encontrados 1: 246 resultados obtidos e apenas 1 dialoga com a proposta inicial.

Data de busca 2: 25/07/2025

Palavras-chave utilizadas 2: transmasculino, homens trans.

Strings de busca utilizadas 2: transmasculino; homens trans.

Lista de trabalhos encontrados 2: 8 resultados obtidos e apenas 1 dialoga com a proposta da pesquisa.

Tabela 9 - BDTD UFRN 1

Título Autor Ano	Tipo de trabalho Área	Critérios	Resultados
Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans Rego, 2015	Dissertação Antropologia Social	(a), (b), (c)	A transição de gênero não deixa de responder a uma decisão, muito embora sua efetivação possa representar “viver” e seu contrário “não viver”. Quando se tem acesso a uma assunção de um entendimento como homem trans não se é obrigado a transicionar, apesar dessa inquietação ser descrita como angustiante. Não há uma causa e efeito automáticos. Foi possível observar que teorias que expliquem as vidas dos interlocutores de modo a colocá-los como homens trans à

[Digite aqui]

			margem ao compará-los com homens não trans, se esquecem dos corpos em questão. Não levam em consideração as dinâmicas da “passabilidade”. Mesmo que os interlocutores não descrevam serem doentes mentais como determinam os manuais médicos e psi, utilizam-se dessa conjuntura para acessarem a transição. Mesmo diante de um cenário tão incerto quanto a saúde de seus corpos, a não construção desse processo de transicionar lhes retira qualquer expectativa de vida minimamente humana uma vez que são expulsos de seus próprios corpos e da existência pela não conformidade de gênero.
--	--	--	---

Tabela 10 - BDTD UFRN 2

Título Autor Ano	Tipo de trabalho Área	Critérios	Resultados
Trafegando por mares, rios, dunas e folhas secas: o entrelugar das transmasculinidades no nordeste brasileiro Santos, 2024	Doutorado em Psicologia	(a), (b), (c)	Nessa pesquisa o autor se propõe a discutir as possibilidades das masculinidades que atravessam as experiências de homens trans e pessoas transmasculinas no Nordeste brasileiro, por meio de uma etnografica baseada nas narrativas de vida do próprio pesquisador e de outros transmasculinos. Ela conta com referenciais teóricos decoloniais, transfeminista e pós-estruturalistas, a investigação apresenta uma discussão de como essas masculinidades são atravessadas por

			signos do imaginário nordestino que, ao mesmo tempo que dialogam com a masculinidade hegemônica, a desconstroem. Com isso, as transmasculinidades são compreendidas pelo autor como expressões múltiplas e complexas, situadas em um entre-lugar relacional, marcadas por deslocamentos de poder e por diferentes marcadores sociais.
--	--	--	---

2.4.6 - Repositório Digital da UERN

Data de busca 1: 31/05/2024

Palavras-chave utilizadas e metodologia de pesquisa: Foi procurando no acervo da biblioteca digital de cada campus da UERN individualmente, na base geral e em cada programa de pós-graduação. Nesse campo o pesquisador entrou na página de cada programa e pesquisou por assuntos buscando as letras T - transgênero, transexual ou transmasculino - e pela letra H - Homens trans.

Lista de trabalhos encontrados 1: 0 trabalhos dialogam com a pesquisa.

Data de busca 2: 24/07/2025

Palavras-chave utilizadas e metodologia de pesquisa: Foi procurando no acervo da biblioteca digital que contempla todos os campos e em cada programa de pós-graduação. Nesse campo o pesquisador entrou na página de cada programa e pesquisou por assuntos buscando as letras T - transgênero, transexual ou transmasculino - e pela letra H - Homens trans. Foram verificadas as pesquisas disponíveis nos sites dos de Pós-Graduação em: Física, Ciências Naturais, Saúde e Sociedade, Ciências Sociais e Humanas, Letras, Serviço Social e Direitos Sociais, Bioquímica e Biologia Molecular, Economia, Geografia e Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido. Não foram verificadas as pesquisas do curso de Pós-
[Digite aqui]

Graduação em: Ciência da Computação, por falta de acesso ao site dos programas. Também não foram revisados os cursos de Pós-Graduação em Educação, Ensino De História em Rede Nacional e Programa de Pós-Graduação em Ensino, por não se enquadrar na presente pesquisa. Os Programas de Pós-Graduação em: Ciências da Linguagem, Multicêntrico em Ciências Fisiológicas não conta com dissertações defendidas disponíveis.

Lista de trabalhos encontrados 2: 1 trabalho dialoga com a pesquisa

Tabela 11 - Repositório Digital da UERN

Título, Autoria, Ano, Tipo	Local De Publicação E Áreas	Critérios	Resultados
1. Entre gozos e gênero: (sobre) vivências de homens trans brasileiros que trabalham com pornografia na internet Fernandes, 2023 Dissertação	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Mestrado em Ciências Sociais e Humanas	(a), (c)	Essa pesquisa se propôs a analisar a relação entre homens trans e o trabalho com a pornografia no site Câmera Privê, utilizando-se da metodologia da Cartografia. Foi realizada a análise do site e das narrativas de dois trabalhadores da plataforma: João e Álvaro. Foi possível perceber os efeitos da cisheteronormatividade nos atendimentos dos participantes, assim como a forma que suas masculinidades são colocadas em xeque, bem como sua outra face: a fetichização desses corpos. Porém, nesse mesmo trabalho, também se percebeu produções de identidade, autonomia e formas de lidar com a

			disforia. Com essa pesquisa foi possível produzir análises e reflexões a respeito de uma realidade que, embora grite em dados de relatórios de plataformas de pornografia, parecem estar silenciadas em pesquisas acadêmicas. Nota-se que simplificar tal discussão entre bom ou ruim só revela talvez uma dificuldade de perceber as complexidades que se apresentam quando se pretende um olhar mais atento sobre a pornografia, sobretudo no que se refere a corpos dissidentes, como os de homens trans e transmasculines.
--	--	--	---

2.4.7 - Repositório Digital da UFERSA

Data de busca 1: 31/05/2024

Data de busca 2: 25/07/2025

Palavras-chave utilizadas: vivências, transmasculino, homens trans

Strings de busca utilizadas: vivências AND transmasculino OR “homens trans”, transmasculino, “homens trans”

Lista de trabalhos encontrados 1: 46 resultados obtidos e nenhum dialoga com a pesquisa.

Lista de trabalhos encontrados 2: 86 resultados obtidos e nenhum dialoga com a pesquisa.

3. DESENVOLVIMENTO

3.2 Masculinidades e a construção dessas identidades

O capítulo que se inicia busca identificar quais as identidades de masculinidades são referências para os homens trans e pessoas transmasculinas participantes da pesquisa. Como base para a discussão que se segue, utilizamos teóricos como: Grossi (2004); Hall, Woodward, Silva (2014); Machado (2001); Preciado (2023); Bourdieu (2002); entre outras autoras e autores. Elas, eles e nossos interlocutores nos ajudaram a construir uma cartografia de encenações, negociações, aprendizados e recusas do que seriam as masculinidades.

3.2.1 O masculino e o feminino: a construção de si a partir do que não se pode ser

Antes de discutir masculinidades precisamos entender a construção da identidade dos sujeitos ocidentais, onde, de textos clássicos a contemporâneos, de densas teorias a belos romances, diversos são os autores que falam da constituição do ser humano. Tomemos o texto de Walter Benjamin (1994) como exemplo.

No ensaio *O Narrador*, Walter Benjamin (1994) parte da constatação de que a arte de narrar está desaparecendo. Em sua análise destaca dois grupos que são cruciais para a consolidação da narrativa, o camponês e o marinheiro. Estes seriam representações de aspectos do narrador, que seria aquele que amplia e transmite os saberes coletivos da experiência.

O “camponês sedentário” representa o aspecto do narrador que conhece suas histórias e tradições. Já o “marinheiro comerciante”, representa o narrador como alguém que vem de longe, trazendo novos saberes, pouco importando a verdade dos fatos, mas a ampliação da experiência. Inclusive, a sobreposição do lado épico da verdade é o responsável pelo declínio da arte de narrar (Benjamin, 1994).

No entanto, logo no início da leitura de Benjamin (1994) algo me incomodou na representação dessas figuras “tradicionais”, e me fez questionar: Será que não haveria outras figuras que ocupassem esse lugar? Percebi que existia um corpo bem específico que ocupa esse lugar de narrativa, como podemos ver no trecho abaixo:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem

[Digite aqui]

sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante (Benjamin, 1994, p. 198).

Nele podemos perceber uma visão limitada ao colocar o homem [cis] como representante universal da humanidade. Mas, se pensarmos nos espaços onde a oralidade e a memória comunitária foram preservadas, tanto hoje quanto ao longo da vida humana, é notável o papel central das mulheres [cis]. Foram elas que, nas suas casas, aldeias e comunidades, transmitiram cultura, costumes e valores. Outra pergunta que compartilho é: Por que Benjamin não menciona, também, as mulheres [cis] como narradoras, se elas são as principais guardiãs da experiência cotidiana e da memória coletiva por séculos?

Essa anulação se torna ainda mais gritante quando Benjamin pontua sobre o afastamento da morte do espaço público ao afirmar que “(...) a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar” (Benjamin, 1994, p. 208), ele aponta que a finitude da vida é o que dá sentido, autoridade e legitimidade à narrativa. Portanto, ao expulsar a morte da vida pública, a sociedade moderna rompe com os rituais que davam à narrativa sua força. Ainda assim, ele não reconhece que as mulheres conduziam esses rituais, organizando velórios, entoavam cantos e narravam a vida dos mortos (Preciado, 2023).

Além disso, as práticas femininas de cuidado com o corpo e a saúde, ao voltarmos nossos olhares para o desenrolar da vida, também foram escanteadas com a consolidação da medicina moderna, institucional e afastada da vida pública (Preciado, 2023). Esses saberes, narrativos e transmitidos oralmente, foram deslocados do campo da legitimidade pelo avanço da medicina. Tal apagamento ocorreu em paralelo à emergência da verdade moderna, conforme o próprio Benjamin (1994) traça historicamente – mas sem incluir os saberes e corpos que foram varridos desse processo. Essa omissão não é neutra: ela reproduz o gesto que o próprio autor denuncia no ensaio: o apagamento das experiências plurais comunicáveis.

Outro desses autores é André Comte-Sponville, que no seu texto “A Vida Humana (2007)” explora a complexidade da existência humana, passando por questões fundamentais como: a infância, o sentido da vida, a adultez, o amor e a busca por um propósito. Embora a vida seja finita e repleta de desafios, é através da

narrativa, da reflexão e da experiência vivida que podemos encontrar significado para ela.

Segundo as ideias desenvolvidas por Comte-Sponville (2007), a filosofia desempenha um papel fundamental na compreensão do existir, pois através da sua reflexão conseguimos recursos para enfrentar questões com mais clareza e profundidade, inclusive a questão da mortalidade que é outra temática importante do seu texto. Ao chegarmos no fim da vida damos-nos conta de que a verdadeira realização está em viver de acordo com quem somos e acolher nossas limitações (Comte-Sponville, 2007).

Na construção teórica de Comte-Sponville também encontramos a construção de um sujeito no singular, enquanto universal, como se fosse possível ter uma mesma origem e questões cruciais a toda e qualquer existência humana. Essa representação de sujeito universal não aparece em um trecho específico, mas como o seu texto é elaborado seguindo o desenvolvimento humano, percebemos que os aspectos que o compõe dizem respeito à experiência de vida do homem cis, branco, ocidental e heterossexual, como podemos ver, por exemplo, no capítulo que ele dedica à adolescência:

Lembro-me de uma noite na casa de amigos, muitos anos atrás. A filha deles, então com 14 anos, tinha saído: estava fazendo *baby-sitting*, explicaram-me os pais, na casa de vizinhos... Então, logo após a meia-noite, ei-la que volta para casa, que entra timidamente na sala... Deslumbramento. Fascinação. Era muito mais que desejo e algo bem diferente. Pela primeira e última vez na vida, vi um Boticelli⁸ vivo diante de mim, e não era nem pintura nem alucinação (Comte-Sponville, 2007, p. 37).

Lembro-me, quando lecionava na universidade, das jornadas “Portas Abertas” que organizávamos todo ano para os alunos de terceiro ano do ensino médio em busca de informações... Naquele dia, algumas dezenas de colegiais vinham se misturar aos nossos estudantes de primeiro ano, nos corredores e até nas salas de aulas... Não guardo quase nenhuma recordação dos garotos. Mas das moças sim. Como eram diferentes das nossas alunas! (Comte-Sponville, 2007, p. 38).

Muitas, aos 30 anos, serão mais belas que aos 20. Mas a maioria, anos 20 ou 22 anos, já tinham perdido aquele encanto efêmero e desengonçado da adolescência, que eu tanto amara quando lecionava no colégio e que reencontraria por um dia, anos mais tarde, incrivelmente intacto e novo... (Comte-Sponville, 2007, p. 38).

⁸ Alessandro di Mariano di Vanni Fillipepi, mais conhecido como Sandro Botticelli ou, simplesmente, Botticelli. O italiano foi um dos pintores mais importantes durante o Renascimento Cultural. Ele realçou diversos aspectos culturais e artísticos das civilizações antigas, grega e romana. Uma das suas pinturas mais famosas, até hoje, é “O Nascimento de Vênus” (Sandro Botticelli - IFMA, [s. d.]).

Ao fim da sua elaboração sobre a etapa de transição entre a infância e a adultez, o autor compartilha com bastante detalhes a sua admiração pela jovialidade, inocência, beleza e falta de jeitos das jovens. A naturalidade com que o autor compartilha as sensações que essas garotas, bem mais novas, despertam nele quando ele dava aulas no ensino médio, como podemos ver no terceiro trecho.

Estas falas apontam uma autorização que ele sente em observar, analisar e desejar esse outro. Ao usar a expressão “vi um Botticelli” para falar da filha de 14 anos dos seus colegas, ele está dizendo que a cena era tão linda quanto um quadro do artista Botticelli, que é famoso por retratar figuras idealizadas de beleza feminina, ou seja, delicadas, elegantes, com traços suaves e uma aura etérea, como nas obras: *La Nascita Di Venere* - O Nascimento de Vênus e *La Primavera* – A Primavera. Então, usar “um Botticelli” sugere que a jovem é deslumbrante, que brilha aos seus olhos, quase como uma obra de arte viva.

No segundo trecho retirado do texto de Comte-Sponville (2007), percebemos como meninos e meninas são vistos de maneiras diferentes por ele. Os meninos não despertam seu interesse, ao ponto de que não gravou grandes informações sobre eles. Para que possamos armazenar algo e transformá-los em memórias, precisamos prestar atenção nesse algo, por esse motivo é que o autor em questão não possui recordação sobre esses rapazes, sua atenção estava “capturada” pelas jovens estudantes do colegial. Coloco capturada entre aspas, pois na visão de alguns homens [cis] não são eles que estão fazendo a movimentação de observar e se interessar por essas jovens, mas sim de que elas, assim como as mulheres [cis] de uma forma geral, possuem o poder de seduzi-los, despertar desejos e interesses nestes, capturando a atenção dos homens [cis] para si.

Colocar esse homem [cis] como sujeito universal, seja como sujeito detentor da narrativa de si, onde a narrativa diferente é, também, nomeada por ele como a narrativa do outro, é um dispositivo fundamental para a consolidação do poder, pois ele se instaura como invisível, ahistórico e natural. Ao ser visto como norma inquestionável, ele mantém sua posição de privilégio sem ser desafiado ou problematizado. Consequentemente, seus comportamentos, assim como os citados acima, são vistos como fixos e sem potencial de mudança, cabendo a todos nós a aceitação das coisas como são, pois sempre o foram.

[Digite aqui]

Enquanto Comte-Sponville (2007) e Benjamin (1994) utilizam-se do homem [cis] enquanto sujeito universal, Michel Serres (2015), no seu texto *Narrativas do Humanismo*, pontua que, pelo menos desde a ascensão do Iluminismo, a palavra Humanismus nomeia uma doutrina que buscava explorar a natureza humana. Esse tipo de humanismo não tem chance de ressurgir, mesmo que não tenha sumido completamente até os dias atuais, pois evoca, de maneira narcisista, imperialista e inacessível, a ideia do homem universal, que, de fato, nunca se concretizou.

Quem desconfiaria que, ao surgir no momento quando a Europa transformava o mundo em suas inúmeras colônias, essa concepção impunha a todos os habitantes do planeta os costumes do Ocidente? (Serres, 2015) Essa é a construção de ser humano universal, que chegou até nós durante o processo de colonização e tentou, durante séculos, aniquilar qualquer outra possibilidade de construção de identidade.

Após entendermos essa visão antropocêntrica - enfatizando que quem está no centro não seria o ser humano, mas o homem [cis], em específico – buscamos nos textos de Miriam Pillar Grossi (2004) e Lia Zanotta Machado (2001) aspectos que observamos como componentes da masculinidade. Mesmo esses textos sendo clássicos, fazem discussões interessantes sobre a construção humana e o lugar da narrativa; as autoras apresentam uma análise a partir do contexto brasileiro, o que nos possibilita uma maior aproximação com as especificidades da nossa sociedade.

No artigo “Masculinidades e violências” (2001), Lia Machado analisa como as construções sociais de masculinidades na cultura ocidental tem como pilar o controle, a honra, a violência e o poder. A partir de entrevistas com homens [cis] presos por estupro e violência doméstica, ela explora como esses sujeitos justificam seus atos com base em códigos morais que legitimam a agressividade como atributo essencial da masculinidade. Para isso, ela utiliza, recorrentemente, das figuras do “homem honrado” e do “bicho danado”.

As categorias de masculinidade transitam, paradoxalmente, entre o homem, “bicho danado”, não domesticável, irresponsável, perigoso para as mulheres, porque não confiável, e, de outro, o “homem honrado”, que, em nome da responsabilidade face à parentela em que se insere, tem o poder, e o dever de controlar suas mulheres (que inclui o uso da violência física, não só sobre afins quanto sobre consanguíneas) e de defender (incluindo o uso da força física) a “honra de suas mulheres” contra homens que se aproximam das mulheres de forma considerada inadequada (Machado, 2001, p.16).

Com a categoria “homem honrado”, a autora destaca a ligação entre a honra masculina e o controle sobre as mulheres [cis], sejam suas companheiras ou sua prole. Evidencia como a exploração da sexualidade pelos homens [cis] ou a falta de autocontrole não coloca em risco sua honra, diferentemente do que ocorre com as mulheres [cis] sob o mesmo código moral, o que escancara uma assimetria marcada nas expectativas de gênero.

Já com a figura do “bicho danado”, ela evidencia outra assimetria dessas expectativas: a possibilidade que homens [cis] têm de deslocamento desse código moral, que permite ao homem [cis] escapar das regras do convívio social, onde a performance e o exibicionismo são formas de reafirmação da masculinidade em espaços urbanos violentos.

A ligação entre masculinidade e violência surgiu em diversas falas dos nossos interlocutores, mas é com a fala de Murilo que surge um questionamento:

Eu acho que eu não existia muito essas referências ou as que existiam eram muito bem o oposto do que eu entendo, do que eu vivo enquanto masculinidade. Eram referências bem normativas e bem violentas. Agressivas mesmo (Murilo, 2025).

Na fala acima, em um primeiro momento, é possível identificar a falta de referências que fizessem sentido para Murilo. Percebemos que ele ultrapassa a ideia da masculinidade trans ser uma busca pela cópia da masculinidade cisgênera (Banke, Tenório, 2021). Frente a essas referências há ainda uma crítica, para além de uma não identificação, existe uma desaprovação dessa construção, nos levando ao terceiro ponto dessa fala: ao afirmar que vive de outra forma a sua masculinidade, ele ressignifica o que é a masculinidade através de suas próprias práticas, marcando uma ruptura com os modelos hegemônicos de masculinidade, normativos e violentos.

Isso evidencia uma limitação na construção do texto de Machado (2001), principalmente, na dedicação a essas duas categorias a autora deixa de explorar possibilidades simbólicas que escapam aos polos binários entre homem [cis] e mulher [cis], honra e transgressão, agressividade e passividade, controle e descontrole, além de não incluir análises interseccionais entre classe, raça e territorialidade, que poderiam oferecer uma dimensão mais complexa e plural das masculinidades.

Já no artigo construído por Miriam Grossi (2004), “Masculinidade: uma revisão teórica”, ela nos apresenta um compilado de reflexões apresentado, inicialmente, no seminário sobre Masculinidade realizado em Recife, no ano de 2001. Seu texto é apoiado nas ideias de teóricas pós-estruturalistas, especialmente Joan Scott, afirmando que estes estudos percebem o gênero como categoria de análise que ultrapassa as identidades de mulheres [cis] e homens [cis] como objetos de análise fixos. Ele (gênero) se constitui através do discurso, sendo não apenas palavras, mas de linguagem em ação, de práticas simbólicas que moldam como significamos o mundo, ou seja, discurso é aquilo que produz significado (Grossi, 2004).

A masculinidade hegemônica, nesse contexto, é associada à atividade, força, agressividade, virilidade e à capacidade de prover economicamente. A autora produz um percurso de exploração dessas normas desde a infância, reforçadas em rituais de iniciação violentos até a manutenção da honra através do controle das mulheres [cis]. Ao mesmo tempo, ela destaca que essas masculinidades estão em transformação (Grossi, 2004).

As transformações no mercado de trabalho, o surgimento de novas paternidades e a valorização da sensibilidade emocional em alguns grupos sociais, segundo a autora, apontam para o surgimento de modelos de masculinidades mais flexíveis. Porém, pontua cuidadosamente que essas mudanças não são isentas de contradições, pois muitos homens [cis] que se propõem a uma desconstrução, como uma postura mais conectada com seus sentimentos ou de constituição familiar, ainda reproduzem comportamentos machistas (Gross, 2004).

O que ela propõe é mais do que uma crise da masculinidade: nós estamos vivendo um processo de transição nos modos de ser homem [cis], marcados por disputas simbólicas e culturais. Ela apresenta os estudos de gênero como campo de crítica e transformação social, no qual a dicotomia entre masculinidade hegemônica e subalterna pode limitar a compreensão das diversas experiências de masculinidades.

Embora Miriam Grossi adote uma postura pós-estruturalista sobre o gênero, seu texto ainda reproduz, de forma sutil, a dualidade como forma de traçar perfis de sujeitos, como: “camponês sedentário” e “marinheiro comerciante” (Benjamin, 1994), meninas e meninos (Comte-Sponville, 2007); “homem honrado” e “bicho danado” (Machado, 2001). Tal afirmação é possível porque a referida autora utiliza a

constante separação entre o “mundo dos homens” [cis] e “mundo das mulheres” [cis] (Grossi, 2004).

Assim como nos textos discutidos acima, percebemos em falas como a de Nicholas (2025): “Eu tentei ser mulher, mas não deu certo. Eu resolvi ser homem”, que para construir o ser homem, faz-se necessário a negativa que se estabelece com o ser mulher.

Nas falas de diferentes entrevistados, tem-se afirmações que apresentam a atualização desse discurso no cotidiano:

Eu sou um homem trans gay, então eu quero usar algum delineado azul e aí eu fico: “não, já erram meu pronome sem usar nada, quem dirá um delineado, né?” É algo lido como feminino (Paulo, 2025).

Eu vejo como os meninos forçam uma atitude cis, força o machismo, força a voz, força o gesto, andar. Eu sou eu. Só fiz questão de mudar, me adequar àquilo que eu achava que eu era. Ou que eu sou, né? E aí eu não fico forçando nada. E aí todo mundo acha que eu sou gay, que eu não forço voz, não faço trejeitos, não forço falas. Então não é difícil (Jhonatan, 2025).

“Ah, mas, como é? Então você, como é? Aí você nasceu mulher?” Eu sou um cara com 100 quilos, barbudo. Uma pessoa virar para mim: “Ah, então você nasceu mulher?” Aí eu viro assim: Você acha que eu nasci mulher? “Não. Não aparenta, não. Não parece, não.” Porque eu não sou (João, 2025).

Aí eu comecei a fazer amizade dentro da academia com homens cis e eles me veem como um homem cis. É porque eles têm um falar deles, né? Diferente. Falar de mulher: “Anderson, ela é muito gostosa, né?”, eu dizia: “é ome [homem]”, “tu pegaria?”, eu dizia: “Ora, se não! Eu não tenho sorte”. Aquelas coisas, né? Aquelas brincadeiras de homem hétero. É, hetero top (Anderson, 2025).

Podemos perceber que há entre eles uma preocupação comum: serem lidos como homens. Contudo, os caminhos que adotam para isso são variados. Paulo, por exemplo, comenta que já é tratado com o pronome errado mesmo tentando não utilizar elementos que são comumente associados à feminilidade, o que o leva a considerar que, se usasse algo como maquiagem, a dificuldade de ser reconhecido enquanto homem seria ainda maior.

Enquanto isso, Jhonatan critica o que percebe como uma masculinidade forçada, como engrossar a voz, mudar a forma de andar e de se portar. Afirmando preferir se manter fiel a si mesmo, mesmo que isso leve os outros a presumirem que ele seria gay. Pare ele, ser percebido como gay aparece também como uma forma de invalidação da sua masculinidade, o que permite que pensemos que, para ele, ser gay e ser homem fossem posições inconciliáveis.

[Digite aqui]

João, por sua vez, aposta fortemente em sua aparência (corpo grande, presença de barba) como forma de afastar questionamentos, tratando esses atributos como evidência suficiente de sua identidade. Já Anderson adere ao vocabulário e às brincadeiras comuns entre homens cis heterossexuais como forma de se integrar e ser reconhecido entre eles.

Enquanto Paulo narra como sinais mínimos já são usados para negar sua identidade, Jhonatan valoriza a autenticidade, João se ancora na materialidade simbólica do seu corpo, e Anderson incorpora os códigos sociais da masculinidade hegemônica. Ressalto que essas estratégias não são pensadas aqui em termos de certo ou errado, mas compreendidas a partir das exigências sociais, dos contextos de circulação e das múltiplas negociações envolvidas na construção e manutenção do lugar de homem em uma sociedade cisheteronormativa (Preciado, 2023).

Nas falas dos nossos entrevistados percebemos diversas estratégias para reafirmar o seu lugar de reconhecimento do masculino, seja evitando vinculação com acessórios, como a utilização do delineado; apontando características fisiológicas, comportamentais e/ou gestuais, como a barba e o gesto; ou na repetição de ações compreendidas como “naturais” para aqueles que se colocam como homens no mundo, como os comentários sobre desejo aos corpos de mulheres. O modelo de sexualidade predatória é um ponto crucial na constituição do gênero masculino.

Além disso, o que está presente em todas essas falas é o distanciamento de qualquer que seja o aspecto do feminino para a validação da sua identidade masculina. Ao apresentarem falas, comportamentos, posicionamentos diferentes do que, culturalmente, se espera, escancaram as constantes negociações com as pressões vivenciadas para a legitimidade, sobrevivência e pertença dos e nos termos de uma sociedade cisheteronormativa.

A presente pesquisa dialoga com o conceito de gênero construído pelo filósofo e escritor espanhol Paul B. Preciado. Preciado é uma pessoa trans que iniciou seu processo de transição de gênero em 2014, contudo, em seu livro “Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica” publicado pela primeira vez em 2008, ele já falava sobre o processo que nomeia de “intoxicação voluntária” de testosterona, que norteiam sua análise crítica e autobiográfica sobre as implicações na identidade de gênero, sexualidade e controle social. Nesse livro,

[Digite aqui]

ele faz uma fusão entre teoria queer e filosofia para questionar a normatividade do gênero, explorando a intersecção entre biopolítica e capitalismo contemporâneo, destacando como as tecnologias médicas, indústria farmacêutica e indústria pornográfica regulam e comercializam corpos e desejos sexuais.

Preciado (2023) também apresenta como a presença do pênis justifica a naturalização da posição do homem [cis] em ser aquele que penetra, consome outros corpos, aqueles que são “destinados” à penetração. A narrativa científica do evolucionismo funciona como uma das bases para a consolidação da naturalização dessa divisão entre masculino e feminino, tendo como base a necessidade de reprodução da espécie. Ela solidifica as identidades de gêneros binárias enquanto opostas e complementares, inclusive no direcionamento das tarefas que são responsabilidade “inata” de cada gênero. Como vimos na introdução da presente pesquisa, a cisão sinalizada pela construção de John Money é o ponto de partida para o que Preciado chama de indústria farmacopornográfica, desenvolvida e fortalecida no período pós-moneista.

As feministas estruturalistas utilizaram o termo gênero para pontuar os diferentes comportamentos de homens [cis] e mulheres [cis], assim enfatizaram caráter social dessa desigualdade, sendo passível a modificações por parte da sociedade. Judith Butler, em *Corpos que importam* (2019), problematiza essa materialidade do gênero ao questionar a ideia de que o sexo seria uma base natural e anterior ao discurso.

Nesse sentido, Butler argumenta que o próprio “sexo” é produzido e reiterado por normas regulatórias e discursivas. Assim, a materialidade não deve ser entendida como um suporte pré-discursivo, mas como um efeito das práticas sociais e políticas que a tornam inteligível. Dessa forma, tais teóricas, ao permanecerem alinhadas à ideologia de dois sexos originários atrelados ao masculino e feminino, o gênero constituía-se em alteridade. Mesmo situando que a existência dos dois gêneros não exclui que estes possam ser constituídos em vários modelos, seja de feminino quanto de masculino, variando histórico e culturalmente.

Sobre a historicização daquilo em que nos transformamos, Preciado (2023, p. 147) afirma:

Tudo o que somos hoje, nosso modo de compreender a nós mesmos como corpos livres, individuais e desejantes, começa com a imprensa, a Revolução Industrial, o magnetismo e sua transformação em eletricidade, o

transporte rápido, a comunicação a longa distância, a organização da cidade moderna e sua grande territorial.

É a partir da Revolução Industrial que se consolida a separação entre essas tarefas como temos hoje, ou seja, a política e o trabalho associados ao plano masculino e, de maneira oposta e complementar, o lar e o doméstico são associados ao feminino (Grossi, 2004). Assim, a divisão sexual longe de ser algo originário e ligado a essência da condição humana, é transmitida de geração em geração pelo aprendizado das meninas [cis] com as mulheres [cis] e dos meninos [cis] com os homens [cis].

Essa ideia de aprendizagem da masculinidade também é possível identificar na fala dos nossos interlocutores: “Vivendo no dia a dia [...], eu entendo que não adianta porque eu não fui criado. Como eu falo para minha treinadora: eu tô [estou] aprendendo a ser homem” (Jhonatan, 2025).

Nesta narrativa, mesmo com a identificação de Jhonatan enquanto homem, ao transicionar, ele se depara com questões do “mundo dos homens” (Machado, 2001) que só passou a ter acesso após inserir-se e ser reconhecido como pertencente de tal mundo. E isto se deve ao fato de que diversos são os contextos culturais em que há rituais de iniciação envolvendo práticas marcadas pela separação dos sujeitos, funcionando como mecanismos de construção identitária grupal de gênero (Grossi, 2004).

Na cultura ocidental, os rituais de iniciação do gênero masculino se dão pela separação do mundo das mulheres [cis], muitas vezes com a utilização da violência e humilhação. A violência e o medo, inclusive de ser associado ao feminino, é que ensina os homens [cis] a serem homens. Ao identificar as aproximações entre masculinidade e violência hoje em nosso país, é inevitável que não se pense nos processos de constituição das identidades masculinas (Grossi, 2004). E mais especificamente sobre um dos nossos interlocutores, temos:

Eu acho que durante muito tempo, inclusive depois de já ter me entendido enquanto uma pessoa trans, eu tinha questões com a minha masculinidade por isso. Porque as referências e as vivências que eu tinha tido com homem cis, principalmente homens cis hétero, mas não só, homem cis no geral, eram de violência, de opressão. Então era como se realmente fosse uma associação inconsciente. Já para mim, que não tinha como ter masculinidade sem ter violência. Então eu entrava em conflito com minha própria masculinidade, porque eu ficava tipo: mas, como é que vai essa ser masculinidade? Eu não quero ser violento (Murilo, 2025).

Percebemos na fala de Murilo que a associação de masculinidade e agressividade é tão enraizada que chega ao ponto de não ser possível identificar-se como tal sem a possibilidade de acessá-la ou ser associado a ela, o que faz com que ele não veja congruência em pensar uma masculinidade que não esteja associada a violência, nem por ele mesmo.

Já os rituais voltados a construção de feminilidade são menos atrelados à violência que a masculinidades. Não precisa se separar as mulheres [cis] do mundo feminino, pelo contrário, reforça-se este vínculo pelo aprendizado das regras deste mundo. A atividade, a força e a agressividade não são consideradas habilidades inatas do corpo designado como feminino. Pela lógica de opostos complementares dessas identidades, nele é identificado a paciência, compreensão, a delicadeza e autocontrole.

Mesmo após os rituais de iniciação, a vigilância e a doutrinação sobre os papéis de gênero permanecem ao longo de toda a vida. Podemos ver nesse cenário uma das bases discursivas do regime farmacopornográfico, que se sustenta numa fantástica e inquestionável equação: “um pau = uma força orgásmica = um consumidor, ou seu oposto complementar > um corpo feminilizado = uma força orgásmica = um trabalhador do sexo” (Preciado, 2023, p. 287).

Desde cedo, rapazes e moças são orientados, através da lógica heterossexual e cisgênera, a adotar perspectivas distintas sobre o amor, a sexualidade e o próprio corpo. Seguindo essa lógica, a relação sexual é ensinada para os homens [cis] a partir da lógica da conquista, sendo o ato sexual o lugar da dominação, da “posse”. Onde o gozo advém de poder fazer a outra pessoa gozar, ou seja, espera-se no orgasmo do outro uma prova de sua virilidade e garantido por essa forma suprema de submissão, mesmo que este não seja real. Enquanto as mulheres [cis] são orientadas socialmente para viver o amor como uma experiência íntima e profunda, carregada de afeto, onde não existe apenas a penetração, mas pode incluir um amplo leque de atividades, como: tocar, acariciar, beijar, abraçar e falar. Assim, percebemos que a sexualidade – heterossexual - consiste em um norteador da construção do gênero.

Segundo Bourdieu (2002), a sexualidade, que encontra sua realização no erotismo, é composta por um conjunto de oposições que organizam todo o universo social. Assim, os atributos e atos sexuais são sobrecarregados de determinações

[Digite aqui]

antropológicas, nos fazendo perder o senso da ordem simbólica e discursiva do gênero, enraizada em uma estrutura semiótica generificada do corpo socializado, onde seus movimentos e deslocamentos são, imediatamente, revestidos de significação social. Nesse contexto, vejamos a fala de Jhonatan (2025): “Na minha cabeça fica: ‘Cara, não posso procurar uma menina hétero porque ela não vai entender, ela vai buscar um menino cis, vai buscar na genitália e tal’ ”.

Ao falar sobre a busca por parceiras, Jhonatan apresenta o aspecto biológico como critério determinante para as relações afetivo sexuais. Associamos o movimento de ereção ou a posição superior no ato sexual ao masculino (Bourdieu, 2002), sendo assim, o indivíduo que não possua essas possibilidades de movimentação em seu corpo, é desqualificado como possível de envolvimento e de direcionamento de desejo, por parte do seu oposto complementar: a mulher [cis].

Para além da presença do órgão genital, nossos interlocutores apontaram diversas outras formas de pressões que vivenciam para serem lidos como homens:

Tem até como você fosse se programar, você sai daquela bolha que você quer sair, mas você entra em outra, porque você tem que se programar uma coisa, porque se você sair, você é julgado, entendeu? E eu não entendo isso, às vezes não entendo por que, como você sai de um algo e você entra noutro e você tem que provar algo a alguém? Não, eu tenho que me comportar assim, porque se eu não me comportar, não vou ser (Anderson, 2025).

Sendo o gênero resultado de práticas educativas e culturais tradicionalmente organizadas em dois conjuntos distintos de normas, valores e comportamentos, pessoas que nascem com útero são, desde cedo, conduzidas a uma pertença forçada ao que se constrói como “mundo das mulheres”. Homens trans e pessoas transmasculinas, portanto, são doutrinadas a encontrar sentido nesse pertencimento inicial, mesmo que tal identificação não se sustente de forma subjetiva.

No entanto, ao romper com esse lugar e reivindicar o reconhecimento enquanto homens, não acessam uma condição de liberdade plena, mas sim, uma nova lista de exigências comportamentais, agora vinculadas à normatividade atrelada ao masculino. O que Anderson (2025) falou acima apresenta esse rompimento com o mundo ao qual a sociedade nos determina a partir da nossa formação anatômica.

Contudo, além disso, ele apresenta a indignação com a realidade de não poder ser livre para construir-se após esse rompimento, pois se depara com a coação ao encaixe em outro mundo conhecido, o dos homens. Caso não haja a

[Digite aqui]

correspondência, a punição começa pelo julgamento. Algumas falas que se seguem evidenciam como, frequentemente, associa-se a masculinidade a comportamentos e expressões muito específicas, desconsiderando a diversidade presente entre homens, e, portanto, julgando-os:

E é um homem gay afeminadíssimo, mas é um e continua sendo um homem (João, 2025).

Eu tenho muita intimidade com gays, né? E eles são afeminados. De certa forma, nós temos uma brincadeira aí, de certa forma. Eu falo numa finalidade que eles acham: "Esse homem é gay, djabé [diabo é] isso? Se comporta como um homem". Eu disse "Agora pronto, tá lhe incomodando porque o meu jeito", entendeu? "Se você é tão homem, pronto, bota aqui na testa: "masculinidade! Ome, isso não influencia, não. Eu falo: "Ai, mulher"; "Ai, bicha, vem cá"; É meu linguajar com as meninas. "Ai, bicha". Assim, querendo ou não, fala [...] Porque tem gente aí: "Esse homem tá me chamando de viado, é". Como um homem trans, eu sem querer: "Ô mulher para", na brincadeira, né? Nós bebendo, "Ô mulher para", "esse ome [homem] é fresco, é? Tá me tirando?" Já... Parece que é uma coisa cheia uma sexualidade frágil demais, entendeu? (Anderson, 2025).

João questiona a maioria das formas tradicionais de nomeação do gênero, seja por uma vivência, um roteiro ou ainda a presença da masculinidade, mesmo que a ausência dessa última esteja sendo observada na sociedade, cabendo o apontamento e a constante recusa.

No primeiro trecho, ao falar sobre seu melhor amigo, João (2025) pontua que mesmo ele sendo gay com comportamentos considerados femininos, ele é e continua sendo um homem [cis]. Já Anderson, nos apresenta o incômodo de outros homens trans, que ele não compreende, em utilizar falas e comportamentos atribuídos a gays, "viados", "frescos", pela aproximação com o feminino.

Nas duas falas, encontramos a necessidade de provar ou defender o ser homem quando há a presença de expressões consideradas femininas. O primeiro, pontua a necessidade de afirmar que a expressão de feminilidade não anula a identidade de homem [cis], porém, a necessidade da pontuação expõe o discurso que a coexistência entre a identidade de homem [cis] e traços femininos não é óbvia, precisando ser verbalizada. Mesmo defendendo essa coexistência de feminilidade e masculinidade, na fala do nosso interlocutor podemos identificar separações bem definidas enquanto oposição: "é afeminado, *mas* ainda é homem". Esse pensamento se sustenta em ideias similares a das teóricas feministas estruturalistas, para as quais o gênero implicaria em alteridade, ou seja, para existir o masculino seria

necessário o feminino (Grossi, 2004). Pelo jogo de disputa em que se constrói o reconhecimento da identidade a partir da existência de pessoas diferentes.

Enquanto isso, Anderson faz um enfrentamento direto a esse pensamento, de uma masculinidade rígida, evidenciada nas fragilidades masculinas daqueles que se sentem ameaçados. Ao se sentir confortável com a feminilidade, ele não apenas afirma que masculinidade e feminilidade coexistem, como vive essa contradição, sem pedir desculpas, embora reconheça os efeitos que isso gera.

Mesmo com as divergências nos discursos, observamos também aproximações, pois ambos reafirmam o “ser homem” para além da performance tradicional da masculinidade, confrontando a lógica essencialista que atrela identidade de gênero ao comportamento esperado. As falas analisadas também nos permitem observar o incômodo social diante da quebra da definição aparentemente estável da identidade masculina e feminina, e na aparição de várias performances de gênero:

Circulando livremente e coletivamente utilizada, a testosterona é dinamite para o regime heterossexual. Já não se trata apenas de afirmar a existência de quatro ou cinco sexo, como querem alguns cientistas e teóricos do desejo da sexualidade, e sim de aceitar o caráter radicalmente technoconstruído, inegavelmente múltiplo, maleável e mutável dos corpos e prazeres (Preciado, 2023, p. 218).

A reafirmação da identidade masculina frente a expressões “afeminadas” é a evidência da crença de que o gênero deveria ser estável e bem delimitado, mas não é. Ao analisarmos, percebemos que essa estabilidade não é só sustentada pela subjetividade, mas também pela identificação com os signos corporais e seus correspondentes socialmente reconhecidos, como: tom de voz, gestos, roupas, acessórios, lugar. O que está em jogo, portanto, é uma fabricação normativa do corpo-identidade, onde o poder se exerce borrando a construção histórica e cultural, tanto nas materialidades quanto nos significados. Se compreendemos o corpo como algo fabricado a partir dos desejos manipulados pelo regime farmacopornográfico, como isso poderia nos implicar quanto ao caráter deturpado do entendimento que as identidades se constituem naturalmente com base na diferença?

Essa indagação nos convida a reconhecer que a identidade não é uma expressão direta de um corpo “natural”, muito menos a simples resposta: “aquilo que se é”. A identidade e a diferença são forjadas nas relações sociais, culturais e temporais. A identidade dominante, por exemplo, só se sustenta a partir da

inferiorização e invisibilidade do “outro” marcado como tal (Hall; Woodward; Silva, 2014).

Podemos perceber, então, que elas não convivem em um acordo harmonioso; suas atualizações se dão por estarem sendo constantemente disputadas, assim como não são apenas definidas, posto que, muitas vezes, são impostas. Preciado (2022) defende que do ponto de vista contrassexual, o mais importante é a relação promíscua que a tecnologia e os corpos realizam, nomeando de “(...) naturalização e materialização das relações de poder de produção prostética de gênero” (Preciado, 2022, p.155).

A partir da discussão feita anteriormente, a identidade se constitui como referência, ela é o ponto de partida original ao qual se define a diferença. É possível perceber isso no nosso dia a dia devido a nossa tendência a tomar aquilo que somos como a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (Hall; Woodward; Silva, 2014).

Mas, seria apenas isso? Tomemos como ponto de partida a fala de João (2025): “Eu acho que não existe masculinidade que explique você ser homem. Eu acho que não tem uma vivência, não tem um caminho que defina o que é ser homem, para mim! Quem foi que definiu o que é ser homem?”.

Ao refletir sobre a pergunta de João, percebi que o caminho que me fazia sentido de resposta continuava sendo o proposto por Preciado (2023), ao apresentar o viés semiótico de gênero, ou seja, o lugar de importância dos signos para a construção das identidades de gênero. Para o autor, a pornografia ocupa esse lugar dentro do regime farmacopornográfico. Ela, ao reunir as características de qualquer outro espetáculo presente na indústria cultural: performance, dramatização, reprodutibilidade e distribuição audiovisual, nos traz as representações narrativas e performáticas que compõem, majoritariamente, o biomacho viril, desejoso de descarregar sua potência orgásmica a todo custo, sendo o complemento perfeito para a bio submissa (De Almeida; Gross, 2022).

Essa aproximação da reflexão sobre a masculinidade que João faz, a partir de uma experiência que possa ser comum a todos os homens ou de um caminho único que todos os homens percorrem, com a teoria de Preciado, nos possibilita transicionar de um lugar da identidade masculina como resultado (passado), para

um olhar desta enquanto constante necessidade de atualização (presente) objetivando um fim (futuro).

O que quero dizer é que o homem não me parece ter sido definido, como questiona João, mas o “ser homem” é como a linha de chegada que todos os homens deveriam buscar. Nessa lógica, o fim dessa corrida para a conquista do troféu “Homem”, seria a compatibilidade do modelo de masculinidade disseminado pela pornografia, com a reprodutibilidade de todos os seus signos, sem mais ou menos.

Contundo, não é possível que esses signos sejam sempre coerentes com tal modelo, podendo reforçar, tensionar ou desconstruir o que se espera de cada identidade de gênero. Sobre a possibilidade de pertencimento ao masculino, temos:

Depois disso, cortei o cabelo realmente raspado, digamos assim, “masculino”, eu comecei a usar binder e aquilo ali eu estava no céu, porque eu comecei a ver a minha imagem começou a refletir um pouco o que eu sentia internamente. E foi novamente, foi uma euforia momentânea até o ponto de que aquilo não me bastava mais. Eu não queria só aquilo. Aí, nesse meio tempo, de todas essas contradições comigo mesmo, com as pessoas que eu amava e tudo, comecei a... O hormônio, né, a questão hormonal. E quando veio a barba, veio a voz, veio as mudanças corporais e tudo ali foi uma outra euforia, que foi a que mais durou, que foi a que mais me manteve centrado. Até um ponto de eu entender assim: não é só isso. Aí veio o packer. Os packers. Eu sou uma pessoa trans que sente a necessidade de fazer a resignação sexual, né? (João, 2025).

João nos comunica que os momentos de maior sensação de alívio, euforia e reconhecimento, foram os que percebeu alinhamento do que ele sentia internamente com o que ele passou observar em sua imagem: corte de cabelo; uso do binder; utilização do hormônio que desencadeou a mudança da voz, o surgimento da barba e as mudanças corporais. Esses elementos representam deslocamentos de significação e produção da identidade por parte dos outros, sendo efeitos de modificações dos signos visuais e auditivos socialmente:

A substância não só modifica o filtro com que decodificamos e recodificamos o mundo: também modifica radicalmente o corpo e, portanto, o mundo pelo qual somos decodificados pelos outros. Seis meses de testosterona e qualquer mulher cis, não uma que deveria-ter-sido-homem ou uma lésbica, mas qualquer menina, qualquer criança de bairro, uma Jennnifer Lopez ou uma Rihanna, pode tornar-se um membro da espécie masculina indiscernível de qualquer outro membro da classe dominante (Preciado, 2023, p.376).

Essa movimentação representa o abandono do território das identidades femininas (desterritorialização) e a reterritorialização em outros planos, a sua construção própria do território da masculinidade, sem abandonar por completo os agenciamentos feitos com os territórios de masculinidade já existentes, que apontam o cabelo curto, voz grossa e barba como seus elementos (Enes; Bicalho, 2014).

Mesmo que a fala de João (2025) represente o roteiro tradicional esperado para uma pessoa trans, reflexos das influências dos dispositivos médico-jurídicos (Preciado, 2023), onde vemos em sua fala elementos que apontam a transição como um processo que se realiza em etapas, chegando ao “estágio final”, que seria a cirurgia de faloplastia – que ele nomeia como redesignação. Cada “etapa” teria processos “biomorfológicos” e/ou “político-administrativo” (Preciado, 2020, p.223) específicos que o compõe.

Pensar, portanto, o gênero a partir de uma combinação de signos, o desloca da essencialidade, expandindo-o para uma visão de montagem através da necessidade de combinação desses significados. “Para a corrente pós-estruturalista, o gênero se constitui pela linguagem, por aquilo que muitas autoras identificadas com a corrente pós-estruturalista definem como discurso” (Grossi, 2004, p.5). Ela ainda acrescenta que o pós-estruturalismo aponta os discursos não apenas como palavra, mas linguagem, atos que têm significado, ou seja, tudo que está produzindo significados para mim e para vocês.

Segundo Grossi (2004) o corpo é o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero. Em outra fala, João (2025) compartilha os significados dessa produção corporal:

Isso aqui não basta. Eu quero mais. Eu preciso de mais. Eu preciso de mais para adequar o corpo que eu tenho hoje. A maneira como eu mostro a sociedade, como a maneira como eu me vejo. Então a pressão é minha comigo mesmo.

Mesmo que o interlocutor acentue que essa pressão vem dele com ele mesmo, os signos atribuídos aos gêneros, nesse caso o masculino, são constantemente cobrados para identificação e reconhecimento das identidades.

No ponto a seguir iremos explorar quais signos utilizamos, enquanto sociedade, para nomear um corpo socialmente lido como masculino e como os nossos entrevistados se relacionam com eles, já que até o momento percebemos que reduzir o homem a presença do pênis e testículos – viés biológico – ou dentro

da dicotomia homem [cis] e mulher [cis] – viés sociocultural – não conseguem ser suporte para a análise de masculinidade que estamos buscando fazer.

3.2.2 Tecnologias de produção de sujeito – Farmacopornografia

O termo tecnologia, ao qual origem remete à *techné*, significa ofício e arte de fabricar. Tradicionalmente, ele funciona de base para uma série de oposições binárias, como: natural e artificial, primitivo e moderno, órgão e máquina, onde o “instrumento” funciona como um mediador dessas oposições. A percepção da tecnologia como “(...) totalidade dos instrumentos que os **homens** fabricam e empregam para realizar coisas” (Preciado, 2022, p.148, grifo no original), em um primeiro momento, funciona como apoio às noções “intocáveis” de diferença sexual e natureza humana.

Deixar de lado a ligação exclusiva da masculinidade às características fisiológicas nos permite ultrapassar tanto as armadilhas que as feministas essencialistas caíram como as que caíram as feministas construtivistas. Enquanto as representantes do feminismo essencialista se retraíram em posições conservadoras sobre: maternidade, reprodução e respeito da diferença feminina, o chamado feminismo construtivista caiu na armadilha de observar apenas o feminino enquanto resultado de procedimentos tecnológicos de construção, mantendo a masculinidade como paradoxalmente natural: “O problema dessa abordagem é que ela considera a tecnologia como aquilo que modifica uma natureza dada, ao invés de pensar a tecnologia como a produção mesma dessa natureza” (Preciado, 2022, p.153).

Os dois modelos dependem de um mesmo pilar moderno: a ideologia ao qual o corpo resguardaria uma verdade última, uma matéria biológica “dada”. Crença essa que se encontra, inclusive, nas posições mais radicais do construtivismo. Assim, pensar o sexo e o gênero como tecnologias parece-nos uma alternativa de remover a falsa contradição entre essencialismo e construtivismo, pois, não é possível isolar os corpos das forças de construção social da diferença sexual (Preciado, 2022)

Foucault nomeou de “biopolítica” a fase das sociedades contemporâneas na qual o objetivo e a produção se dão em busca do controle da própria vida. Estando a biotecnologia ancorada no trabalho, simultâneo, sobre os corpos e sobre as estruturas sociais que controlam e regulam a variabilidade cultural (Preciado, 2022).

[Digite aqui]

Sendo assim, o resultado mais impactante das tecnologias sexuais e de gênero não foi, exatamente, a transformação dos corpos “femininos”, mas dissimular as diferenças políticas como algo orgânico, natural. Preciado (2023, p. 212) afirma que

O regime farmacopornográfico não desloca simplesmente o regime biopolítico disciplinar do século XIX: estabelece alianças inesperadas e estratégicas com ele, criando ficções somatopolíticas tão estranhas como usuário-de-Viagra-doador-de-esperma ou a mulher-sexualmente-disfuncional-consumidora-de-pílula”.

Essa aliança entre antigos e novos regimes de poder aponta que a produção de corpos e subjetividades continua operando sob lógicas normativas, agora atravessadas por tecnologias do prazer e da produtividade. Em outro momento, o mesmo autor observa:

No contexto de um modelo sexopolítico farmacopornográfico de rápida expansão [...] modulado pelas flutuações do mercado farmacêutico, implantes e micropíulas anunciam um novo tipo de heterossexualidade de alta tecnologia: a techno-Barbie, eternamente jovem e hipersexualizada, quase completamente infértil e sem menstruar, mas sempre pronta para a inseminação artificial e acompanhada de um supermacho estéril cujas ereções são tecnicamente produzidas por uma combinação de Viagra e códigos pornográficos audiovisuais emitidos por meio de canais digitais computadorizados. Finalmente, a fertilização heterossexual farmacopornográfica está acontecendo *in vitro* (Preciado, 2023, p.208).

Apresentando essa configuração de gêneros e sexualidades tecnicamente mediados, Preciado evidencia como os corpos são reorganizados para se adequarem às demandas do consumo, do desempenho e da reprodução artificial. Além das atuações na produção dos modos de existência, que é onde as normas de gênero e sexualidade passam a ser incorporadas, vividas e naturalizadas, fazendo com que determinadas formas de ser no mundo pareçam inevitáveis.

Quando os demais entrevistados foram perguntados quais suas referências de masculinidade, as respostas seguiram esse mesmo pensamento. Paulo fez a observação:

Ainda é um grande conflito, porque é como se testosterona fosse algo extremamente importante. Como se eu estivesse esperando para começar a minha vida, mas não é sobre isso, não. Não tem muitas referências, tipo, antes da testosterona. Às vezes acontecem alguns conflitos assim (Paulo, 2025).

Paulo questiona a ausência de homens trans e pessoas transmasculinas ocupando lugar de visibilidade que não fossem hormonizadas, seja por ainda não ter acesso ou possibilidade de iniciá-la, seja por não verem sentido nesse processo. A hormonização, para muitos, é o sinônimo de transicionar, como se o foco do

[Digite aqui]

processo fosse buscar igualar-se a imagem de uma pessoa cisgênera. O que para alguns, é o objetivo: “Eu não me apresento (como trans) porque, como eu comecei o hormônio, foi para ser passável” (Nicholas, 2025). Mas, não necessariamente é uma regra ou critério de avaliação se a pessoa é trans “de verdade” ou não.

Murilo faz um questionamento parecido aos citados anteriormente: “Eu sinto que as referências que eu tenho, não de masculinidade, mas talvez de gênero, de transição e tal, muito, muito, são de pessoas transfemininas” (Murilo, 2025). Jhonatan também apresenta a falta de referências: “A falta de referências de homens trans, pretos e nordestinos” (Jhonatan, 2025). Já Nicholas nos respondeu com a seguinte afirmação: “Eu não tenho referência. É tudo coisa da minha cabeça”. Isso mostra como esses signos são tão naturalizados que parecem referenciais dos próprios sujeitos na construção das suas próprias masculinidades.

Diante das falas, podemos perceber a dificuldade de nossos entrevistados em nomear uma ou mais pessoas como referência para o seu processo de transição. Contudo, ao seguir o pensamento que estamos construindo na presente pesquisa, notamos que, em diversas outras falas dos entrevistados, emergem elementos de significação social associados ao masculino.

Então, por mais que não se tenha uma pessoa em quem se espelhar ou inspirar, a materialidade do corpo passa por marcadores que acabam compondo a identidade masculina. A sutileza na apresentação desses signos e a pulverização da naturalização dessa aparência fazem com que nossos interlocutores os percebam como referenciais internos do sujeito, sem precisar apontar um modelo externo específico.

Dentro das próprias vivências transmasculinas, há percepções entre os rapazes sobre quem parece mais cisgênero — quem “passa” melhor, quem tem corpo, voz, aparência mais lida como “naturalmente masculina”. Podemos identificar na fala de alguns dos nossos interlocutores as diversas facetas dessa comparação, seja feita por eles mesmos ao se compararem com outros – seja no presente ou um pensamento que já não faz mais sentido; feita também por antigos e antigas companheiras(os); feita por familiares; e, ainda, feitas por pessoas da própria comunidade trans, dentro de espaços destinados a celebração da diversidade e da transgeneridade.

Anderson fala com um tom de indignação: “Eu acho que esses meninos têm que passar pelos psicólogos, porque quando eles tomam hormônio, eu acho que eles viram cis. Eles acham que eles se comportam. Ele se comporta [como] cis” (Anderson, 2025). Para ele, não parece fazer sentido transicionar para ficar igual a um homem cis.

Você pode estar se perguntando: Se não é o sexo biológico nem o gênero, enquanto construção social, o que define um homem, o que o define? Essa foi uma pergunta que também me atravessou por muito tempo — e, durante boa parte desse tempo, seguiu sem resposta. Foi ouvindo as experiências de outros homens trans que percebi que não há uma essência de ser homem, mas, um conjunto de signos que passam a ser construídos, destruídos e atualizados como masculinos no tecido social: gestos, vozes, roupas, posturas, presenças. São essas marcas que, no cotidiano, organizam os corpos e são interpretadas como signos da masculinidade. Como aponta Lins e Alvim (2020), trata-se de um corpo que se faz na relação com o mundo — um corpo produzido pelo mundo, mas também capaz de produzi-lo.

A reafirmação da masculinidade, inclusive no contexto de homens trans e pessoas transmasculinas, muitas vezes se apoia em símbolos fisiológicos considerados socialmente como marcadores evidentes do ser homem. Esses elementos corporais, embora não definam a masculinidade em si, funcionam como códigos de legitimidade dentro de uma cultura que vincula intensamente corpo e identidade de gênero. Nesse mesmo sentido, o uso de determinadas roupas também exerce papel central nesse processo:

Por exemplo, eu ando com elas [mulheres Trans e as Travestis] nas ruas e os homens [cis] assim, eles, homens cis, em sua maioria hétero, pais de família, não disfarçam. Tipo assédio, olhares muito inconvenientes. Às vezes falas; é uma coisa assim que se repete quase todas as vezes que a gente sai. E que eu não percebo comigo. Eu percebo que desde que eu fiz a transição social e tal, passei a me vestir de uma forma que é entendida socialmente como masculina e tal. É. Se antes era de um lugar do assédio, como eu me entendia quando eu me entendia como mulher cis, esses homens [cis] passaram a me ignorar ou a me olhar com desprezo, com desdém, com nojo, o que para mim não era ruim (Murilo, 2025).

Em um contexto em que o pertencimento masculino é constantemente colocado em dúvida, esses recursos adquirem um peso simbólico que ultrapassa o campo da aparência, atuando diretamente na construção subjetiva da identidade e na proteção frente a violências cotidianas.

A necessidade de nomear de “social” uma transição apenas pela inexistência de intervenções biotecnológicas e/ou farmacológicas não parece fazer sentido. Afinal, qual transição não é social? É possível perceber em sua fala o deslocamento de um lugar social ocupado por corpos lidos como femininos: o lugar de objeto de desejo, aquele a ser conquistado, possuído, vislumbrado (Machado, 2001).

Quando ele, também, observa o movimento contrário, quando suas amigas mulheres trans e travestis passam a ocupar esse lugar após a transição, evidencia-se o quanto a experiência da transição envolve, desde o início, o corpo. Mesmo não sendo o aspecto biológico do corpo, a materialidade é alterada pois este continua sendo território relacional, de afeto e político (Preciado, 2020, 2023).

A fala de Murilo (2025) evidencia essa falsa cisão ao nomear sua transição como “social”, como se existissem duas transições separadas: a social e a biológica. Mas, o que é esse biológico? Quem são os corpos que podem simplesmente “ser”, sem necessidade de atravessamentos tecnológicos para serem reconhecidos em pleno século XXI?

A fim de realizar o trabalho terapêutico para a multidão que me faz começar a tomar testosterona e a escrever, preciso agora apenas convencê-los, todos vocês, de que vocês são como eu, e não o contrário. Não vou lhes dizer que sou igual a vocês, seu semelhante, nem pedir que me permitam participar de suas leis, ou que me reconheçam como parte da sua normalidade social. Mas desejo, sim, convencê-los de que, na verdade, vocês são como eu. Tentados pela mesma deriva química. Vocês que a levam dentro: acreditam-se mulheres cis, mas tomam a pílula; acreditam-se homens cis, mas tomam Viagra; são normais, mas tomam Prozac e Paxil na expectativa de que algo os livre de seus problemas de decréscimo de vitalidade; usam cortisona, cocaína, álcool, Ritalina e codeína... Vocês, você também, são o monstro que a testosterona desperta em mim (Preciado, 2023, p.378-379).

Defendo, assim como Preciado, que não existe separação entre intervenções a nível social e a nível corporal. O uso de qualquer tecnologia, sejam roupas, acessórios, hormônios ou cirurgias, atuam no corpo como prótese, como extensão, sendo incorporadas através da promiscua relação tecnopolítica que fabrica identidades (Preciado, 2023). Contudo, os hormônios, ao serem compreendidos como próteses químicas, produzem efeitos percebidos como mais profundos, fixos e permanentes do que outras formas de intervenção, como o uso de roupas, cortes de cabelo ou alteração na postura.

Enquanto essas últimas podem ser vistas como elementos externos e facilmente modificáveis, a aparente “irreversibilidade” dos efeitos hormonais os posiciona como marcos “mais sérios” ou “definitivos” na trajetória de afirmação

[Digite aqui]

identitária, o que contribui para que sejam tomados, socialmente, como provas “mais legítimas”. Essa percepção, no entanto, reforça a hierarquização entre diferentes modos de expressão de gênero, estabelecendo uma escala de “coerência corporal” que marginaliza experiências que não passam por esse tipo de intervenção.

A testosterona, ao ser injetada no corpo, apresenta efeitos androgênicos visíveis em poucos meses. Em contrapartida, frente a administração de estrógenos nas transfeminilidades, a testosterona resiste aos seus efeitos, retardando as modificações fisiológicas. Voz mais grave, pelos faciais e corporais, altura, são todos marcadores que tendem a persistir, necessitando do uso de bloqueadores e de cirurgias para modificar tais elementos – caso esse seja o desejo. O ponto é que a presença destes em corpos que se colocam como femininos no mundo, produzem estranhamentos que podem ser percebidos em olhares e ouvidos em comentários.

Como podemos perceber, os marcadores de significação e decodificação de gênero não existem isoladamente, mas, em relação uns com os outros e com o mundo. No entanto, mesmo operando em conjunto, nem todos têm o mesmo peso nessa linguagem significativa de gênero:

Dois pequenos problemas somatopolíticos que modificariam a decodificação visual e auditiva do gênero são a pilosidade facial e a mudança da voz. Parece espantoso que, no Ocidente, no início do século XXI, em uma sociedade extremamente high-tech na gestão da reprodução, a decodificação do gênero se reduza ao pelo facial e ao timbre da voz. Digamos, então, que o pelo facial e a voz, e não o pênis e a vagina – ou os cromossomos X e Y –, são os significantes públicos culturais dominantes de gênero da nossa sociedade (Preciado, 2023, p. 215).

O termo “somatopolítica” não é explicitamente definido dentro da obra de Preciado, contudo, ele é apresentado através da operacionalização desse conceito, como vimos na citação apresentada anteriormente. A palavra somatopolítica é uma combinação de *sôma* – termo grego referente a ‘corpo’ – com *politeia* – termo grego referente aos procedimentos relacionado a *Pólis* – contemplando e indicando a influência política e do poder na construção de subjetividade e, tomando o corpo como uma soma de relações promiscuas com próteses tecnológicas (Preciado, 2023).

Quem nos apresentou a definição desse conceito a partir da teoria de Preciado foi Ana Oliveira (2020), apontando que a somatopolítica se opõe a sociedade disciplinar foucaltiana, pois nesta as tecnologias regulam o corpo e as subjetividades “a partir de um aparato ortopédico-arquitetônico (exterior ao corpo)”

[Digite aqui]

(Oliveira, 2020, p.4). Já na sociedade farmacopornográfica, a somatopolítica representa a inscrição direta, a negociação e a transformação do poder dentro do corpo individual, inclusive por meios tecnoquímicos (Oliveira, 2020).

Diversos foram os autores lidos pelo presente pesquisador a fim de buscar embasamento teórico para o deslocamento ocorrido a partir da leitura de mundo apresentada por Preciado, entre autoras e autores clássicos dos estudos de gênero, trabalhos sobre masculinidades e textos sobre transmasculinidades. Mas, até o momento nada foi encontrado⁹ sobre algo tão pequeno, não de significado, posto que seus impactos são enormes, digo no sentido de medida de comprimento. A barba não é nada mais do que poucos centímetros – quando cultivada por longos anos - de células mortas que saem de poros ainda menores do que milímetros dos pelos faciais. Mesmo o próprio Preciado, que apresenta tal pensamento, não o desenvolve profundamente.

Jhonatan, principalmente, trouxe em muitas falas a importância da barba para a legitimidade de sua identidade masculina. Foi, portanto, a partir do deslocamento da apresentação dos problemas somatopolíticos de Preciado e das falas dos nossos interlocutores que desenvolvi tal pensamento.

Quando perguntado sobre o que seria passabilidade, Jhonatan (2025) respondeu: “Vou falar assim por mim, mas, pelo que eu percebo é realmente ter barba. Ter um. Não estar mais com peito. E é isso. Postura, às vezes também”. Nessa passagem, vemos que o primeiro significante de masculinidade que Jhonatan nos apresenta é a barba, os outros parecem não ter a mesma importância para a sua experiência quanto a barba.

Ao falar de sua experiência, reitera o lugar do “desejo individual” de corresponder a esses parâmetros, para apontar situações que Jhonatan compartilhou do seu cotidiano apresentando como, por vezes, a ausência desse marcador traçou a linha da codificação de gênero:

E ele (Nicholas) viu o esforço que eu tinha para ter roupa, cabelo, toda aquela coisa dita de um menino, de um homem. E ainda assim ser tratado no feminino. [...] Então, para mim, depois que veio um pouquinho de barba e tal, parou. Então é passabilidade, para mim é isso: Ter os traços todos de um homem cis (Jhonatan, 2025).

⁹ Acredito firmemente que existam materiais sobre tais discussões, contudo, afirmo que quando escrevo esta dissertação não estive em contato com tais discussões.

Nessa fala ele pontua que as roupas, mesmo tendo sobre elas fortes determinantes sociais do que seria “de menino” ou “de menina”, os cabelos grandes serem associados as mulheres [cis] e os cabelos curtos sendo associados aos homens, não possui o mesmo impacto social do que a presença, mesmo que mínima, da barba.

A discussão desse marcador de diferenciação dos corpos masculino e feminino pode ser tensionada a partir da trajetória de um produto aparentemente banal: O minoxidil.

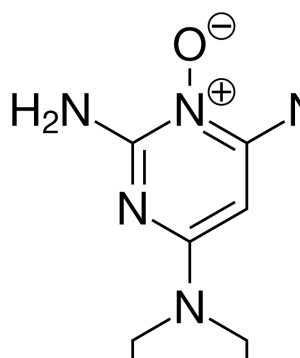


Figura n: Fórmula do Minoxidil.

O Minoxidil é um medicamento que teve sua origem em meados dos anos 1970 com o objetivo de baixar a pressão arterial, foi introduzido no mercado como um medicamento oral (Vasconcelos, 2025). Com a descoberta do seu efeito no crescimento capilar, devido a vasodilatação realizada pelo medicamento - inicialmente um efeito secundário não intencional -, ele foi reavaliado completamente. Dando início aos estudos com relação aos seus efeitos com uma aplicação tópica, diretamente no couro cabeludo para tratar da calvície (Caraciolo, 2018).

Partindo dessa trajetória, deparamo-nos com um desdobramento interessante: o uso oral do Minoxidil em mulheres [cis] com Alopecia Androgenética (AAG).

Alopecia de padrão feminino (APF), ou alopecia androgenética (AAG) feminina, é caracterizada por miniaturização progressiva dos folículos pilosos e diminuição da densidade capilar principalmente na região centro-parietal do couro cabeludo (Caraciola, 2018, n.p.).

A característica principal dessa condição é a diminuição dos folículos capilares, que são pequenas “bolsas” de onde os fios de cabelo nascem. Na APF, eles vão diminuindo de tamanho progressivamente, fazendo com que os cabelos

cresçam cada vez mais finos, curtos e menos visíveis. Como se os cabelos fossem encolhendo e se tornando mais finos. Sendo mais notável nas regiões central e superior da cabeça.

As aprovações sequenciais da Food and Drug Administration: oral para hipertensão, depois para a AAG masculina, e subsequentemente uma espuma específica para a APF feminina (Caraciolo, 2018; Vasconcelos, 2025), ilustram que a trajetória de aprovação não segue apenas critérios estritamente científicos, mas também pressupostos sociopolíticos.

Em estudo realizado com 215 mulheres [cis], o crescimento excessivo dos pelos (hipertricrose) foi o principal efeito colateral observado, estando presente em 54% das participantes (Caraciolo, 2018). Mesmo assim, 87% das pacientes deram continuidade ao tratamento, pontuando que os sintomas eram leves e bem tolerados, persiste a resistência de regulação formal do Minoxidil oral como tratamento para AAG “feminina” (Caraciolo, 2018).

A justificativa dessa resistência justifica-se, em tese, pela falta de estudos que comparem eficácia e segurança em relação à terapia tópica. No entanto, uma leitura contrassexual nos permite ver que o que está em jogo não é somente a ciência, mas a aceitabilidade social do descumprimento da normativa estética: um corpo designado como feminino não deve apresentar pelos faciais robustos.

Já que, o código somatopolítico operante é de que a presença de pelos faciais no corpo feminino decorre de uma patologização ou erro, devendo ser corrigida ou evitada. A presença ou ausência de pelos, nesse contexto, deixa de ser apenas uma característica corporal e passa a operar como marcador simbólico da fronteira entre os gêneros, reafirmando a centralidade do corpo como campo de disputas.

A presença de barba em um corpo é menos sobre confirmar sua masculinidade e mais sobre afastá-lo do campo das feminilidades. Em outras palavras, a barba opera, simbolicamente, como um marcador que exclui um corpo da leitura social do corpo feminino, funcionando mais como uma negação do que como uma afirmação.

No entanto, dentro da lógica binária da cisgeneridade, retirar um corpo do campo das feminilidades implica, automaticamente, situá-lo no campo das masculinidades, já que não há a possibilidade de trânsito, ambiguidade ou

[Digite aqui]

multiplicidade entre esses polos. Essa lógica se sustenta na rigidez das normas que regulam os corpos, especialmente os lidos como femininos, sobre os quais recai uma vigilância muito mais intensa.

Um exemplo disso pode ser observado na discussão acima, onde o uso do Minoxidil se consolidou rapidamente entre homens cisgêneros, sem interferir em sua liberdade de exibir ou não os pelos faciais como parte da performance masculina. Enquanto isso, a indicação para mulheres cisgêneras demorou a ser aceita, refletindo a inaceitabilidade social de que corpos femininos apresentem pelos em excesso ou fora dos lugares “adequados”.

A flexibilidade dos homens [cis] em escolher entre cultivar ou raspar a barba, sem que isso comprometa seu pertencimento de gênero, contrasta com o controle que recai sobre os corpos femininos, para os quais a presença de pelos é vista como inadequada, indesejada ou mesmo patológica. Assim, a barba se torna menos um atributo que define o ser homem [cis] e mais uma barreira simbólica contra o que é lido como ser mulher [cis].

O Minoxidil é amplamente utilizado, inclusive para usos não aprovados, mas com resultados comprovados. Mesmo não sendo uma medicação que faça parte do manual de procedimentos médicos direcionados a “adequação” de gênero de pessoas trans, muitos são as pessoas transmasculinas que o utilizam ou utilizaram.

Até que ela (sua mãe) começou: Esse aqui não tá tão masculino. Isso aqui é mais. Faça isso aqui para sua barba crescer. Então eles sabem o quanto esse tema de passabilidade para mim é sensível e o quanto eu queria (...). Para mim, ser só o Jhonatan, sabe? E é isso. Então a cirurgia agora me ajudou e ele sabe que a barba é o que está mais pegando (Jhonatan, 2025).

A fala de Jhonatan se conecta às discussões dos códigos somatopolíticos, já que, ao adicionar a passabilidade à discussão, apresenta a constante criação de estratégias para driblar e sobreviver às diversas violências e tensões vivenciadas pelo rompimento da normatividade.

Ao desejar ser apenas Jhonatan, anseia que sua existência seja colocada como plano de fundo de sua vida, sobreposta por um dos aspectos de sua vida que é ser uma pessoa trans. Assim, para acessar tal direito, precisa utilizar-se das tecnologias que simbolizam o controle biopolítico dos corpos, expondo tanto o caráter coletivo da passabilidade, quanto o preço emocional e simbólico que se paga pelo rompimento com a norma.

Se a barba se impõe como um marcador visual imediato da masculinidade, a voz opera, secundariamente, como um acoplamento correspondente no plano auditivo. A voz, em sua tonalidade e timbre, carrega códigos sociais intensos, funcionando como senha de acesso ou barreira ao reconhecimento do gênero. Ela auxilia na interpretação desse corpo, nomeando-o e localizando-o no território correspondente.

No regime farmacopornográfico o timbre vocal engrossado pela aplicação constante de testosterona torna-se uma das tecnologias de leitura social do gênero masculino. Vejamos a experiência compartilhada por diferentes interlocutores da pesquisa:

Ele já tinha uma aparência bem masculina, assim você ficava meio que na dúvida. Mas aí, depois do hormônio, ele num instante criou barba, no instante. A voz dele engrossou 1000 vezes mais que a minha. E ele já ficou todo (forte) rapidão. Então, até hoje ele tem uma passabilidade muito mais que a gente, que começou junto (Jhonatan, 2025).

É, também, a partir da voz, que pessoas transmasculinas passam a ser reajustadas socialmente no território das masculinidades. Jhonatan, ao falar sobre o efeito da testosterona no corpo de Nicholas, destacando a rapidez com que sua voz foi modificada (“a voz dele engrossou 1000 vezes mais que a minha”), somando ao aparecimento da barba e do ganho e definição da massa muscular, destaca que seu amigo teve uma aproximação “maior” com os biocódigos masculinos do que ele, mesmo tendo começado a ingestão de testosterona com pouca distância de tempo. A voz, em articulação com outros marcadores de gênero, garante ao seu companheiro a possibilidade de circular com mais segurança, sem ter sua identidade posta à prova.

Ainda sobre a voz, temos a fala de Paulo:

Dos procedimentos citados, eu quero realizar dois deles. Muito por conflitos internos mesmo assim, o hormônio para mim é o que vai mudar a voz, por exemplo, que é um grande desconforto (Paulo, 2025).

Em sua narrativa, Paulo traz um impacto que, em um primeiro momento, pode parecer de uma dimensão mais subjetiva dessa equação, ao apresentar o desconforto com a sua voz. Contudo, seguindo a nossa discussão, o desconforto com a voz não diz respeito apenas a um traço individual e corporal, mas ao seu papel como marcador público de identidade. Quando a voz não está em “congruência” com a identidade reivindicada, o sujeito passa por diferentes questionamentos sobre/ a partir (d)ela.

Nenhum dos nossos interlocutores compartilharam episódios em que a presença de uma voz mais fina ou mais grossa foi impactante para a sua identificação de gênero, contudo, me recordo de diversas ligações – as quais recebo

[Digite aqui]

até hoje – de diferentes ofertas telefônicas com meu nome morto, em que as pessoas ligam perguntando por dada pessoa e ao receberem a resposta, percebo em suas vozes e nas falas que se sucedem uma confusão, pois a resposta que escutam é: “Sou eu mesmo, pode falar”

Outra situação que me acontecia com frequência, de um outro lugar, era: antes de transicionar, eu já tinha o cabelo mais curto e usava roupas associadas ao masculino, por vezes, ao entrar em banheiros, eu recebia olhares de desentendimento e, uma vez em específico, uma pessoa que já estava lá dentro disse: “Não é esse banheiro não, é o ao lado”, e quando eu respondi com um sorriso desconfortável: “É esse sim”, a pessoa ficou desconcertada. Nada mudou em minha aparência, mas a minha voz, ainda fina, fez com que a maneira com que ela me viu, mudasse.

Essas falas, seja a minha, a de Paulo ou a de Jhonatan, quando colocadas em movimento junto a análise feita por Preciado (2022, 2023), indicam que as experiências aqui narradas dos corpos transmasculinos negociam, diariamente, seu reconhecimento a partir das relações que estabelecem com marcadores visíveis/audíveis em seus corpos, como a voz e a barba.

Ela aparece, assim, com fronteira, entre o “passar”, o “ser percebido”, entre os constrangimentos e entre a exposição, dando o tom de como as situações serão apresentadas ao sujeito. É pela voz, portanto, que se atualiza uma das principais operações de regime farmacopornográfico: a gestão dos corpos e dos desejos pelo controle dos seus efeitos sensoriais e políticos.

A partir do deslocamento na percepção de mundo que a leitura desse trecho possibilitou, com todas suas reverberações e ampliações, juntamente com a fala dos nossos entrevistados, propõe-se aqui um terceiro marcador que também opera com forma semelhante na significação generificada dos corpos: a presença ou a ausência dos seios.

Essa proposta surge da frequência com que tal tema apareceu na fala dos interlocutores, mas, ausentou-se na análise feita por Preciado (2023). Ela funda-se na ideia de que, a presença ou a ausência dos seios atua, também, como um significativo marcador corporal. Carregado de significados sociais políticos, a presença/ausência dos seios é capaz de atravessar múltiplas dimensões discursivas – médicas, culturais, afetivas, sexuais – do reconhecimento dos gêneros.

Para a sustentação de tal argumentação, realizo uma leitura do artigo “A Mulher Mastectomizada” de Roque Andrade (2005), publicado na Revista Brasileira

de Oncologia Clínica, estabelecendo conexões com as falas dos nossos interlocutores a fim de analisar as repercussões dos sentidos socioculturais associados aos seios na vivência das transmasculinidades.

No texto de Andrade (2005), os seios são vistos como “(...) o único atributo feminino capaz de identificar naturalmente e inequivocamente uma mulher, sem o despudor da nudez” (Andrade, 2005, p. 29). Em seguida, o autor realiza a seguinte apresentação:

Ao leite está associada a simbologia da abundância, da fertilidade, do conhecimento, do sentido iniciatório do homem, do crescimento espiritual e da vida eterna. Zeus quis conferir poderes divinos e a imortalidade a seu filho Hércules, colocando-o furtivamente, com a cumplicidade de Mercúrio, a sugar o leite da deusa Juno adormecida. O bastardo infante mamou com tanta volúpia que a esposa de Zeus acordou e espavorida, ao repelir afoitamente a ignomínia, fez espargirem-se no espaço sideral gotas do seu leite, que de pronto se transformaram em um caminho pontilhado por bilhões de estrelas, a Via Láctea, a galáxia em cujo seio todos vivemos (Andrade, 2005, p. 29).

Tal exploração do conto mitológico grego apresenta o potencial de “transcendência” (força divina, fecundidade, imortalidade) dos seios. Esse trecho apresenta a ideia de que os seios não são apenas uma parte anatômica pertencente ao corpo designado como feminino, mas emblemas de um “destino feminino pleno”, de fertilidade e reconhecimento social. Essa movimentação reforça um discurso que naturaliza e sagra o seio como fundamento da “verdadeira” mulher [cis]. No âmbito somatopolítico, esses significados fazem dos seios um lugar de poder onde quem nasce com eles teria a obrigação de desempenhar esse papel divino.

Sobre as reverberações de tal significação dos seios na vivência transmasculina, temos:

Eu calado, sem falar nada, levar o nome de trans porque eu tinha peito. Então aquele dia foi bem ruim para mim, bem chato. E aí para mim é isso. Você não... Está retão, não tem nenhum vestígio de seios. Já ter barba (Jhonatan, 2025).

A presença dos seios atua como elemento central da leitura pública de gênero. Por ter peito, seu corpo é lido como evidência de que não seria ele um homem “de verdade”, mas, trans, entendido, nesse contexto, como falha, desvio ou farsa. Como já pontuado anteriormente, o corpo não é apenas um suporte da identidade, mas um campo de relação e, muitas vezes, de litígio, de disputa. A fala apresenta que, mesmo com o silêncio, o corpo é capaz de relacionar-se e comunicar-se. Sendo assim, a presença dos seios é mais do que um incômodo

físico, apresenta-se, para o interlocutor, um fator de fragilidade da legitimidade de sua identidade.

O corpo é a base primordial da nossa existência no mundo. É por ele que percebemos e somos percebidos, nos movemos, gesticulamos e nos relacionamos. Ele é a matriz sensível do encontro entre sujeito e mundo (Alvim, 2011; Lins; Alvim, 2020). Influenciada pela teoria organísmica de Kurt Goldstein, a Gestalt-Terapia compreende o corpo não como um invólucro ou suporte da mente, mas como um organismo vivo, parte indissociável do campo organismo/ambiente.

Diante disso, a leitura de Mônica Alvim e Rafael Lins (2020) da Gestalt-Terapia a partir da mobilização da filosofia de Merleau-Ponty, compreende o humano para além das dicotomias da modernidade, propondo uma existência encarnada e situada, buscando uma retomada do lugar do corpo como um lugar de vínculo.

O corpo ainda não era concebido como um objeto possuído pelo sujeito, ele não pode ser considerado como algo separado do homem, mesmo na morte o corpo ainda é habitado de humanidade. Esse modo de compreender o corpo é perceptível nos relatos historiográficos que descrevem, por exemplo, a crença de que se fossem levados os restos mortais de uma vítima diante de seu assassino, elas sangrariam (Lins; Alvim, 2020, p.308).

Desta forma, os autores consideram que para a experiência encarnada seja possível, é preciso tensionar os efeitos do individualismo moderno, que promoveu um “recuo” do humano ao separar os corpos entre si e do mundo ao redor. Como visto na passagem acima, o que era antes um lugar de vínculo tornou-se fronteira, assim, o corpo passou a ser reduzido à matéria, mesmo que na prática cotidiana, ele continua sendo presença sensível e relacional, pois não é possível considerar o mundo sem o sujeito que o habita, assim como o inverso (Alvim, 2011; Lins; Alvim, 2020).

A percepção de Jhonatan sobre a situação vivida destaca como certos corpos, ao escaparem dos critérios normativos que regulam a inteligibilidade de gênero tornam-se alvos de constante violência e invalidação. Ao descrever como “chato” um episódio marcado por constrangimento e violência, sua fala parece operar como gesto de contenção, talvez como forma de suportar as reverberações de uma experiência que expõe o quanto o corpo, quando não se encaixa no roteiro cisheteronormativo, é reiteradamente desautorizado em seu estar-no-mundo (Filho, 2023).

[Digite aqui]

Seguindo as ideias apresentadas no artigo por Andrade (2005, p.25):

Há ainda, nos seios, uma cumplicidade visceral com a mulher; eles são os ornamentos que não se manifestam desde o berço, ao nascer. Despontam exatamente quando a jovem inicia a sua jornada heróica de mulher [cis] e se modelam quando ela está pronta às sagradas missões que a vida lhe confere, como um atestado de competência ou o passaporte com que se há de apresentar às delícias e provações do mundo. É como se eles lhe sussurrassem aos ouvidos dúbios vá cumprir o teu destino, tu já és plenamente mulher!

Esta passagem ilustra como o corpo designado como feminino, ao longo da puberdade - momento entendido como de amadurecimento e transição da infância para a adultez - tem no surgimento, desenvolvimento e amadurecimento dos seios o “documento público” que certifica a juventude feminina. Isso exemplifica a normatividade que recai sobre os corpos marcados como femininos: é necessário que estes ostentem a feminilidade.

Apesar do artigo ter como público-alvo as mulheres cis com câncer de mama, o modo como os seios são representados – por um médico, homem, cis – convoca uma bateria de expectativas, que precisam ser negociadas. Vejamos alguns dos atravessamentos compartilhados por nossos interlocutores:

Os seios foi tipo camisa branca que agora até eu não sabia, mas, ele também tá passando com isso. Questão de querer usar uma camisa branca. Eu amo regata, então o esparadrapo marcava a camisa branca e não dava para usar regata (Jhonatan, 2025).

A presença dos seios impõe ao sujeito um inter jogo entre a necessidade de adequação (disfarce/esparadrapo) e o desejo (utilização de regata e camisa branca), evidenciando o fluxo de poder que reside na cisheteronormatividade que lê seio = mulher [cis], de forma automática. A fala ainda evidencia o seio como operador somatopolítico, necessitando ser ocultado, condicionando a relação com vestimentas, espaços públicos e com o prazer de habitar o próprio corpo.

A discussão sobre intervenções corporais no contexto das experiências transmasculinas é atravessada por múltiplas camadas de sentido. Entre discursos de autonomia e críticas à cisheteronormatividade, emergem tensões raramente fáceis de serem resolvidas. É nesse campo de disputa que se observa as seguintes falas:

Tanto João quanto o Jonas são homens trans. E acho que questão de algo que eles têm que gostaria de ter, é a questão de estar na hormonioterapia. E o Paul também está na hormonioterapia, e ter feito a mastectomia já (Paulo, 2025).

[Digite aqui]

No mesmo trecho da entrevista, cito algumas das cirurgias comumente associadas à masculinização de um corpo, como a mastectomia, histerectomia e faloplastia. Percebo, em sua resposta, que ele sentia uma certa obrigação de se posicionar em relação a todos esses procedimentos citados. Dessa forma, prosseguiu:

Não quero generalizar, mas, que homens são esses que precisam até mesmo fazer essa cirurgia de redesignação, sendo que tem muitos riscos? A gente mora em um país assim, que não tem estrutura para isso. O próprio João Nery passou por isso e ele fala sobre isso nos livros dele (Paulo, 2025).

Ao contrapor as duas falas, questioneei: por que as cirurgias não desejadas por Paulo são, imediatamente, colocadas como de risco elevado e desprovidas de necessidade real, ao ponto de questionar a fragilidade da masculinidade daqueles que a desejam? Todavia, ele mesmo reconhece a relevância social de atender ao *check list* da cisheteronorma como condição para “habitar plenamente” a identidade masculina.

Nesse movimento, Paulo estabeleceu uma distinção entre o que seria “desejo verdadeiro” – porque é profundamente sentido, vivido e almejado – e aquilo que seria uma resposta quase que automática a uma pressão de pertencimento cisheteronormativo.

Procedimentos hormonais e cirúrgicos, quando atravessam o seu corpo, são compreendidos como necessidade legítima, alinhada a um desejo pessoal e a visualização de um futuro desejante. No entanto, quando a mesma escolha de intervenção corporal é representada por outros procedimentos, essas intervenções passam a ser vistas como precipitadas, como se respondessem, exclusivamente, a uma expectativa externa de adequação.

O que intriga na visão de Paulo é: por que esses dois aspectos, o desejo pessoal e a pressão normativa, não podem coexistir, estando presentes tanto na sua construção de desejo como na dos rapazes que ele questiona? Por que apenas um é tomado como legítimo?

No contexto do regime farmacopornográfico, os desejos não nascem fora das dinâmicas de poder e mercado: eles são fabricados, atualizados, moldados e incentivados (Preciado, 2023). Não existe um lugar puro de desejo que seja isolado da relação com as normas vigentes. Ainda assim, isso não os invalida, apenas

aponta como essas escolhas são atravessadas por múltiplas camadas de sentido, nem sempre fáceis de separar.

Dessa forma, as intervenções que Paulo considera legítimas para si e aquelas que ele aponta como “afirmações de masculinidade” envolvem, tanto dimensões do desejo subjetivo, quanto a demanda por alinhamento aos biocódigos dominantes. Não é possível saber com exatidão o que é desejo “autêntico” e o que é imposição. O que é possível é perceber que essas dimensões coexistem e são constantemente disputadas por cada sujeito, a partir das condições que vive, das referências que tem e dos afetos que mobiliza.

A simbologia que relaciona os seios ao corpo feminino e a identidade de mulher [cis], somada à rejeição dos mesmos em corpos masculinos, amplia e preenche a lacuna encontrada na argumentação de Preciado (2023), onde este nos apresenta os problemas somatopolíticos. Se, para ele, o debate se concentrava na voz e na barba, a inaceitabilidade dos seios apresenta um terceiro eixo igualmente estruturante: enquanto certas identidades são legitimadas pelo potencial de ostentar pelos faciais, projetar voz grave e suprimir o desenvolvimento mamário, outros são destinados a não ter desenvolvimento de barba, manter tom agudo e evidenciar o volume dos seios.

Esse deslocamento apresenta que o gênero não se sustenta apenas pela oposição de órgão genitais ou cromossomos, mas por um conjunto de potenciais corporais. A exigência que um corpo masculino não apresente demasiado desenvolvimento mamário, demonstra que a norma cisheterogênera não se baseia apenas na genitália ou no gene, mas num edifício de expectativas visuais e auditivas (Preciado, 2023).

Quando um sujeito de identidade transmasculina se relaciona com o mundo através da presença dos seios, a divisão dos gêneros não acontece apenas com o uso da testosterona. Corpos que desafiam essa norma lançam luz sobre a exigência de coerência material em operação. Fazendo-se assim necessária a incorporação dos seios como eixo de disputa.

Esse terceiro problema somatopolítico complementa e amplia a argumentação de Preciado (2023), para quem o gênero é, antes de tudo, um regime de visibilidade e potências corporais que criam fronteiras de inclusão e exclusão que vão muito além da biologia.

[Digite aqui]

3.3 Viagem não mais solitária: Ressonâncias da convivência entre pares

Como foi mencionado na justificativa deste trabalho, uma das primeiras experiências que tive em coletivos de pessoas trans foi a participação no evento IV Desfazendo Gênero (2019). Quem me convidou para participar do evento e escrever/ apresentar um trabalho acadêmico pela primeira vez, foi um amigo que também é uma pessoa transmasculina e é uma pessoa importante na minha transição desde o seu início.

Nesse evento despertei para a questão da baixa adesão e presença de pessoas transmasculinas em lugares de referência. Na época eu não tinha compreensão, mas entendo que o movimento social das transmasculinidades estava em seus anos iniciais. De acordo com Santos e Tedesco (2022) foi apenas em 2010 que essa luta começou a se organizar e se consolidar. Desta forma, eram apenas 9 anos na trajetória desse movimento.

Diante disso, esse capítulo foi construído com o objetivo de analisar as ressonâncias da convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas. O título dele tem inspiração nos escritos de João W. Nery, quando este nomeia uma das partes que compõe seu capítulo no livro “Vidas Trans” (2022), e chegou até mim durante entrevista de Paulo:

Eu participei de uma conferência sobre os direitos das pessoas LGBT do Estado do Rio Grande do Norte. E nisso eu conheci meu atual namorado, que também é uma pessoa transmasculina. Um relacionamento extremamente saudável e ele tem me apoiado muito. Agora eu estou escrevendo meu TCC. Inclusive, quando a gente estava em ligação, eu pensei no título do TCC, que é: “Viagem não mais solitária: A escrita como expressão de corpos trans masculinos” (Paulo, 2025).

Ao falar do encontro com seu atual companheiro e da relação que eles constroem, Paulo relembra a frase de Nery, que utiliza a mesma como contraponto à solidão que marcou as décadas iniciais de sua transição, passando a nomear o deslocamento coletivo no campo das transmasculinidades, onde há a possibilidade da construção de vínculos, de redes e de espelhamento possíveis entre pessoas que, historicamente, foram (e ainda são), atravessadas pela invisibilidade (Banke; Tenório, 2021). Essa invisibilidade não significa ausência de existência, mas uma presença silenciada, estrategicamente retraída como forma de sobrevivência diante da vigilância cisheteronormativa sobre os corpos com útero e vagina (Banke, Tenório, 2022).

Desta forma, dedicar um capítulo as ressonâncias dessas relações nas transmasculinidades nos permite acompanhar como vínculos entre pessoas transmasculinas se tornam centrais na produção de modos de vida (Foucault, 1981) que rompem com o isolamento historicamente imposto. Como posto por Foucault (1981), não se trata de buscar uma verdade sobre o gênero ou uma identidade fixa a partir do reconhecimento de quem somos, mas de pensar que relações podem ser inventadas, moduladas e compartilhadas a partir de experiências que extrapolam a cisheteronorma (Foucault, 1981).

Durante sua entrevista, Paulo (2025) nos falou com muito carinho, felicidade e ternura sobre o seu atual relacionamento, contudo, nem todos os seus encontros com pessoas transmasculinas lhe possibilitou experiências positivas. É essa a complexidade desses encontros e dessas relações que abordaremos neste capítulo, não só as de Paulo, mas também aquelas que nossos entrevistados apresentam sobre os encontros que marcaram suas trajetórias de diferentes maneiras.

Em todas as entrevistas, o aspecto das relações entre pessoas transmasculinas, seja de amizade, relacionamento amoroso ou espaço de luta, apareceram. Utilizamos como ferramentas para pensar os planos que emergem nas experiências compartilhadas por nossos interlocutores alguns autores que possibilitam conceituar os aspectos apresentados anteriormente. A escrita de Michel Foucault (1981) nos oferece suporte no tensionamento dos modos como as relações afetivo-sexuais podem ser vividas.

Já o texto que Albuquerque Júnior (2001) escreveu a partir da sua relação e em homenagem ao seu amigo, contribui como elemento para pensar as formas pelas quais as amizades são construídas e suas implicações na construção de si. Soma-se a essas linhas a contribuição de Luck Banke e Leonardo Tenório (2021), que nos amparam na discussão das redes que compõem os espaços de lutas transmasculinas, como espaços de resistência, cuidado e construção política.

O capítulo vai sendo construído, assim, no entremeio dessas ferramentas conceituais e das linhas vivas que emergem das falas dos participantes, o caleidoscópio¹⁰ é sempre provisório e afetado pelos encontros.

¹⁰ O caleidoscópio é um objeto cilíndrico que ganha vida através do movimento: ao ser girado ou inclinado, seus espelhos internos refletem fragmentos coloridos de vidro, compondo uma sequência infinita de formas que nunca se repetem da mesma maneira. Cada deslocamento engendra uma nova configuração, evidenciando a potência de combinações múltiplas e sempre transitórias.

Mesmo que durante a construção do roteiro de entrevista eu tenha buscado perguntas que pudessem obter informações que contribuíssem com a resposta deste objetivo, em quase todas as entrevistas essas relações apareceram ainda antes dessas perguntas. Para falar sobre amizade, iniciamos com a passagem a seguir:

Venho falar daquele que quanto mais ausente está do nosso convívio mais presente se faz em nós, daquele que ao perdemos descobrimos que sempre nos pertencerá, daquele que embora nos pareça apartado é cada vez mais parte de nós. Venho falar do amigo (Albuquerque Júnior, 2001, p.10).

Com essas palavras, podemos pensar a amizade como um vínculo que excede a convivência cotidiana, operando como espaço de pertencimento e memória compartilhada. Seguindo essa ideia, temos a relação entre Nicholas e Jhonatan, que desde o momento do convite para a pesquisa optaram por realizar a entrevista juntos, afirmando que não havia nada sobre si que o outro não soubesse.

Ao longo da entrevista, esse vínculo ficou evidente, pois muitas respostas eram construídas em conjunto, como se uma mesma narrativa se distribuísse entre duas vozes. O que ficou perceptível foi uma relação de confiança e reconhecimento, que esse vínculo não apenas acompanhou suas travessias, mas as constituíram. Assim, ao nomear como amigo aquele que “embora nos pareça apartado é cada vez mais parte de nós” (Albuquerque Júnior, 2001, p.10), o autor se aproxima bastante do que foi possível perceber na relação de Nicholas e Jhonatan. Nicholas (2025) compartilhou que:

No início mesmo só tinha a minha namorada porque nem era tão próximo de Jhonatan, que ele era muito ruim e ele não era legal. Aí eu só tinha minha namorada e com o tempo a minha família começou a me aceitar, ficou de boa. Aí agora eu tenho minha namorada, a família dela, que também é bem tranquila, que ela também tem um primo que é trans. Aí tem Jonathan; a mãe de Jhonatan; Letícia¹¹; a minha família.

A partir dessa fala observamos que antes da transição, para Nicholas, Jhonatan não era uma pessoa que ele gostaria de ter por perto, pelo contrário, ele o considerava “muito ruim”. Todavia, o percurso do vínculo entre eles foi modificado, ao ponto de dividirem um momento muito significativo de suas vidas: o início das suas hormonizações. Como compartilha Jhonatan (2025): “A gente começou junto, né?” Ao afirmar que “no início mesmo só tinha a minha namorada”, nos é

¹¹ Nome fictício para respeitar a identidade da pessoa citada.
[Digite aqui]

apresentada a solidão inicial e a escassez de vínculos sólidos. No entanto, o avanço do processo de transição foi acompanhado pelo fortalecimento de laços dentro e fora de sua família primária.

Ainda sobre a relação com Nicholas, Jhonatan (2025) afirmou:

Assim, eu acho que um mês, um mês e pouco da hormonização acho que Nicholas foi bastante importante (...) Como eu não tenho mais família, a gente, eu literalmente dividi minha família por causa de transfobia. E aí eles dois são a minha família. Então eles não são só meus amigos, eles são minha família.

Na minha cirurgia ele ... É tanto que minha mãe passou a amar 1000 vezes ele - ele ficou comigo, ele pesquisou, ele agendou, ele olhava o resultado, ele olhava. Ele olha o meu resultado, todo dia ele foi lá comigo, se internou praticamente comigo, ele me deu comida na boca, ele queria dar banho em mim, ele foi tudo. Então é a minha amiga chegou um pouco depois também. Eles foram em todas as minhas consultas, para tirar curativo, para abrir porta de Uber, para levar minha mãe, para ligar para minha mãe para dizer como é que tava [estava] (Jhonatan, 2025).

As falas de Jhonatan nos permitem perceber a centralidade que a relação com Nicholas ocupa na sua vida, sendo lugar de abrigo, acolhimento e possibilidade de ser. Ao narrar a forma como Nicholas o acompanhou em momentos de suporte que vai além do companheirismo, o que ele mesmo nomeia como família.

Percebemos uma relação forjada em pequenos e grandes gestos, como: pesquisar sobre a cirurgia, agendá-la, comparecer às consultas e manter cuidado constante nos processos que envolvem o corpo e a saúde. A ênfase na dedicação e a referência à substituição dos laços familiares tradicionais por esse arranjo afetivo, reafirma a potência das redes escolhidas (Foucault, 1981).

Nesse contexto, o que vemos é uma formação de rede de apoio em que os vínculos se dão por compromisso, reconhecimento e presença. Ao compartilhar: “Eu sempre tinha Nicholas, então não tinha como eu me sentir tão sozinho”, Jhonatan (2025) desloca a narrativa bastante comum de que a transição é, necessariamente, um processo individual, solitário e aponta para a força coletiva e relacional que pode sustentá-la.

Contudo, a partilha de um percurso não mais solitário, não garante a vivência de um mesmo lugar. Assim, mesmo nas relações marcadas por afeto, presença e lealdade, podem emergir sentimentos variados:

A gente passou a mesma coisa e ele alcançou a passabilidade mais rápido. E eu passar isso sempre. Ele via sempre, toda a vida, toda a vida. Dentro de casa, dentro, com a minha família, no IF [IFRN], no ônibus, nas lojas.

Então ele sabe o quanto para mim era chato. E eu paralisava sempre. Eles (Nicholas e Leticia) me defendiam (Jhonatan, 2025).

Ao longo de sua fala podemos perceber a angústia de Jhonatan em transicionar ao lado de Nicholas e se perceber recebendo tratamento diferente. A proximidade entre os dois expõe as desigualdades nos processos corporais e sociais vividos por pessoas transmasculinas, especialmente no que diz respeito aos acessos e violências considerando a presença ou ausência da passabilidade. Enquanto Nicholas apresentava transformações rápidas com o uso da testosterona, Jhonatan (2025) viveu um processo diferente:

Então, quando acontecia (ser tratado no feminino), para mim, era tipo o cara já com três anos de hormônio. Eu tô fazendo o quê? Tô gastando dinheiro? E tipo, vão continuar me tratando no feminino? Se fosse assim, era melhor nem ter feito a transição.

Esse tipo de comparação, ainda que não pareça dirigida especificamente a Nicholas, escancara a dimensão relacional e social da disforia: não é apenas sobre o corpo próprio, mas, sobre como são construídas as relações a partir e com esse corpo. Jhonatan não apenas se via com menos passabilidade, mas, testemunhava continuamente o reconhecimento que Nicholas recebia como homem em espaços públicos, enquanto ele próprio era constantemente invalidado e associado ao gênero com o qual não se identifica.

Ao final da fala nosso interlocutor compartilha sua indignação em forma de questionamento sobre o que está fazendo, e encerra afirmando: “Se fosse assim, era melhor nem ter feito a transição” (Jhonatan, 2025). Tal narrativa expõe uma tensão fundamental que não se resume a um arrependimento. O que emerge aqui não é a dúvida sobre sua identidade ou a validade da transição, mas, a exaustão diante de um esforço contínuo que é constantemente devolvido com não reconhecimento social.

É o peso de investir tempo, corpo, dinheiro e energia em um processo que, ao invés de garantir o mínimo de respeito social, devolve olhares estranhos, pronomes errados e incômodos constantes. Trata-se de um desabafo e denúncia do cansaço diante da persistência da cisheteronormatividade, que tanto exige e ainda assim falha, e é o próprio sujeito que arca com as consequências dessa falha (Preciado, 2023). Portanto, o “para quê?” não interroga a transição em si, mas, a lógica social

que mede o valor das existências trans pelo quanto elas conseguem performar a cisgenderidade.

Ao transicionar sem ter alguém para dividir esse percurso, eu sentia que tudo se resolveria se eu tivesse alguém com quem pudesse compartilhar, alguém que eu pudesse me identificar e saber que não era só eu que passava por tudo aquilo. Queria tirar do meu peito o sentimento de inadequação e a confusão na minha cabeça de que tudo que eu estava vivendo não era uma grande loucura, e, apenas durante a entrevista de Nicholas e Jhonatan, percebi que isso poderia, também, abrir espaço para outros problemas.

Com a angústia que percebi na fala de Jhonatan, perguntei para Nicholas como era para ele observar seu melhor amigo passando por todas essas situações, ao que me respondeu:

É chato. Não é porque eu me coloco no lugar dele que certas coisas eu não passei. Mas, eu também passei muita coisa parecida, também. Não com a mesma frequência que ele passou. Mas, eu fico: como é que a galera olha para ele e não vê um cara? Não entra na minha cabeça porque eu olho e vejo. Mas, tratam como se não fosse ele. Não faz sentido. Eu fico indignado. Fico pistola (Nicholas, 2025).

A resposta de Nicholas caminha por uma escuta atenta e uma dor que, embora não vivida com a mesma frequência, é compartilhada com indignação, posto que ele não minimiza o sofrimento vivido por seu amigo. Ao dizer que “não entra na minha cabeça porque eu olho e vejo”, expõe o abismo entre o que é visível para ele e o que é negado pelo olhar coletivo cisheteronormativo. A afirmação carrega mais do que solidariedade ao denunciar a incoerência de um sistema que define quem é homem a partir de critérios rígidos, seletivos e cruéis.

No entanto, há também um limite: por mais que Nicholas se indigne, ele reconhece que “não é porque eu me coloco no lugar dele, que certas coisas eu não passei”. O que se desenha é uma cena relacional complexa: de um lado, Jhonatan experimenta a dor de ser constantemente invalidado mesmo diante de tanto esforço; do outro, Nicholas, mesmo vivenciando com mais frequência o reconhecimento apontado por seu amigo, ele compartilha que: “ser trans é você pagar com a alma. Você sofre tudo. Você realmente não tem lugar em lugar nenhum. Você se sente deslocado o tempo inteiro” (Nicholas, 2025).

A amizade é aqui pensada como abertura que se faz com o outro, como a aceitação da diferença do outro, como abertura genuína de pensar com o diferente

[Digite aqui]

de si mesmo (Albuquerque Júnior, 2001). A relação deles não anula as desigualdades ou as dores, mas, constrói uma espécie de abrigo dentro do caos. Um abrigo onde ainda é possível se indignar pelo outro, mesmo quando não se sabe mais como proteger a si mesmo. Essa convivência entre dor e cuidado, entre impotência e presença, talvez seja a expressão mais densa daquilo que Albuquerque Júnior (2001) define como amizade, onde não se é uma fusão entre iguais, mas, pessoas como disposição de pensar e (re)existir com o diferente (Albuquerque Júnior, 2001).

A relação entre Murilo e Paulo também será abordada. Uma das perguntas que compunham o roteiro de entrevistas era se os interlocutores haviam se sentido sozinhos em algum momento da sua transição. Vejamos a seguir as respostas de Murilo e Paulo:

Infelizmente, eu vim ter realmente uma rede de apoio na qual pessoas trans estavam inseridas, assim tem menos de dois anos. Tem um ano mais ou menos assim, mas, antes, por mais que eu conversasse com pessoas LGBTs, a maioria era cis [...] Então, ter me aproximado e ter relações no geral de amizade, romântica etc. com outras pessoas trans foi um processo muito importante para eu não me sentir mais tão sozinho (Murilo, 2025).

Depois que eu entendi que eu era um homem trans, que foi durante a pandemia, o que tornou tudo bem mais complicado porque não estava tendo interação com outras pessoas (Paulo, 2025).

Mesmo nomeando e sentindo de uma forma diferente, é perceptível na narrativa de ambos o início de sua trajetória marcada pela solidão. No caso de Murilo, podemos ver que, apesar de circular em espaços ocupados por corpos dissidentes, estes eram majoritariamente cis. Para ele existe uma diferença entre estar entre pessoas LGB e entre pares trans. Guerra (2020) faz uma discussão sobre a diferenciação entre os grupos que compõem a comunidade LGBTQIA+ e como suas diferenças estão perpassadas, também, pela cisheteronormatividade.

O autor identifica que muito se tem falado sobre a contraposição entre esta comunidade e os setores conservadores da sociedade que a atacam. Contudo, pouco se discute sobre as forças que operam dentro da própria comunidade, produzindo exclusões, silenciamento e hierarquização (Guerra, 2020).

A citação de Murilo aponta exatamente para esse plano de tensões internas, que se intensificam à medida que certos sujeitos passam a ser gradativamente aceitos socialmente. Vale salientar que tal aceitação, no entanto, não se dá de forma

igualitária, ela é seletiva, normativa e, muitas vezes, atravessada por lógicas de mercado, aparência e comportamento:

Embora hoje o movimento seja uma expressão da diversidade, o mesmo não se tratou de uma luta homogênea, e grupos tais como os transexuais entre outros, sofreram com a resistência da comunidade homossexual, havendo um processo de assimilação e aprendizagem com o tempo, marcado por lutas e discussões internas, sendo que muitas ainda persistem (Guerra, 2020, p.96-97).

Nesse contexto, pessoas cisgêneras dentro da comunidade LGBTQIA+, mesmo que sofram opressões em razão da sua orientação sexual, tendem a se beneficiar mais facilmente de processos de inclusão, sobretudo quando possuem acesso ao consumo, à performatividade de gênero considerada discreta ou comportada, e à branquitude (Guerra, 2020; Ribeiro; Tavares; Caetano, 2023).

A cisgeneridade, assim, permanece operando como uma norma silenciosa (Pfeil, 2023), mesmo dentro dos espaços ditos dissidentes. O que se observa, portanto, é a construção de uma comunidade onde a diversidade é celebrada apenas até certo ponto (Guerra, 2020), até o ponto em que não ameace demasiadamente os pilares da cisheteronormatividade.

Já Paulo apresenta um contexto social, histórico e temporal de agravamento: a pandemia. O isolamento social forçado impediu o contato com outras pessoas e potencializou o sentimento de solidão. O trabalho realizado por Sousa et al. (2022) investiga como a pandemia do Covid-19 interrompeu a vida e impactou nos processos de transição de adolescentes e jovens transmasculinos no Brasil.

A diminuição de acesso aos cuidados e a restrição de participação em grupos de conexão social ocasionaram piora nos indicadores de saúde mental, com aumento das taxas de depressão, ansiedade e suicídio (Sousa et al., 2022, p.8).

Com isso, podemos perceber que a experiência vivenciada e compartilhada por Paulo compõe um cenário coletivo de experiências semelhantes durante o período da pandemia. No escuto, os autores identificam que as rupturas vividas por adolescentes e jovens transmasculinos evidenciam ranhuras sobre a autoimagem, autoconceito, identificação e desconforto a partir da ameaça às identidades e biografias transmasculinas que contribuíram para o cenário apresentado na citação anterior (Sousa et al., 2022).

O que o relato de Murilo e Paulo tem em comum é como a ausência de convivência com pessoas trans impacta na construção de identidade e da amplificação do sofrimento, com impactos diretos na saúde mental.

Agora que eu não me sinto mais tão sozinho. Eu percebo que o que eu fiz foi aceitar qualquer amizade assim, com pessoas cis que me oferecessem o mínimo de compreensão, o mínimo de respeito. Eu pensava "Não, senão eu vou ficar sozinho, isso não dá certo". Sendo que às vezes é melhor aprender a lidar com solidão mesmo do que aceitar estar em espaços assim, que não tem nada a ver com você. [...] E nisso de me sentir muito só e de não ter muitas referências também, porque de obras escritas aqui no Brasil basicamente tem o João, né? E tem o Anderson também. Mas, as a obra que ele tem escrita aborda conteúdo muito pesado que não sei se eu quero ler num momento da vida em que eu tô. Eu até procuro outras referências no mercado editorial. [...] Mas, uma coisa que eu notei é que não tem, não tem obras escritas sobre casais transcentrados, por exemplo. As narrativas que têm são sobre um homem trans e uma pessoa cis. Isso torna mais solitário ainda (Paulo, 2025).

Com o decorrer do tempo de transição, cada um encontrou estratégias para lidar com tal solidão, mesmo assim, no início não foi possível encontrar formas satisfatórias para os problemas que enfrentavam. Para Paulo a solidão vivida durante a transição não se restringe à ausência de pessoas físicas, mas, envolve também a dificuldade em encontrar narrativas e símbolos com os quais possa se identificar e se sentir representado.

Dentre algumas narrativas que gostaria de ter encontrado era a relação romântica entre pessoas trans (casais transcentrados). A presença de narrativas centradas em casais cis-trans, reforçam a ideia de que a transgeneridade só pode ser amada e validada se medida pela cisgeneridade. A presença de algumas histórias não preenche o vazio, porque elas não dizem respeito a ele, elas não apresentam a possibilidade de uma existência plural mesmo dentro dissidência.

Neste contexto, destaca-se a pesquisa realizada por Alexandre (2020), que investiga as dinâmicas afetivas e os desafios enfrentados por casais onde uma ou ambas as pessoas são trans ou travestis, evidenciando como essas experiências continuam sendo marginalizadas, no caso da pesquisa, o campo de exploração foi a academia (Alexandre, 2020).

Ao realizar uma "metassíntese" (Alexandre, 2020, p.56), o autor se depara com a escassez de literatura científica sobre o tema e, as pesquisas existentes, são limitadas em casais cis-trans, especialmente durante o processo de transição de gênero, geralmente a partir da perspectiva da pessoa cis (Alexandre, 2020). Assim como na fala de Paulo (2025), Alexandre (2020) conclui que tal foco reforça padrões

[Digite aqui]

cisheteronormativos e heteronormativos. É importante observar que, entre os casais participantes da etapa das entrevistas que compõem o estudo citado, os que tinham como um dos membros homens trans, todos os casais foram heterossexuais, indicando uma limitação da amostra.

A pesquisa de Boffi e Santos (2024) também contribui com a discussão presente na fala de Paulo (2025). Os autores buscam conhecer as expectativas de homens trans em relação aos seus relacionamentos afetivo-sexuais após a transição, onde participaram 15 homens trans, de idades entre 20 e 41 anos. Dos participantes, 11 se declararam heterossexuais, 2 bissexuais e 2 pansexuais. Destes, 7 estavam em relações estáveis e 7 estavam solteiros. Todos os participantes faziam uso de hormônio e 3 haviam feito a mamoplastia masculinizadora (Boffi; Santos, 2024).

Mesmo que o estudo tenha incluído homens trans que se identificam como bissexuais ou pansexuais, o que, em princípio, abrangeria a possibilidade de relações afetivo-sexuais com outros homens trans ou pessoas transmasculinas, nenhuma dessas experiências foi efetivamente relatada após a transição de gênero. A única menção a relação com homens está apresentada a seguir:

Ambas as orientações sexuais incluem a possibilidade de relações homoafetivas, contudo, nenhum dos participantes mencionou ter mantido relações afetivo-sexuais com homens após a transição de gênero. Antes da transição, alguns afirmaram já terem mantido relações fortuitas com homens cis, entendendo que não se configuravam como relações homossexuais, mas heterossexuais (Boffi; Santos, 2024, p.12).

Ou seja, são relações que ao serem lidas como heterossexuais ainda estão sob a lógica cisheteronormativa de leitura de corpos e desejos (Pfeil, 2023). Nas considerações finais, os autores reconhecem essa lacuna como uma limitação do conhecimento produzido por eles, sugerindo que a inclusão de tais narrativas poderia ampliar o campo de compreensão sobre o modo de se relacionar vivenciados por homens trans (Boffi; Santos, 2024). A ausência, portanto, não é apontada como inexistência, mas como uma invisibilidade que diz muito sobre os atravessamentos sociais, afetivos e políticos que moldam o que pode ou não ser vivido e narrado.

Tanto em Boffi e Santos (2024) como em Alexandre (2020), o que podemos perceber é a importância de considerar nas investigações e discussões os silêncios e as lacunas, quando esses funcionam como pistas de uma existência e não como

[Digite aqui]

ausência absoluta. Nesse sentido, a fala de Murilo, introduz uma camada importante para pensar esses silêncios e ausências:

Eu tinha um problema com a palavra transmasculino, porque eu entendia que eu me encaixava nessa palavra, que era um termo que me descrevia, mas eu não gostava dele. Eu tinha muito problemas com ele, porque as pessoas interpretavam como sinônimo de homem, de homem trans. Especificamente, eu não me entendia enquanto homem trans, então eu ficava: "Se eu usar esse termo para me inscrever, talvez as pessoas não entendam." E aí não era só isso, também esse era um dos pontos. Mas, também tem o fato de que muitas das interações e das vivências que eu tinha tido, fosse de uma maneira mais direta ou indireta com homens trans, e com pessoas transmasculinas, mas com homens, homens trans, especificamente, tinham sido problemáticas. Desses homens estarem nessa posição de tentar ter uma masculinidade cisheteronormativa e acabar de uma forma ou de outra, ou, enfim, não havendo a menor compatibilidade e nem identificação com o que eles estavam buscando na vivência deles. Como também algumas situações um pouco desconfortáveis ou violentas, não sei bem como nomear, mas desagradáveis. E aí eu acho que isso fez eu me afastar um pouco do termo e de pessoas transmasculinas (Murilo, 2025).

A forma como Murilo descreve seu incômodo com o termo “transmasculino” indica o quanto as identidades de gênero são atravessadas não apenas por nomeações, mas pelas experiências e expectativas que essas palavras carregam. Embora reconhecesse que o termo o descrevia, sua recusa inicial está ligada à forma como a masculinidade vinha sendo praticada ao seu redor – muitas vezes alinhada a modelos cisheteronormativos que, para ele, eram incompatíveis com sua vivência.

A passagem indica não apenas um não reconhecimento, mas uma tensão ética e política na partilha de vidas, quando alguns homens trans reproduzem moldes cisheteronormativos de masculinidade (Boffi; Santos, 2024; Pfeil, 2023; Ribeiro; Tavares; Caetano, 2023), cerceiam possibilidades de construção de afetos, limitam o reconhecimento mútuo e inviabilizam alianças fundamentadas na diferença.

Sob uma lente cartográfica, essa experiência mapeia as linhas de força que a cisheteronormatividade traça sobre os desejos transmasculinos. O impulso legítimo por reconhecimento torna-se assujeitado (Deusdará; Rocha, 2021) pela norma. A rejeição ao termo, portanto, não é ao pertencimento em si, mas à normatividade que o atravessa e que se expressa em interações marcadas por rigidez, desconforto e até violência:

Especialmente no início da transição, algumas das pessoas com quem me relacionei, e me relacionei já com algumas pessoas trans. Aí quero citar

[Digite aqui]

uma experiência específica que eu fiquei com cara trans e eu já tinha me entendido. E foi horrível, porque ele, apesar de ser uma pessoa transmasculina, no caso um homem trans, ele me tratou como se eu fosse uma mulher cis e foi péssimo (Murilo, 2025).

Ao relatar que foi tratado como uma mulher cis por um parceiro transmasculino, Murilo evidencia que a identificação de gênero não garante, por si só, uma relação ética e respeitosa com a complexidade da identidade do outro. A experiência narrada passa por um apagamento da sua identidade não-binária, substituída por uma leitura do gênero a partir do que está instituído (Deusdará; Rocha, 2021), exatamente aquilo do qual ele busca se desvincular.

Pessoas trans, especialmente aquelas que não performam passabilidade e/ou que vivem intersecções como marcadores como classe e raça (Ribeiro; Tavares; Caetano, 2023), continuam sendo alvo de marginalização, inclusive por seus pares, como no caso de Murilo. Suas experiências seguem sendo desautorizadas e seus corpos geridos a partir da “colonialidade cisgênera que se atenta especificamente para a naturalização da cisgeneridade em nossos discursos” (Pfeil, 2023, p.52).

Essa colonialidade se infiltra nos espaços de reconhecimento, configurando uma ordem que hierarquiza vidas com base na aderência ou recusa da cisheteronorma. O modo como se define quem é ou não trans ainda é condicionado por padrões que reproduzem a lógica da cisheteronormatividade (Pfeil, 2023). A partir desse entendimento percebemos que:

Há uma coexistência conflituosa no mesmo substrato social de múltiplas masculinidades que, por sua vez, são apagadas pelas estratégias depreciativas engendradas pela ideologia da masculinidade hegemônica por intermédio de práticas homofóbicas, violentas, racistas e machistas (Ribeiro; Tavares; Caetano, 2023, p.97).

E é assim que pessoas trans, especialmente aquelas que não performam passabilidade ou que vivem intersecções com marcadores como classe e raça, continuam sendo alvo de marginalização, inclusive por seus pares. Nesses contextos, a tentativa de afirmação da masculinidade pode se apoiar em práticas que silenciam ou deslegitimam a identidade do outro, reproduzindo formas de violência simbólica. Dessa forma, essas relações acabam por atualizar as mesmas lógicas de exclusão das quais as próprias pessoas experimentam sofrimentos.

É nesse campo de tensões que também se inscreve uma das experiências compartilhadas por Paulo:

[Digite aqui]

Meu primeiro namorado ele era [...] trans também [...] tava se relacionando comigo e aí ele era poliamoroso - Já aceitei muita coisa nessa vida - E aí, depois de iniciar o relacionamento comigo, ele iniciou o relacionamento com uma mulher cis. E aí ele apresentou à mulher cis para família dele, para os amigos dele. Ela ocupava assim os espaços com ele. Ele tinha encontros com ela. E comigo não. E isso me afetou bastante. Eu tenho 21 anos e até hoje no meu relacionamento atual, que é um relacionamento extremamente saudável, que não tem nada disso, às vezes surge essa mesma insegurança com mulheres cis, especificamente. Com qualquer outro gênero, não, mas, mulheres cis, eu fico assim (Paulo, 2025).

Diferentemente da situação vivenciada por Murilo, a experiência de Paulo não se dá em palavras diretas, mas em gestos que se pautam na sutil e persistente exigência de enquadramento. Ao ser mantido distante dos espaços sociais e familiares, enquanto seu parceiro apresentava publicamente a companheira cis, percebemos o funcionamento dos padrões cisheteronormativos de comportamento e os imperativos heteronormativos de desejo (Pfeil, 2023).

A cisgeneridade, nesse contexto, operam com um filtro de legitimidade heteronormativo, onde apenas as performances de desejo que seguem essas normas são autorizadas à presença plena (Pfeil, 2023). Relacionar-se publicamente com Paulo, sendo ambos homens trans, escapa dessas molduras, ou seja, a relação deles não se encaixam nas expectativas que a cisheteronorma impõe sobre como um homem [cis] deve ser, agir e amar. É essa inadequação que compõe a violência nesse cenário: uma exclusão relacional que retira do campo do reconhecimento e o posicionamento como uma relação cuja existência não pode ser afirmada.

Ao fim da exposição Paulo (2025) compartilha que: “Até hoje, no meu relacionamento atual, que é extremamente saudável, que não tem nada disso, às vezes aparece essa demanda”, assim Paulo vai, aos poucos, deixando entrever uma mudança de cenário. Sem si demorar, ele aponta que encontrou algo diferente: um espaço saudável e de acolhimento. Há no tom suas palavras uma espécie de descanso, como se, pela primeira vez, sente-se percebido e amado em sua totalidade. A relação a qual Paulo se refere, é vivenciada com Murilo (2025), que afirmou:

Também tive outras experiências muito boas, como por exemplo, o relacionamento que eu estou agora que é um relacionamento trans centrado em um homem trans e que, enfim, eu me sinto muito acolhido, muito compreendido e que eu posso compartilhar e falar realmente sobre essas coisas sem, sem temer, realmente sabendo que não vai ser interpretado de uma forma errada e que ele vai buscar entender.

Enquanto isso, Paulo (2025) nos conta que:

[Digite aqui]

Eu participei de uma conferência sobre os direitos das pessoas LGBT do Estado do Rio Grande do Norte. E nisso eu conheci meu atual namorado, que também é uma pessoa trans masculina. Em um relacionamento... Um relacionamento extremamente saudável e ele tem me apoiado muito.

A conferência estadual sobre os direitos LGBTQIA+ é um espaço marcado por falas públicas, debates políticos e agendas coletivas, mas, para eles, abriu caminho para uma outra forma de escuta. Mais íntima, cuidadosa e cotidiana. A aproximação não se deu de forma abrupta, mas como quem, aos poucos, vai conhecendo o outro e reconhecendo algo que não sabiam mais se poderiam encontrar.

Ao falar sobre o título do seu Trabalho de Conclusão de Curso, Paulo nos apresenta mais do que um tema acadêmico: aponta para a possibilidade de ressignificação e descolamento subjetivo que foi possível na relação com Murilo. Se no início a escrita era uma tentativa de buscar outras escritas em um mar de travessias individuais, agora torna-se um modo de reconhecer que o caminho pode ser compartilhado.

Para Murilo, a existência transmasculina também é ressignificada nesse relacionamento, ela passa a ser sustentada no afeto, como parte constitutiva do que se constrói entre eles. Paulo, por sua vez, compartilha que dentro dessa relação: “Não sinto que ele tem vergonha de mim, por exemplo. E me sinto muito confiante em falar para ele sobre as minhas histórias, sobre os meus sonhos. E é isso?” (Paulo, 2025).

Nessa fala podemos identificar uma desterritorialização (Enes; Bicalho, 2014) dos modos normativos de se relacionar, ao afirmar que não sente vergonha e que pode falar abertamente de suas histórias e sonhos, ele se afasta de vínculo fundadas na cisheteronorma. No mesmo sentido da fala de Paulo, temos a seguinte passagem:

A homossexualidade é uma ocasião histórica de reabrir virtualidades relacionais e afetivas, não tanto pelas qualidades intrínsecas do homossexual, mas pela posição de "enviesado", de alguma forma, as linhas diagonais que ele pode traçar no tecido social, as quais permitem fazer aparecerem essas virtualidades (Foucault, 1981, p.4).

A essa discussão o autor adiciona uma reflexão sobre o modo de vida.

Esta noção de modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, às diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria o “modo de vida”? Um modo de vida pode ser compartilhado por indivíduos de idade, estatuto e

[Digite aqui]

atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (Foucault, 1981, p.3).

Ao contrário da ideia de que o amor, o sexo ou a amizade operam em territórios neutros, ele nos mostra que são construídos a partir e em função das tecnologias de normatização e, ao mesmo tempo, ele questiona a possibilidade de uma construção outra que diversifique essa construção. A relação entre Paulo e Murilo pode ser lida como uma dessas linhas.

Foucault (1981) defende a amizade como uma forma de relação que escapa à codificação binária heterocentrada das relações de gênero e de sexualidade. Ele questiona:

Desejar rapazes é desejar relações com rapazes. E isso foi sempre, para mim, algo importante. Não forçosamente sob a forma do casal, mas como uma questão de existência: Como é possível para homens estarem juntos? Viver juntos, compartilhar seus tempos, suas refeições, seus quartos, seus lazers, suas aflições, seus saberes, suas confidências? O que é isso de estar entre homens, “despidos”, fora das relações institucionais, de família, de profissão, de companheirismo obrigatório? É um desejo, uma inquietação, um desejo-inquietação que existe em muitas pessoas (Foucault, 1981, p.2).

Nesse sentido, o que Paulo e Murilo inventam é menos uma categoria de relacionamento e mais uma estética da existência, uma forma de compor-se juntos num mundo que historicamente lhes negou reconhecimento, intimidade e afeto.

Paulo, ao dizer que agora pode falar sobre suas histórias e sonhos sem medo, ou Murilo ao expressar que finalmente se sente compreendido, não evidenciam apenas uma melhora em sua condição subjetiva. Nos permitem perceber uma outra economia dos afetos, de uma outra política do desejo, política esta que, como defende Foucault (1981), não pode ser universalizada ou institucionalizada, mas, precisa ser inventada, multiplicada, sustentada nos modos de vida que desafiam o que é institucional (Deusdará; Rocha, 2021).

Nesse sentido, o vínculo entre Paulo e Murilo pode ser lido como efeito de linhas enviesadas de desterritorialização (Enes; Bicalho, 2014) (Foucault, 1981), ao se moverem fora dos territórios cisheteronormativos, produzem, juntos uma forma de relação que não busca se encaixar, mas inventam um novo espaço de identificação e abertura. Trata-se de uma relação marcada por práticas de si que recusam a vergonha e afirmam a amizade como potência, como força que emerge do desvio, do atravessamento e da criação conjunta (Foucault, 1981).

[Digite aqui]

Se até aqui acompanhamos histórias marcadas por vínculos afetivos intensos e relações entrelaçadas entre os próprios interlocutores da pesquisa, é preciso agora abrir espaço para outras formas de presença nas relações transmasculinas. As experiências compartilhadas por João e Anderson nos convidam a olhar para trajetórias que também compõem o mosaico das existências transmasculinas. Suas falas ampliam o campo de escuta e permitem refletir sobre os modos diversos de se relacionar, de estar ou de se afastar do outro, ao longo dos caminhos percorridos.

Ao ser questionado sobre sua relação com outros homens trans e pessoas transmasculinas, João (2025) respondeu:

Conheço vários, maravilhosos. A maioria dos que eu conheço realmente são pessoas que iniciaram a caminhada comigo lá em 2014 a 2016. São pessoas que hoje eu ainda trago na minha vida. A gente se afastou porque questão de vida mesmo, trabalho. Muitos se mudaram, saíram daqui, né? Então. Mas são coisas que eu ainda continuo... trago na minha vida. Gustavo chegou agora, já sai para beber e conversar, falar da vida. Então, são pessoas que eu trago na minha vida. A maioria realmente são daquela época. As pessoas de hoje, as pessoas mais novas, eu não tenho tanto acesso, mas, eu sei que é uma escolha minha.

É possível perceber um carinho na forma como João fala de seus companheiros de caminhada. Ele compartilha o valor das amizades construídas nos primeiros anos de sua transição, com vínculos que resistem ao tempo e às transformações da vida adulta, aspectos estes que também são identificados na amizade por Albuquerque Júnior (2001).

Mesmo com a dispersão geográfica e as exigências do trabalho, ele destaca que ainda mantém contato com aqueles que estiveram presentes nos momentos iniciais de sua vivência transmasculina. Esse pertencimento construído a mais de uma década, constitui um lastro de afeto e companheirismo que ainda o acompanha.

Essa permanência sugere que os vínculos criados entre companheiros de trajetória podem funcionar como suporte emocional contínuo, mesmo quando o ativismo deixa de ser central no cotidiano. Banke e Tenório (2021) defendem que o segmento das transmasculinidades necessita de um tecido social que permita que seus componentes se sintam pertencentes. Sobre esse tecido social na vida de João (2025), ele afirmou:

Porque eu tô muito velho pra esse tipo de ambiente. Infelizmente, eu não tenho mais força. Eu não tenho mais. Acho que força ou vontade de estar em ambientes de luta pra conhecer pessoas novas. Dessa maneira (João, 2025).

Aqui, João expressa o cansaço acumulado de anos de militância e exposição pública enquanto pessoa trans. Contudo, como vimos na fala anterior, mesmo que ele não ocupe mais esse lugar de luta, os vínculos construídos nesse espaço perpetuam-se e continuam sendo rede de suporte para ele. O que percebo é que estar “velho” não parece ser o motivo que fez nosso interlocutor do ativismo. Em um outro momento da entrevista ele nos fala que:

Eu quero ser visto como só e somente só mais uma pessoa e não como uma pessoa que causa dúvidas, que causa questões. Eu não quero mais, só que eu já fui isso por muitos anos. Isso me doeu inúmeras vezes, em inúmeros ambientes. "Ah você não levanta mais a bandeira". Gente, não é isso mais não. Eu só não tenho mais condições de passar por isso. Porque eu já passei por isso muitas vezes. Muitas vezes eu já fui ferido por perguntas dessa maneira, muitas vezes. Eu já tive a minha sanidade mental derrubada por causa desse tipo de pergunta muitas vezes. Então, quando eu escolho passar uma pessoa anônima, não é egoísmo meu. Não é querendo ferir quem eu sou com a minha luta, a luta das pessoas que são como eu. Não é isso. É uma maneira de me proteger (João, 2025).

A fala de João nos permite perceber a tensão existente entre o desejo de visibilidade e o cansaço de mantê-la, sendo um traço recorrente nas trajetórias transmasculinas. É a partir do relato dos diversos episódios desgastantes que João passou em sua vida que fica evidente o apelo em que ele faz na passagem: “Infelizmente, eu não tenho mais forças” (João, 2025).

Essa escolha por um anonimato cotidiano, não é uma rejeição a causa ou uma negação de sua identidade; se trata de uma estratégia de sobrevivência emocional. O afastamento dos espaços politizados e a negação de aspectos do seu eu, são as estratégias encontradas pelo nosso interlocutor para evitar as violências simbólicas e questionamentos invasivos que marcaram sua trajetória. Ao se declarar “velho demais” para esses ambientes, ele compartilha o desgaste emocional que o militante acumula ao longo do seu percurso.

A fala de João nos permite uma discussão sobre como a recusa à visibilidade não está dissociada das dinâmicas de apagamento que historicamente atravessam os corpos designados ao feminino, como defendem Bank e Tenório (2021). Muitos homens trans, como nosso interlocutor, conseguem permanecer em espaços de trabalho, espaços sociais e evitar algumas violências mantendo sua transgeneridade em silêncio. Assim, precisamos entender que a invisibilidade das transmasculinidades se constrói de forma complexa. Segundo os autores, essa invisibilidade, ao operar de forma contínua nesses corpos, nega-lhes poder e

autonomia, inclusive quando tais corpos se reinscrevem existencialmente e socialmente como transmasculinos.

Essa invisibilidade não se trata apenas de uma ausência de participação política ou de um desejo individual de passabilidade, mas: uma forma de defesa as violências de um sistema patriarcal (Banke; Tenório, 2021), que controla excessivamente corpos que foram apontados como do gênero feminino ao nascer, e continuam operando mesmo após a transição, já que muitos homens trans precisam esconder suas identidades para acessar direitos básicos, inclusive segurança, como no caso de João. Leonardo Tenório também expressa esse paradoxo em seu depoimento no canal *Homens trans em Ação* (2021):

Os homens trans tinham vergonha de dizerem que eram homens trans, era uma coisa que a gente escondia, a gente queria ser cisgênero, a gente queria fazer a transição, passar debaixo do arco-íris e viver como um homem cisgênero. Então, assim, era muito mais difícil você ter pessoas para darem as caras pela luta, antigamente, do que hoje em dia (Histórias..., 2021).

Superar a invisibilidade não significa simplesmente buscar o reconhecimento público, mas, construir formas outras de existir, em que a decisão de se mostrar ou se ocultar seja uma escolha autônoma, não uma imposição social. Afastar-se, nesse contexto, é também uma forma de resistir ao imperativo da visibilidade como exposição a violência.

Como defende Jaqueline Gomes de Jesus (“Reforçar a visibilidade é uma estratégia de sobrevivência”, 2020) nós precisamos, para além de lutar por uma visibilidade, precisamos também realizar um trabalho com a questão da segurança. O que está em jogo, portanto, não é a ausência de engajamento, mas, o alto custo de se manter disponível à interpelação. Assim, o que se desenha é a impossibilidade, para alguns de nós, de continuar ocupando um lugar de constante explicação de si.

O desejo de João de ser visto como “só e somente só mais uma pessoa” evidencia não apenas uma tentativa de preservar sua saúde mental diante das interrogações violentas ancoradas na cisheteronormatividade, mas, um enfrentamento à lógica social que insiste em fazer da jornada de pessoas trans uma exceção interrogável. Afastar-se, nesse contexto, é também uma forma de resistir ao imperativo da visibilidade como condicionada a exposição à violência.

Ao mesmo tempo, João nos apresenta um dos custos desse afastamento: o de conhecer pessoas trans apenas em espaços de luta.

Você conheceu elas aonde? Você conheceu elas? Infelizmente, a gente não tem acesso às pessoas trans que não estão nesse ambiente. Não tem. Você pode conhecer não porque uma amiga sua, um amigo, não sei não, porque eu tenho um amigo meu (João, 2025).

Aí eu lhe pergunto: onde é que você? Onde as pessoas que você tem hoje? As pessoas mais novas que você conheceu? Pessoas trans, sejam mulheres, homens, pessoas não binárias. Pessoas que fogem da dicotomia que são pessoas não binárias. Você conheceu aonde? (João, 2025).

No primeiro trecho, João questiona a realidade marcada pela invisibilidade das pessoas trans no cotidiano. É raro encontrar outras pessoas transmasculinas fora dos espaços de militância. Essa constatação evidencia mais do que o isolamento social, mas, também que os espaços de luta funcionam como pontos quase exclusivos de encontro e reconhecimento entre pares. A ausência de convivência espontânea entre pessoas trans no dia a dia evidencia como a o dispositivo da cisheteronormatividade organiza os territórios, dificultando, além de tudo, o acesso a redes de apoio que não estejam politicamente organizadas.

Trata-se de um arranjo que, operando como engrenagem da colonialidade de gênero (Deusdará; Rocha, 2021; Pfeil, 2023), regula quais corpos podem circular, se encontrar, permanecer e formar redes. Os dispositivos da cisheteronorma operam como verdade através do jogo de poder-saber, moldando percepções sobre o que é legítimo ou não no campo das identidades de gênero (Deusdará; Rocha, 2021; Pfeil, 2023). Essa normatividade se inscreve nos corpos como um conjunto de regras que não apenas orientam práticas, mas que, para se atualizarem, exigem sua repetição em contextos singulares (Deusdará; Rocha, 2021).

A produção do território é assim atravessada pela cisheteronorma, onde os espaços são organizados e codificados de forma a favorecer a convivência entre sujeitos cis, ao passo que dificultam o encontro e a circulação dos corpos trans. Dessa forma, a territorialização é construído a partir das normas, visto que o território é aqui compreendido não apenas como um espaço físico (Enes; Bicalho, 2014), mas como resultado de um processo histórico de apropriação cisheteronormativa, que restringe as possibilidades de emergência de redes afetivas e de cuidado espontâneas entre pessoas trans, através da definição de quem pode habitar os espaços cotidianos.

Já no segundo trecho, João permanece indignado com o cenário, me devolvendo a pergunta como forma de enfatizar a estrutura do problema: raramente encontramos pessoas trans em esferas comuns do cotidiano.

A interrogação, assim, funciona como uma denúncia da segregação simbólica e da negação de direitos que ainda atravessa as vivências trans, não pela ausência de pessoas trans no mundo, mas, pela maneira como os espaços públicos continuam sendo pouco acessíveis. Há aqui uma provocação para se pensar o quanto a sociabilidade trans ainda é circunscrita a determinados lugares e momentos, o que limita as possibilidades de reconhecimento, afeto e construção de comunidade.

Os espaços de militância, mesmo se propondo a ser lugares de pertencimento, acolhimento e luta por melhores condições de vida e existência, nem sempre cumprem esse papel de forma plena. A legitimidade da existência e o acolhimento das diversas experiências trans nem sempre encontram ressonância nesses espaços. Essa percepção foi se desenrolando a partir das vivências compartilhadas por Anderson:

Aí eu disse: "Não, Luana, que é o que é trans, menina? O que é isso?" Aí ela foi, me disse. Foi falar, né? "É uma pessoa que se que se vê como homem". Aí eu disse: "Não, Luana, mas, eu sou lésbica." Aí ela fez: "Não, Anderson, mas, só pra participar e tal, para ter algum representante". Aí eu disse: "não, então". Eu fui, né? Chegando lá, fui dar meu nome, só que eu. Como eu não sabia, não tinha informação. E eu não tinha, tem aquela coisa. Eu fui e perguntei, né? Me perguntaram meu nome e eu disse o meu nome de registro, porque eu me identificava como lésbica. Aí teve um menino trans que foi muito rude. "Ah, vai estudar!", "Você quer aparecer? Você quer tirar... É... É o tirar... É... Tiração com a nossa classe e não sei o quê". E foi, foi. Aí eu disse: "Não, eu só vim desfilar porque a coordenadora me chamou, mas, se não puder, eu não desfilo." E tal, né? E eu me encantando com aquela coisa, né, menino e tal, e as meninas também. Aí eu saí, né? Não dei mais trela, não ia desfilar (Anderson, 2025).

Neste trecho, Anderson compartilha sua primeira experiência de ingresso em um espaço que se propunha a celebrar e acolher pessoas trans. Os apontamentos de Paul Goodman (2012), ainda que datados e situados no contexto da militância homossexual do século XX, permite-nos a aproximação de linhas que também reverberam no campo das lutas trans contemporâneas.

Quando o autor observa que, dentro de espaços coletivos entre iguais, os sujeitos podem se tornar "fantasticamente esnobes" (Goodman, 2012, p. 36) ele aponta uma dinâmica de defesa narcísica, sendo essa uma forma de sobrevivência que opera pela negação do outro, pela criação de hierarquias internas, pela

[Digite aqui]

performatização de um lugar legítimo na ordem social. Essa lógica, pode ser compreensível e tem efeitos limitados quando o objetivo é construir liberdade compartilhada (Goodman, 2012).

Essa competição por visibilidade, protagonismo ou escuta, tende a reproduzir a lógica cisheteronormativa que tanto se busca combater. Esse rapaz, ao ser rude com Anderson, exige um saber sobre si que ainda estava em formação, assim, o espaço que poderia permitir “o viver e respirar” (Goodman, 2012, p.36), torna-se campo de triagem identitária, onde a entrada só é permitida a quem já domina certos códigos.

A confusão inicial sobre o que significa ser trans e a identificação de Anderson como lésbica, marca uma tentativa de nomear-se a partir das referências disponíveis até aquele momento. Mesmo sendo uma identidade que não correspondesse plenamente à sua vivência, ainda era mais acessível do que outras possibilidades que lhe eram desconhecidas.

Só que teve um rapaz lá, me chamou e disse 'Ah, você quer desfilar?'. Eu disse: 'Não, por mim tanto faz'. Eu não sabia também o que era, né? 'Ah, por mim tanto faz e tal, participar, mas, foi a coordenadora que me chamou'. E disse: 'Não, mas, você tem que dar um nome masculino, não pode ser feminino'. Aí eu pensei assim: meu nome de registro no A, aí minha ex-namorada disse assim: 'Bota Anderson, que é tudo no A mesmo'. Aí pronto, aí eu botei Anderson. Aí desfilei. Aí eu fiquei em terceiro lugar. Eu não, não era harmonizado e tal. Porque eu já era bem masculino, já vestia muito roupa masculina. Só que me identificava como lésbica. Aí foi depois desse desfile que eu fui procurar na rede social o que era pessoa trans. Aí foi no YouTube que tem os meninos, né? Tinha um canal lá: Cavalos Marinhos. Eu me lembro como se fosse hoje, ele falando de pessoas trans, eu me identificando. Rapaz, eu acho que eu sou isso, entendeu? (Anderson, 2025).

Podemos perceber aqui um contraste importante com a fala anterior: o segundo rapaz rompe com essa lógica de triagem, oferecendo abertura e reconhecimento mesmo diante da incerteza de Anderson, mostrando que o acolhimento pode ser um potente motor de afirmação subjetiva. Nesse gesto, reencontramos a aposta de Goodman (2012), em que a vida queer tem uma potência democratizante justamente porque convoca alianças entre as diferenças. A abertura ofertada a Anderson, nesse momento, não exige completude ou coerência identitária, apenas disposição para experimentar, para existir no entre, para viver sua jornada, para se ver e ser visto.

No entanto, esse não foi o caso de Anderson. Apesar da possibilidade de acolhimento naquele momento, o que mais marcou sua trajetória foi:

[Digite aqui]

E eu julgo muito os meninos trans pelo fato disso, eu não consigo me enturmar, eu participo de alguns grupos e eu não falo. Eu não, não me sinto a vontade de falar. E eles, eles tentam puxar assunto comigo, mas eu tenho esse bloqueio, entendeu? Então eu, era isso que eu queria mudar. A fala dele, não, não ter me prejudicado tanto. Mas, eu hoje vejo que a fala dele me deu força para pesquisar, porque realmente eu era. E quando eu disse assim: "Ah, eu queria mostrar a ele a pessoa, o homem que eu me tornei, que naquele dia eu estava indeciso, como a maioria dos meninos, começam na indecisão e aquela coisa que não sabe o que é e não tem apoio. E eu queria naquele momento, se ele tivesse me acolhido, seria totalmente diferente. Eu teria outra visão, né? (...). Mas, de certa forma a fala dele me fez ser o Anderson (Anderson, 2025).

Ao mesmo tempo em que a fala rude representou uma forma de exclusão e dor, ao ponto de impossibilitar Anderson de construir novas relações com outras pessoas transmasculinas, ela também funcionou como marco na busca de respostas, informações e para nomeação de sua identidade. A provocação, embora violenta, desencadeou um movimento interno de investigação e elaboração que culminou na afirmação de si mesmo.

Há, portanto, um tensionamento: a mesma fala que impossibilitou o acolhimento e gerou sofrimento profundo é, também, aquela que, paradoxalmente, lhe deu impulso para se afirmar como homem trans. Esse duplo efeito, de ferida e força, evidencia como os processos de subjetivação não seguem trajetórias lineares, nem inteiramente positivos. A transição de Anderson, como a de outros dos nossos interlocutores, foi atravessada por disputas de legitimidade e por violências simbólicas que, ainda assim, mobilizaram ações transformadoras. A cisheteronorma opera nesses momentos, não apenas como estrutura excludente externa, mas como modelo de julgamento internalizado, que organiza as possibilidades de pertencimento.

As tramas relacionais entre pessoas trans podem ser lidas como processos cartográficos em constante mutação, onde os territórios de reconhecimento são construídos pela apropriação social das falas, gestos e posições, ao mesmo tempo em que sofrem desterritorializações diante das instituições da cisheteronorma (Natálio, 2013). São nessas linhas de fuga e, simultaneamente, reterritorializações, que os nossos interlocutores remapeiam linguagens de afirmação em espaços de existência. Desse modo, o tecido relacional não se firma como objeto fixo, mas como rizoma, onde cada nó de tensão pode tanto bloquear quanto potencializar o surgimento de novos caminhos (Natálio, 2013; Enes, Bicalho, 2014)

As experiências dos interlocutores se inscrevem em camadas sobrepostas de apropriação e deslizamentos, onde o reconhecimento compartilhado ganha contornos de evento coletivo, capaz de deslocar normas e reconfigurar fronteiras nos espaços de pertencimento. Diante desse campo, pudemos acompanhar múltiplos pontos de articulação que se conectam por afinidades, tensões e rupturas.

Entre os vetores de força que atravessam as disputas de identidade trans, há uma tensão permanente entre o caráter processual da identificação, sempre condicional e inacabada (Hall; Woodward; Silva, 2014), e as armadilhas dos dispositivos hegemônicos de saber-poder que tentam fixar corpos e subjetividades em moldes pré-estabelecidos (Hall; Woodward; Silva, 2014; Pfeil, 2023; Preciado *et al.*, 2022). Durante o presente capítulo pudemos mapear os fluxos sem fechar o desenho num contorno definido, passando por linhas de fuga e, ao mesmo tempo, as camadas sobrepostas da cisheteronorma que se aplicam aos corpos transmasculinos e às suas formas de existir.

Dentro das análises dessas relações, a amizade e o amor surgem como possibilidades de existências outras (Foucault, 1981; Albuquerque Júnior, 2001). Não se trata de fusão entre idênticos (Hall; Woodward; Silva, 2014); nos encontros apresentados observou-se uma abertura radical ao outro que inverte a lógica da totalidade. A amizade, aqui projeta atenção sobre a diferença que persiste e inaugura um abrigo provisório (Albuquerque Júnior, 2001), feito de cuidado compartilhado e indignação recíproca, em que sustenta-se conjuntamente os atravessamentos pelas marcas da opressão.

Enquanto isso, no amor, a intimidade em processo dá vazão às práticas de si que contestam a naturalização da cisheteronorma e tensionam as possibilidades de (re)existir no caos imposto pelos dispositivos (Deusdará; Rocha, 2021; Foucault, 1981). Os espaços de luta política, por um lado constituem pontos de encontro para a troca de saberes e a construção de redes de solidariedade (Guerra, 2020), por um outro também reproduzem, internamente, hierarquias e estratégias de defesa narcísica (Goodman, 2012; Guerra, 2020). É nessas construções ambíguas, poderosas e frágeis, que identificamos tanto as afinidades que tecem solidariedades quanto as rupturas que denunciam processos de validação excludentes.

A cartografia desses territórios em disputa aponta tanto as linhas de fuga, quanto as zonas de captura, onde a colonialidade cisgênera tenta redesenhar

[Digite aqui]

corpos e sujeitos segundo seus próprios moldes (Pfeil, 2023). Aproximando o mapeamento realizado até aqui com as questões discutidas por Hall, Woodward e Silva (2014), pode ser percebido como as experiências transmasculinas são composições singulares, que envolvem desejos, experiências corporais, modos de vida e redes de afeto em constante disputa com as formas cisheteronormativas de existir (Pfeil, 2023; Ribeiro; Tavares; Caetano, 2023).

Ao acompanhar esse movimento, o movimento cartográfico nos permitiu, até o momento, localizar os efeitos dos dispositivos de saber-poder, mas também reconhecer as brechas em que novas formas de subjetivação ganham força. É nesse acompanhamento das irregularidades, das dobras e dos desvios, que se tornam visíveis as construções de existência trans que negociam com às normas impostas pela cisgeneridade. No capítulo seguinte, são apresentadas as possibilidades de significação e articulação que abrem caminhos para a tecitura de condições de (re)existência transmasculinas.

3.4 Atravessando jornadas: Para além da cisheteronormatividade

O presente capítulo objetiva problematizar as possibilidades de construir-se para além das limitações da cisheteronormatividade. Limitações essas que vão de limitações de existência subjetiva até a construção e aplicação de políticas públicas. Assim, neste capítulo tais limitações serão problematizadas a partir da VII Jornada da Visibilidade Trans, posto que esta configura-se, na presente pesquisa, como campo para observar as tensões relacionadas com a cisheteronormatividade nas esferas institucional, política, coletiva e subjetiva.

A VII Jornada da Visibilidade Trans, promovida pelo coletivo Attransparência – Associação Potiguar de Travestis e Transexuais na Ação pela Coerência no Rio Grande do Norte¹², acontece no estado do Rio Grande do Norte como parte das ações em alusão ao Dia Nacional da Visibilidade de Transexuais e Travestis, celebrado em 29 de janeiro.

A Jornada se inscreve em uma trajetória de lutas e conquistas que teve início em 2004, quando foi lançada a primeira campanha do Ministério da Saúde voltada especificamente para pessoas travestis e transexuais: “Travesti e Respeito”. Fruto

¹² A Associação Potiguar de Travestis e Transexuais na Ação pela Coerência no Rio Grande do Norte - Attransparência é uma organização não governamental (ONG) que atua no estado do Rio Grande do Norte desde 2013, com foco na defesa dos direitos e na promoção da visibilidade da população travesti e transexual (Crispim, 2021).

da mobilização de ativistas ligadas à saúde e aos direitos humanos, a campanha denunciava o estigma que historicamente associava pessoas trans a doenças, exigindo o fim do preconceito institucional e social (“Reforçar a visibilidade é uma estratégia de sobrevivência”, 2020).

No dia 29 de janeiro daquele ano, um grupo de ativistas se reuniu em frente ao Congresso Nacional para acompanhar o lançamento da campanha. A partir desse ato político e simbólico, surgiu a proposta de instituir uma data para marcar a luta contra a intolerância e o preconceito, dando origem ao Dia Nacional da Visibilidade Trans (“Reforçar a visibilidade é uma estratégia de sobrevivência”, 2020). É a partir dessa memória e desse compromisso que a Jornada se realiza, reafirmando a importância de criar, em solo potiguar, espaços de escuta, mobilização e protagonismo para travestis, mulheres e homens trans.

Acompanhei a Jornada desde sua fase de organização pois fui uma das pessoas que esteve à frente da programação da cidade de Mossoró; e acompanhei a realização das atividades nas diferentes cidades do roteiro.

Durante a Jornada foi possível perceber e vivenciar múltiplos limites que atravessam a formulação de políticas públicas, articulação entre movimentos sociais e Estado, e até a própria construção de rede entre pessoas trans, travestis e transmasculinas. Em cada território visitado, as condições para que o evento acontecesse foram marcadas por disputas, ausências, resistências e atravessamentos locais, indicando como a materialização de políticas voltadas à população trans ainda depende de forças instáveis e, muitas vezes, frágeis.

É através da narrativa do percurso vivenciado dentro da Jornada que nomeamos e localizamos os principais atores desta pesquisa: nossos interlocutores. Esse grupo é composto por homens trans e pessoas transmasculinas que vivenciaram a Jornada e cujas histórias, afetos e existências são atravessados por algumas dessas tensões.

Seus relatos expõem mais do que os limites impostos pela cisheteronormatividade, apresentando também as estratégias para os subverter, ampliando as possibilidades de existir, desejar e resistir em contextos que, mesmo com adversidades, seguem sendo ocupados, tensionados e reinventados.

Neste trabalho, cartografar significou acompanhar de perto a organização da Jornada da Visibilidade Trans 2025; um processo coletivo que se iniciou antes

[Digite aqui]

mesmo dos eventos públicos, nas reuniões de planejamento e articulação política. O mapeamento das forças que compõem essa Jornada inclui a leitura e análise das anotações e planejamentos elaborados em diferentes momentos, bem como a participação direta nos encontros, escutas e afetos que mobilizaram a construção do evento.

No dia 12 de dezembro de 2024, participei de uma reunião da organização no Hospital Regional da Mulher Parteira Maria Correia (HRMPMC) – Mossoró, RN, quando foi definido o primeiro encontro da Jornada, previsto para 23 de janeiro de 2025. Na ocasião, discutimos a possibilidade de realização de exames, a oferta de refeições e a programação do dia — que incluiria apresentações dos ambulatórios LGBT e TT, momentos de cuidado e uma atividade cultural noturna, em Mossoró. Também ficou prevista a acomodação das pessoas na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), com discussões sobre estrutura e logística.

Seguindo o movimento da pesquisa, novas reuniões foram se desdobrando e atualizando as decisões tomadas. Em 16 de dezembro de 2024, no mesmo local, discutimos as confirmações dos exames e os aspectos de divulgação.

No início de janeiro de 2025, encontrei-me com organização oficial da Jornada, composta por representantes do Governo do Estado do RN, Organizações Não-Governamentais (ONG) que lutam pelos direitos das pessoas trans e travestis, e voluntários da sociedade civil - como era o meu caso - para conversar sobre a programação em outras cidades além de Mossoró, como Currais Novos e Jardim do Seridó, cujas articulações foram marcadas por dificuldades administrativas e mudanças de gestão.

Essas reuniões não foram apenas espaços de decisão, mas também territórios de produção de subjetividade e de tensão política. As ausências e presenças, os conflitos e os acordos, os limites institucionais e a potência da organização autônoma foram elementos que emergiram.

Os movimentos sociais, longe de se restringirem a formas organizadas e institucionalizadas de luta, são expressões coletivas de resistência, criação de sentido e reivindicação de existência. Assim, pensar a VII Jornada da Visibilidade Trans como parte de um movimento social exige reconhecer, segundo Touraine (2006), este enquanto ação coletiva que coloca em questão um modo de dominação social generalizada, neste caso, a cisheteronormatividade.

[Digite aqui]

Em contextos contemporâneos marcados pela globalização, pela desmaterialização das lutas e pela fragmentação dos sujeitos políticos, o autor questiona:

Não se trata mais de definir um espaço ou um tempo autônomo, e sim de reconhecer a prioridade que deve ser dada à criação – muito mais do que à defesa – de uma autonomia, bem menos profissional ou econômica do que moral [...] Nos dois enfoques, a ordem social é excedida. É a observação mais importante que se pode fazer para compreender as transformações atuais dos movimentos sociais. É a razão pela qual é preferível substituir a expressão “movimentos sociais” por “movimentos culturais”, indicando o deslocamento dos conflitos para a ordem simbólica e, ainda mais importante, definindo o que deve ser defendido e o que deve ser combatido, em termos não mais propriamente sociais (Touraine, 2006, p. 23-24).

A defesa do autor sobre a mudança de nomeação de movimentos sociais para movimentos culturais, evidencia a transformação das tensões que compõem o nosso meio social, pois estas disputas não incidem mais apenas sobre a produção ou redistribuição de renda. Agora a importância se volta para o reconhecimento, os sentidos e a legitimidade dos modos de vida.

Contudo, ao final do seu artigo, Touraine aponta que a esta divisão não se deve dar tanta atenção, haja vista que:

Chegamos ao ponto extremo do território no qual a noção de movimento social pode ser utilizada. Muitos, com razão, dirão que essa noção aparece mais evidente e mais central em estudos sobre a sociedade industrial. Inversamente podemos lembrar a necessidade de descobrir, constantemente, os laços que unem os tipos de movimentos coletivos. Esse argumento me conduz a concluir sobre a necessidade de manter a referência à noção de movimento social no estudo das sociedades contemporâneas, de quaisquer tipos, mesmo que, à primeira vista, pareçam não exigir a utilização de tais noções. A continuidade da análise sociológica é mais importante do que a observação das diferenças profundas que existem entre um e outro tipo societal (Touraine, 2006, p.28).

Diante do exposto, a Jornada é compreendida aqui como um movimento social contemporâneo que, ancorado em disputas locais e específicas, carrega um impacto geral ao confrontar o regime cisheteronormativo e os dispositivos que regulam quem pode existir, circular e ser reconhecido social, jurídico e politicamente. Trata-se de uma ação coletiva que vai além de denunciar essas exclusões, mas se propõe, a cada edição, a criar brechas de autonomia e novas formas de inscrição política e subjetiva, ainda que esbarre em dificuldades como: redes frágeis, disputas internas e instabilidades institucionais.

Ainda antes de iniciar as atividades da Jornada, propriamente ditas, realizei a entrevista-piloto e, após revisar o roteiro, realizamos uma nova entrevista. O primeiro

[Digite aqui]

dos nossos interlocutores, que a partir de agora nomearei de João, terá como pseudônimo o nome de um dos principais ativistas transmasculino do país, e da comunidade Trans: João Walter Nery. O interlocutor lembra bem do momento em que conheceu a história de João W. Nery:

Teve o João W. Nery. Que foi ali que eu li o livro e eu entendi. E eu me identifiquei. E eu vi assim eu sou isso, eu sou exatamente essa definição que ele fala de si mesmo. [...] Ganhei esse livro de *Geovana*¹³, [...] E então ali eu li, eu vi tudo que... Há quase dez anos atrás a gente não tinha tanta informação como a gente tem hoje. [...] A gente não tinha tantas referências que a gente tem hoje. Então, naquele momento, eu ler sobre uma pessoa que já tinha na época seus 50 e poucos anos, e já passou isso durante uma época extremamente pesada do Brasil, que foi a época da ditadura, e abriu mão de curso superior e tudo pra viver uma vida. Mesmo sendo hoje, eu também abriria mão de tudo pra ser o que eu sou. Isso que pesasse, que valesse, que custasse o que fosse. Então, ali, realmente ele foi a minha maior referência. Porque foi a referência... Foi... Foi a vivência que mais se aproxima [...] E abriu mão de tudo, de toda uma vida, pra viver o que ele realmente era. [...] E a explicação dele, do que ele era, do que ele sentia. Eu me identifiquei ao ponto de entender assim: eu também faria a mesma coisa. (João, 2025).

Além de sua própria significação do papel de João Nery em sua vida, eu identifiquei outras aproximações em ambos os percursos, apontarei algumas delas enquanto apresento João W. Nery. Nascido em 12 fevereiro de 1950, no Rio de Janeiro, foi o terceiro filho de quatro, mas o único entre as mulheres [cis]. Ele foi o primeiro homem trans a realizar cirurgias de redesignação sexual. Estes procedimentos foram realizados em 1977, durante a ditadura militar, de forma clandestina.

Para conseguir ser empregado, precisava da retificação dos seus documentos, portanto, afirmou ter 18 anos e o desejo de se aliar às forças armadas, o que deu certo. Todavia, tudo o que havia conquistado até aquele momento e estava no seu nome foi perdido, como seu diploma em Psicologia e sua carreira de docente. A perda desses e mais direitos foi combustível para o ativismo de Nery, o que ajudou a modificar as oportunidades de toda uma geração de pessoas trans que vieram a partir de então.

A falta de dados e acolhimento naquela época é lembrada nas próprias palavras dele: “há quase dez anos atrás a gente não tinha tanta informação como a gente tem hoje” (João, 2025). Como lembra Sheila Salewshi (Nery, 2019, p.20), companheira de Nery, a decisão de se tornar uma pessoa pública foi tomada com

¹³ Nome fictício para respeitar a identidade da pessoa citada.
[Digite aqui]

dificuldades: “Apesar de ter consultado previamente um advogado, sua família tinha algum receio do que pudesse acontecer: sofrer agressões físicas, enfim, coisas perturbadoras e dolorosas”. Além de ter sido pioneiro na realização das cirurgias de Mamoplastia Masculinizadora e Histerectomia, ambas realizadas em 1977, João Nery demonstrou que era urgente lutar por reconhecimento legal e social.

Ler o livro dele, as coisas que ele passou e que ele enfrentou e tudo e, principalmente, ler a maneira como ele falava sobre si e falava, e falava sobre o processo de transição dele, foi algo que não só me influenciou, mas também que clareou muito as minhas ideias (João, 2025).

Ter contato com a história de vida de Nery forneceu ao nosso interlocutor referências que contribuíram para elaborar e narrar a construção da sua própria trajetória. Nascido no ano de 1996, na cidade de Mossoró, nosso entrevistado foi um dos primeiros homens trans a transicionar em sua cidade, no ano de 2014. Ao ser questionado sobre sua relação com outros homens trans ele nos falou que:

Eu tenho pessoas. Na minha vida pessoas que iniciaram comigo, pessoas que foram e que estavam ali, que a gente começou todo mundo junto. Eu levo para minha vida, sei que eu vou levar. Converso todos os dias, partilhamos situações, partilhamos vivências de desde a época que iniciamos, né? E tenho pessoas que iniciaram comigo exatamente assim. Tem quatro pessoas que foi exatamente a escadinha, cada um começou em um mês: Pá, pá, pá, pá (João, 2025).

Assim, no ano de 2016, iniciou o uso de testosterona junto a um grupo de amigos que passaram juntos pelas descobertas dos efeitos da testosterona no corpo. Nosso interlocutor conta também que:

É eu poderia muito bem ter começado de maneira própria. Mas não era algo que eu queria. Eu queria fazer os exames [...] Não tinha médico. Eu tinha que sair daqui de Mossoró pra ir pra outro canto. Aí com 16, 17 anos, é uma outra logística, então eu não conseguia iniciar. Quando eu externalizei a transexualidade, eu externalizei e tudo. Mas nesse tempo de ter feito isso e de iniciar a transição, a terapia hormonal, foram três anos, três longos anos e três anos extremamente doloroso (João, 2025).

Por falta de médico que fizesse tal orientação na época, alguns de seus amigos iniciaram a hormonização por conta própria, mas na passagem acima João compartilha que fez a escolha de buscar acompanhamento profissional, mesmo diante dos custos emocionais desta escolha. Assim como Nery, o interlocutor quebrou barreiras locais, criando precedentes em um cenário ainda carente de informações e referências.

No fim da vida João W. Nery modificou sua pauta de luta e dedicou-se ao tema do envelhecimento das pessoas trans. Em 26 de outubro de 2018, aos 68 anos, João Nery faleceu em decorrência de um câncer de pulmão que se espalhou

[Digite aqui]

para o cérebro. Sua obra póstuma, “Velhice Transviada: Memórias e Reflexões” (2019), foi o principal marco da sua dedicação ao tema, onde aponta que pessoas trans e travestis que ultrapassaram a marca dos 50 anos são sobreviventes e, diante de um cenário de vida permeado por preconceitos, negligências e violências, devem ter um olhar sensível para suas necessidades e políticas públicas que os possibilitem um bom envelhecimento.

Essas ideias defendidas por Nery mostram a sabedoria de quem viveu e resistiu por quase sete décadas, voltando seu olhar não apenas para si mesmo, mas, sua preocupação constante com a coletividade trans. Percebemos isso ao ver, pelo olhar do nosso interlocutor que percebe que o contato com a vida de Nery foi decisivo para que ele tivesse olhos para enxergar suas próprias necessidades.

Porque eu acho que a gente sempre vai destoar do que é normalmente, socialmente aceito. A gente sempre vai destoar. Então. O que causa... O que causa... O que... Tudo que é diferente, que é minimamente diferente. Ele destoa. Ele causa repulsa. Ele causa preconceito. Ele causa inúmeros tipos de sentimento. Então, naquele momento, eu ler sobre uma pessoa que já tinha na época seus 50 e poucos anos, e já passou isso durante uma época extremamente pesada do Brasil, que foi a época da ditadura, e abriu mão de de curso superior e tudo pra viver uma vida. E abriu mão de tudo, de toda uma vida, pra viver o que ele realmente era. E a explicação dele, do que ele era, do que ele sentia. Eu me identifiquei ao ponto de entender assim eu também faria a mesma coisa (João, 2025).

Ao compartilhar o impacto de conhecer a história de um homem trans que viveu sua transição em um contexto diferente, marcado pela repressão, João encontra a possibilidade de reescrever sua própria trajetória a partir da identificação com essa narrativa (Hall; Woodward; Silva, 2014). Essa fala explicita como o contato com outras experiências podem operar como convocação, não no sentido de repetir um caminho, mas, de afirmar a legitimidade de percorrer uma trajetória que destoe da norma, marcando um cruzamento de histórias que, ao se atravessarem, se potencializam.



Figura 1: João W. Nery

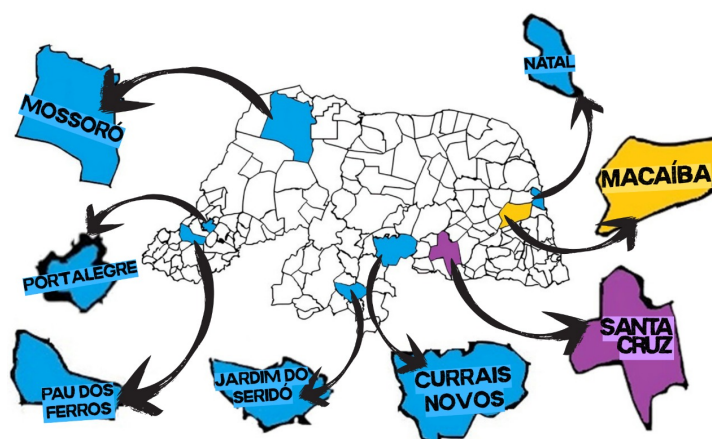
Fonte: (LGBTQ+Spacey, 2023)

A partir do dia 23 de janeiro de 2025, comecei a acompanhar in loco as atividades da Jornada em diferentes cidades, localizadas no mapa a seguir.



Mapa 1 – Brasil

Autoria: Própria.



Mapa 2 – Municípios segundo atividades realizadas da pesquisa

Fonte: (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021). Reeditado pelo autor.

Legenda:

- Amarelo – Município sem a participação do pesquisador no evento;
- Azul – Municípios com participação do pesquisador no evento;
- Roxo – Não sediou o evento, apenas aplicação entrevista.

Na primeira das figuras apresentadas temos o mapa do Brasil, evidenciando o Rio Grande do Norte, na região Nordeste do país. A segunda imagem destaca as cidades que compõem a pesquisa: Mossoró, Pau dos Ferros, Jardim do Seridó, Currais Novos, Natal e Santa Cruz (em azul e roxo) e a cidade que fez parte da jornada, mas não da pesquisa (Macaíba). A escolha por esse recorte geográfico não se deu apenas por razões logísticas, mas também afetivas e políticas: este é o território que vivo e onde vivi toda a minha travessia de gênero.

Embora eu tenha nascido no Ceará, morei de 2008 a 2010 na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo, e retornei ao Nordeste também em 2010, fixando residência em Mossoró, onde estou até o presente momento. O Nordeste, por sua vez, tem se mostrado um polo fundamental nas lutas por direitos das pessoas transmasculinas, reunindo ativistas e organizações que têm desempenhado papel essencial na militância trans no Brasil desde o seu início (Banke; Tenório, 2021). Por sua vez, os municípios foram escolhidos a partir do roteiro da VII Jornada da Visibilidade Trans do RN.

Mossoró – 23 e 24 de janeiro de 2025

[Digite aqui]

Mossoró é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, sendo um dos principais polos econômicos e culturais do Estado (Prefeitura de Mossoró, [s. d.]). Com uma população de mais de 250 mil habitantes (Prefeitura de Mossoró, 2024), destaca-se por sua localização estratégica entre duas capitais, Fortaleza e Natal. Ao longo dos últimos anos, tornou-se referência regional em equipamentos voltados ao atendimento da população LGBTQIA+, especialmente pela presença do Ambulatório LGBTT+ da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Fruto de uma demanda dos movimentos sociais, o Ambulatório LGBTT+ da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), inaugurado em outubro de 2019, oferece um espaço de acolhimento, escuta e atendimento especializado para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais, entre outras orientações e identidades de gênero. Esta unidade é a primeira no Rio Grande do Norte a disponibilizar um serviço voltado exclusivamente para a população LGBTQIA+, sendo uma das principais linhas de cuidado do Ambulatório Interprofissional das Residências em Saúde da UERN (Ambulatório LGBTT+ oferece serviço de escuta e atendimento especializado – UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, [s. d.]).

Outro equipamento relevante neste cenário é o Ambulatório Trans e Travesti, localizado no Hospital Regional da Mulher Parteira Maria Correia, que conta com uma gestão colaborativa da Secretaria de Saúde Pública (Sesap) e da UERN, oferecendo atendimento especializado à população trans de mais de 60 municípios da região. Entre eles inclui-se especialidades como medicina de saúde da família, enfermagem, ginecologia, práticas integrativas de cuidado e, com planos futuros de expansão para incluir as cirurgias como: mastectomia e histerectomia (Hospital da Mulher inaugura ambulatório especializado para trans e travestis – UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, [s. d.]

A primeira atividade realizada na cidade, vinculada à VII Jornada Trans, foram os atendimentos médicos e realização de exames, especialmente para pessoas que nunca haviam tido acesso ao ambulatório TT. Estavam presentes uma mulher trans, uma travesti e três homens trans. As atividades se intensificaram com a chegada das pessoas da caravana da Jornada: após realizada a mesa de abertura, em seguida foram dadas orientações jurídicas para retificação de documentos e falas de representantes políticos que lutam pela causa.

[Digite aqui]

Concomitantemente, estavam sendo oferecidas práticas integrativas, sendo elas: auriculoterapia, massoterapia, ventosa, por parte da equipe do Núcleo de Práticas Integrativas – NUPICs da Faculdade de Enfermagem da UERN. No dia seguinte, um ajuste de programação — devido à retirada da cidade de Assu do roteiro — levou à exibição do filme Bixa Travesty, seguido de roda de conversa e performances artísticas. Uma observação importante: em Mossoró deu-se a predominância de homens trans e pessoas não-binárias, em contraste com outras cidades, onde a maioria era de mulheres trans e travestis.

Precisamos pontuar que isso não ocorre de forma isolada. Como apontado anteriormente, a construção dos ambulatórios e seus funcionamentos possibilitam um espaço de convivência e realização de eventos, como a própria Jornada da Visibilidade Trans que já passa na cidade há alguns anos. Isso reflete tanto na presença marcante em eventos como esta edição, quanto na construção e manutenção de espaços que possibilitam o fortalecimento comunitário.

A cidade enfrenta um enfraquecimento do movimento social organizado em formato de coletivos, contudo, assim como pontuado por Banke e Tenório (2021), alguns ativistas realizam sua luta individualmente e, no cenário da presente cidade, somam-se às instituições que idealizaram e realizam a manutenção desses espaços, construindo um ambiente onde as pessoas são incentivadas a reivindicar seus lugares como sujeitos. Essa movimentação reconfigura a paisagem da luta trans na cidade e desafia as narrativas que se centralizam exclusivamente nas experiências de mulheres trans e travestis, sem invalidá-las, mas somando outras camadas à complexidade do que se entende por população trans.

Nesta cidade, convidei um jovem rapaz com quem já havia dividido outros espaços de militância para compor a pesquisa. A escuta de sua história ampliou a diversidade das vozes presentes no campo. Assim, seguindo o percurso escolhido para nomear nossos interlocutores, o segundo ator que apresentarei é um jovem de 22 anos, que cresceu em meio a uma família de valores tradicionais, sendo filho de um agricultor e de uma dona de casa. Aos 16 anos, acumulou recursos suficientes para nomear sua transgeneridade, mas, foi durante a pandemia que passou a reivindicar socialmente sua identidade enquanto homem trans em diversos espaços.

Nosso atual interlocutor tem um aspecto que se diferenciou das demais vozes dessa pesquisa: ser um homem trans gay. Dentro da movimentação que busca

[Digite aqui]

figuras representativas e fundamentais para o movimento e história das transmasculinidades temos, para nomear nosso interlocutor com pseudônimo, Paulo “Popó” Vaz, que desponta como figura inspiradora para homens trans gays em todo o Brasil (Gayles.tv, 2022).

Sua história começou em Minas Gerais, mas ganhou o país através de suas publicações no Instagram, no seu canal do *Youtube* “Ponto T” e, principalmente, a partir de suas aparições em diversos vídeos no canal “Põe na Roda”. Popó era casado com Pedro HMC, fundador do dito canal. Eles estavam juntos desde 2018, o seu relacionamento público serviu como inspiração e representatividade para relacionamentos LGBTQIA+ (Da Redação, 2022).

Pedro conta que se interessou por Popó logo que o viu chegar em uma cafeteria, durante a organização do que seria o primeiro vídeo - de muitos - de Popó no canal, primeiramente compartilhando um pouco de sua vivência enquanto um homem trans gay (Põe Na Roda, 2018), e em vídeos posteriores tanto sobre o tema como sobre o relacionamento amoroso do casal (Põe na roda, 2018; Põe na roda, 2021).

Além de influenciador digital - com mais de 200 mil seguidores no Instagram - Popó enfrentava o conservadorismo estrutural ao servir como policial civil na cidade de São Paulo, sendo um dos poucos homens trans que se tem conhecimento dentro de uma instituição reconhecida pelo tradicionalismo, hierarquias e orientada por ideias conservadoras e patriarcais. Ali, vestido de farda, ele provou mais uma vez que pessoas trans pertencem a todos os espaços, mesmo que sejam frequentemente invisibilizadas, violentadas e excluídas.

Mas, foi também em meio a essa visibilidade que ele sofria constantemente ataques transfóbicos. Em 14 de março de 2022, o corpo de Popó foi encontrado sem vida. Sua partida trágica despertou a urgência de discutir saúde mental para homens trans e escancarou que, mesmo em comunidades aliadas, podem existir preconceitos internos, sustentados pelo falocentrismo que negam a importância de corpos sem testículo/pênis como expressão legítima de masculinidade.

Ainda me recordo do dia da perda de Popó: chorei como se alguém da minha família tivesse partido. Perde-lo, parecia que o mundo estava dizendo que não valia a pena. Eu estava em diversos grupos de pessoas transmasculinas e o sentimento

da perda foi devastador, parecíamos que estávamos todos em um único corpo, ao compartilhar o que sentíamos, todos se identificavam.

Ao mesmo tempo, percebi que a partir dali era de nossa responsabilidade, enquanto comunidade, dar continuidade a sua luta e manter viva a história de Popó Vaz. Assim, dedicar um espaço nessa pesquisa para contar um pouco de sua história e repetir seu nome é uma dessas formas.

Nosso interlocutor compartilha algumas de suas experiências afetivo-sexuais, e em determinado momento ele compartilha: “E aí entram muitas questões porque tem a minha sexualidade, eu sou um homem trans gay” (Paulo, 2025). Assim, o entrelaçamento entre a trajetória do nosso interlocutor, que ao longo da dissertação nomeei de Paulo, e a vida de Popó Vaz, se dão em diferentes aspectos: ambos são homens trans gays que encontraram, ainda jovens, formas de nomear suas identidades e sustentar seus desejos. Ambos enfrentam/ enfrentaram os atravessamentos de viver uma masculinidade que desafia os moldes tradicionais e as imposições sociais.

Mas, talvez o ponto mais significativo dessa conexão entre eles, esteja no gesto público e político de viverem suas relações, como quem grita ao mundo: a masculinidade também é nossa, e o amor entre homens – seja cis e trans ou entre homens trans e pessoas transmasculinas – deve ser celebrado. Nosso interlocutor, assim como Popó, encarna essa afirmação.



[Digite aqui]

Figura 2 – Paulo Vaz

Fonte: (Rupp, 2022)

Pau dos Ferros – 25 de janeiro de 2025

Segui com o grupo para Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, que é a principal cidade do Alto Oeste Potiguar. Com uma população de 31.975 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s. d.]), destaca-se economicamente no comércio e serviços, incluindo saúde e educação (Souza, 2022).

Lá, a programação foi conduzida por servidores da prefeitura. Pela manhã, houve uma roda de conversa na Câmara Municipal, onde discutimos a construção de políticas públicas na cidade, ouvindo tanto as pessoas trans da caravana como a comunidade local e membros do governo municipal. No dito momento foi evidenciado o cenário raro de expressa presença de pessoas LGB cisgêneras tanto no poder legislativo como no executivo do município, o que cria um espaço favorável para a aprovação e efetivação de projetos voltados à comunidade LGBTQIA+. Contudo, as pessoas trans da cidade que estavam presentes questionaram a ausência do convite direcionado a elas, apontando a ausência de diálogo com a comunidade alvo do evento.

Durante a tarde estava prevista a visita ao túmulo de Magnólia, ativista trans da cidade que morreu no ano de 2024, o que não foi possível devido ao cemitério estar fechado. Mesmo que no dia seguinte, pela manhã, as pessoas que compuseram a caravana da jornada tenham conseguido realizar a atividade, houve a presença apenas de uma pessoa trans da cidade, os demais relataram não se sentirem confortáveis para fazerem-se presentes em tal momento.

O que evidencia, mais uma vez, tanto a importância de o planejamento do evento contar com diálogo do público ao qual destina-se, assim como a ausência deste diálogo no presente evento. As experiências vividas no percurso da jornada na cidade de Pau dos Ferros é um espaço potente para discutir as tensões e articulações dentro do próprio movimento LGBTQIA+, por ser possível identificar, em escala local, as multiplicidades, contradições e negociações que compõem esse movimento.

Regina Facchini (2009), ao analisar a constituição do movimento LGBT brasileiro, evidencia as dinâmicas internas, mostrando como o movimento é

[Digite aqui]

construído por sujeitos múltiplos, em constantes negociações nos espaços políticos e internos.

O apoio vindo de pessoas LGB cisgêneras aliadas que ocupam espaços de poder, é de fato fundamental para avanços de políticas públicas voltadas à nossa comunidade, assim como Bank e Tenório (2021) apresentam, houve diversos avanços nos movimentos das transmasculinidades a partir dessa parceria, seja em cenário de ordem política, academia, institucional ou individual. Contudo, como Facchini (2009) aponta, esse processo de institucionalização dos movimentos sociais LGBTQIA+ podem gerar distanciamentos entre quem está no “campo” (Facchini, 2009, p.133) e quem compõe a “arena” (Facchini, 2009, p.133) do movimento.

No campo podemos encontrar as organizações ativistas, as agências estatais, setores do poder público e atores do mercado que se dirigem ao público LGBTQIA+ ou abrem espaço para a pauta (Facchini, 2009). Ele diz respeito aos atores envolvidos diretamente no processo político em análise, sendo flexível para se expandir ou se retrair para além da arena.

Já na arena, estão situados os sujeitos que se reconhecem, ou são reconhecidos, nas categorias identitárias formuladas pelo movimento, sem necessariamente estarem presentes no cotidiano da luta organizada (Facchini, 2009). Assim, a autora chama a atenção para o fato de que as categorias utilizadas para nomear o sujeito político do movimento são, em geral, produzidas no interior do campo, a partir das relações, estratégias e narrativas de identidade própria do campo (Facchini, 2009). O que acaba por não garantir o diálogo com as experiências e identificações que emergem na arena.

Essa distinção permite problematizar quem tem legitimidade para falar em nome do movimento, quem define suas pautas e como certos sujeitos podem ser incluídos ou excluídos dos processos decisórios. Para a autora: “O movimento não pode ser pensado de modo dissociado das relações que o informam e constituem e do contexto sócio-histórico em que se insere” (Facchini, 2009, p.133).

A presença de pessoas LGB cisgêneras em posições institucionais de destaque possibilitou a construção da programação do mês da visibilidade trans na cidade. Esse dado nos permite situar essas figuras no campo (Facchini, 2009). No entanto, o incomodo expresso por pessoas trans locais diante da ausência de

diálogo efetivo com a comunidade trans da cidade, aponta para a persistência de um distanciamento entre o campo e a arena do movimento.

Ainda que reconheçam e se identifiquem com as categorias identitárias produzidas pelo movimento, a essas pessoas foi retirada a participação nos processos decisórios, o que tensiona a legitimidade dessas representações e de suas possíveis contribuições.

A ausência de escuta às pessoas trans foi uma exclusão, pois não se trata apenas de uma lacuna organizativa, mas, da reprodução de uma lógica de representação que reforça desigualdades internas ao próprio movimento, haja vista que dentro dele estão implicadas questões de machismo, transfobia, racismo, capacitismo, entre outras formas de preconceito que estruturam a nossa sociedade. A autora chama a atenção para

A noção de transversalidade, por sua vez, é frequentemente tomada a partir de uma operação que sobrepõe segmentos e soma opressões, num processo que remete a tensões na interpretação de interseccionalidades (Facchini, 2009, p.144).

Dessa forma, ela aponta os limites que surgem quando esses conceitos são apropriados por políticas públicas e práticas institucionais de maneira simplificada e essencialista. No contexto de crescentes aproximações entre movimento social e Estado torna-se comum que noções críticas passem a ser traduzidas por categorias identitárias fixas.

Assim, a ideia de vulnerabilidade, que deveria remeter a processos sociais que colocam determinados sujeitos em posições de desvantagem (Facchini, 2009), acabam sendo usadas como sinônimo de certas identidades. Isso reforça uma compreensão especializada da vulnerabilidade, como se ela fosse determinada por características individuais, e não resultado da articulação entre fatores sociais, históricos e institucionais.

A autora propõe, então:

Reconhecer tais exclusões, bem como as relações desiguais de poder no interior do movimento, e agir no sentido de manter o sujeito político do movimento como um espaço aberto à inclusão de novas e diferentes demandas e de rever arranjos hierárquicos internos talvez seja um caminho necessário para evitar afirmações estratégicas de diferenças essenciais daqueles que se sentem, de algum modo, menos incluídos (Facchini, 2009, p.153).

A preocupação apresentada pode levar ao apagamento das especificidades e à exclusão de sujeitos considerados marginais até mesmo dentro dos próprios

[Digite aqui]

espaços de militância. Assim, reconhecer as pessoas trans como parte ativa do movimento, produtoras de identidade, de saber e de política, exige uma revisão das hierarquias internas e a reconstrução dos modos de fazer coletivo.

A mudança proposta por Facchini (2009) ainda evidencia a importância de se manter o sujeito político do movimento como espaço aberto à entrada de novas demandas e à escuta das experiências que não se encaixam nos modelos previamente legitimados.

Ainda no dia 25, realizei a entrevista com mais um dos nossos interlocutores, sendo este uma pessoa não-binária transmasculina, com quem tive contato anterior durante a Conferência Estadual LGBTQIAPN+.

A aproximação das narrativas apresentadas a seguir compõem mais um dos movimentos de aproximação e afastamento que compõe a junção das histórias dos nossos interlocutores e das figuras ao qual representam seus nomes ao longo dessa pesquisa. É nesse movimento que tecemos a aproximação entre a história do nosso entrevistado e de Murilo Gonçalves.

Ambos viveram, em alguma medida, a cidade de Pau dos Ferros. Murilo Gonçalves como alguém que se inscreveu no espaço público, foi um dos primeiros homens trans a afirmar sua identidade na cidade. Já nosso interlocutor, com 24 anos, começou a questionar seu gênero a partir de uma disciplina sobre gênero no curso de Psicologia. Diferentemente de Murilo Gonçalves, nosso interlocutor ao qual chamo pelo pseudônimo de Murilo, identifica-se enquanto pessoa não-binária, o único que participou desta pesquisa com esta auto identificação. É alguém que, embora vindo do Ceará, foi na cidade de Pau dos Ferros que vivenciou uma transição em sua formação subjetiva e profissional.

Murilo Gonçalves era segurança em uma empresa de cursinhos preparatórios e, segundo relatos¹⁴ de quem o conheceu de perto, era cativante, extrovertido e querido por muitas pessoas. Estas características ecoam na forma como observo nosso interlocutor: alguém que acolhe, que transita entre pessoas com leveza e zelo, que constrói presença por meio da atenção e cuidado com aqueles ao seu redor.

¹⁴ Entramos em contato com o interlocutor e ele conseguiu as informações com uma amiga próxima que havia também sido amiga de Murilo.

Ambos enfrentaram a transfobia no contexto familiar, como temos a fala do nosso interlocutor a seguir:

Resumidamente, os meus pais basicamente fingem que eu não sou trans [...] eu moro bastante distante deles. Eu ainda falo com eles tenham contato em algum nível. Mas se já existiam distâncias e afastamentos antes da transição, depois só se intensificaram. E é isso. Faz muitos anos que eu não moro com eles e não moro mais na mesma casa que eles e nem na mesma cidade (Murilo, 2025).

Com essa passagem podemos perceber como os códigos da cisgeneridade funcionam como base para construções de relações familiares por meio do silenciamento e da negação. A transição, neste contexto, não inaugura o afastamento, mas o intensifica, mostrando que a transfobia se articula a outros atravessamentos. A mudança de cidade, portanto, aparece como uma estratégia de preservação e de reinvenção de si, diante da impossibilidade de existência dentro do seio familiar.

Então acabou que a gente se afastou [...] O que para mim não necessariamente é desagradável (Murilo, 2025).

É esse um dos pontos que as histórias se distanciam: as estratégias possíveis, ou não, de enfrentamento da transfobia familiar. Nosso interlocutor, ao se afastar da cidade natal e construir sua vida em outro território, encontrou maneiras de continuar vivo e de experimentar outras formas de pertencimento.

Murilo Gonçalves, por sua vez, não teve o mesmo espaço para deslocamentos. Em 04 de janeiro de 2020, Murilo faleceu por suicídio. Em um dos poucos registros encontrados sobre sua vida, um blog sobre pessoas trans menciona: “crescente onda de preconceito que vivenciava no ambiente familiar¹⁵” (Murilo Gonçalves, 2020). Conheci sua história apenas depois de sua morte. Foi pela repercussão da indignação do desrespeito de sua família, inclusive naquele momento da morte. Seu nome, escolhido por ele, ao qual ele viveu e sustentou, insistentemente não foi reconhecido pelas pessoas de sua família.

Murilo Gonçalves tinha seu nome retificado em documentos oficiais. Segundo os relatos que conseguimos, mesmo que ele não escondesse que era um homem trans, muitas pessoas desconheciam sua identidade de gênero. Após sua morte, no entanto, a forma como sua identidade foi tratada foi marcada por extrema violência e transfobia, principalmente pela forma que sua morte foi anunciada na cidade: um

¹⁵ A frase não foi incluída por completo por conter informações sensíveis e que expõem Murilo de forma desnecessária para a construção da pesquisa.

carro de som com anúncios fúnebres, informando o falecimento, o local do velório e do sepultamento, é uma prática comum na região.

No caso de Murilo Gonçalves, o anúncio foi feito de maneira transfóbica: além de usarem pronomes femininos, anunciaram-no como “Murila”, uma versão distorcida do seu nome retificado. Segundo a amiga do interlocutor que compartilhou o fato, é provável que não soubessem seu nome anterior e, ainda assim, escolheram desrespeitá-lo de forma intencional.

Quem celebrou o velório, e me apresentou Murilo Gonçalves, foi um seminarista natural de Pau dos Ferros que havia sido meu professor no ensino médio e meu amigo, e que faleceu alguns anos depois, poucos meses após ser ordenado padre, aos 27 anos. Na ocasião, contou-me que fez questão de nomeá-lo corretamente naquele momento, diante de todos, como um gesto de luta, resistência, dignidade e respeito.

Mas, esse não foi o último gesto. Durante sua vida, pessoas próximas o descrevem como alguém respeitoso, de boa energia e resiliente, pois mesmo tendo vivido muitas violências, seguia lutando. Os ‘Murilos’ a quem me refiro nesta pesquisa não se conheceram em vida. Todavia, o Murilo interlocutor, ao construir comigo essa retomada da história de Murilo Gonçalves, contou que passou a tê-lo como referência transmasculina após ouvir os relatos sobre sua trajetória e presença. Isso torna muito significativo, pessoalmente para ele, o gesto político-afetivo de escolher seu nome como pseudônimo para estar na dissertação.

Hoje, o Ambulatório Estadual de Saúde Integral para a População Transexual e Travesti do RN – Murilo Gonçalves (Natal-RN) tem o nome de Murilo como forma de homenagem, assim como uma Associação Murilo Gonçalves, sediada em Pau dos Ferros. Esses espaços carregam, institucionalmente, a marca de sua memória. No entanto, sua história de vida, suas lutas e a violência que sofreu permanecem sem registros publicados até onde nossa pesquisa alcançou.

Nenhuma notícia, nenhum memorial, nenhum registro oficial recupera quem foi Murilo Gonçalves para além do nome gravado nessas instituições. As informações que compõem esse trecho foram através de conversas que o interlocutor teve com amigos próximos que conheceram Murilo Gonçalves.



Figura 3 – Murilo Gonçalves

Fonte: (Murilo Gonçalves, 2020)

Na volta ao hotel, optei por não acompanhar o grupo que saiu para um bar e permaneci em conversa com uma mulher trans mais velha, que compartilhou experiências sobre o processo de transição em São Paulo, ainda sob o regime de normas biomédicas rígidas.

Segundo ela, as terapias — psicológicas, psiquiátricas, hormonais e cirúrgicas — eram conduzidas em espaços como o grupo, ainda em fase de estudo. Um ponto que me atravessou foi sua observação sobre as diferentes posturas entre homens trans e mulheres trans após a realização da cirurgia genital. Enquanto muitas mulheres trans tornavam público seu processo, por meio da mídia e das redes sociais, os homens trans, mesmo realizando faloplastias, mantinham esse processo em sigilo, afastando-se de grupos e, em alguns casos, tornando-se incontactáveis até mesmo pelas redes sociais.

Essa diferença de exposição e circulação de narrativas talvez ajude a compreender por que tantos homens trans hoje acreditam que essas cirurgias ainda não são realizadas no país — algo que aparece com frequência nas falas de alguns interlocutores nossos. Isso se relaciona diretamente com a complexidade da

[Digite aqui]

passabilidade, já discutida anteriormente por Banke e Tenório (2021) e por Tenório (2021), e que podemos revisitar como um elemento estruturante da forma como a informação não era publicizada.

Como afirmam os autores, “Aos corpos com vagina e útero sempre foram negados o poder e a autônima” (Banke; Tenório, 2021, p.20), o que ajuda a perceber como discursos e experiências podem, ou não, ser vividas por esses corpos, que são frequentemente silenciados, enquanto sua exposição pública, especialmente no que diz respeito ao corpo e as experiências sexuais, que devem ser mantidas no limite do mínimo possível. Trata-se da dinâmica história e social evidenciada pelos autores, que visa controle não só a presença desses corpos nos espaços públicos, mas também a forma como podem ou não narrar suas vivências (Banke; Tenório, 2021).

Assim, quando certos procedimentos como cirurgias, se tornam menos visíveis e pouco debatidas publicamente, percebemos as formas como as experiências individuais são compartilhadas, ou não, em função dessas tensões. A passabilidade, portanto, não regula apenas a maneira como corpos transmasculinos são lidos socialmente (Banke, Tenório, 2021), mas também, suas interferências na transmissão de saberes e experiências sobre o que é possível ou desejável na transição.

26/01/2025 – Portalegre

Neste dia, a atividade da jornada foi a visitou a Cachoeira do Pinga, localizada na cidade de Portalegre. Com 7.909 habitantes (Prefeitura de Portalegre, [s. d.]), destaca-se no setor de serviços, incluindo comércio e um crescente turismo devido ao seu clima ameno e belezas naturais. Um desses pontos, considerado um dos seus maiores tesouros naturais, é a Cachoeira do Pinga (Prefeitura de Portalegre, [s. d.]), considerada a maior cachoeira perene do estado, com 96 metros de altura. Além disto, o município se destaca por ter uma das maiores concentrações de população e comunidade de remanescentes quilombolas do Rio Grande do Norte (Beladin, 2024).

Foi a primeira vez que tomei banho sem camisa após a minha cirurgia de mastectomia. Estar com outros corpos considerados dissidentes pelos códigos cisheteronorma, me fez sentir seguro, forte e pertencente. Embora os olhares,

[Digite aqui]

piadas e comentários dirigidos às mulheres trans e travestis estivessem presentes, ali, entre pares, algo diferente se deu: nossa presença coletiva parecia mais forte que os incômodos externos.

Essa sensação de segurança compartilhada ecoa a noção de identificação proposta por (Hall; Woodward; Silva, 2014), onde o encontro entre sujeitos trans em espaços de solidariedade produz afetos que modificam e possibilitam a desterritorialização e reterritorialização (Enes; Bicalho, 2014) para além do estabelecido pelos códigos da cisheteronormatividade.

Naquele momento, formou-se entre nós uma rede de entrelaçamento de presenças que, mesmo diante de tensões externas, criava um ambiente de confiança, escuta e liberdade. Sentíamo-nos mais seguros por estarmos juntos. Juntos, deixamos de ser apenas visíveis para sermos reconhecíveis entre nós.

Desta forma, criávamos ali um campo de representações outras (Hall; Woodward; Silva, 2014), no qual produzíamos ativamente, negociando sentidos, reconfigurando marcadores e investindo desejos em novas formas de reinvenção coletiva na experiência com nossas possíveis identidades. Como dizem os autores:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Hall; Woodward; Silva, 2014, p.18).

Não há identificação possível sem a existência prévia de posições representativas disponíveis. As linguagens, imagens e discursos funcionam como sistemas simbólicos que classificam, organizam e distribuem sentidos sobre quem se pode ser. Esses sistemas não apenas dizem algo sobre o mundo, mas, produzem o mundo (Hall; Woodward; Silva, 2014). A representação, nesse sentido, não apenas reflete a realidade: ela a constitui, definindo quem está dentro ou fora do possível do existir.

Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 112) fazem uma importante observação nesse sentido:

Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja “convocado”, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral.

Nessa passagem, os autores fazem uma crítica a visão de Michael Foucault de que o sujeito seria passivo diante das construções de identidade, onde o sujeito

[Digite aqui]

seria “simplesmente um corpo sexualizado dócil”, (Hall; Woodward; Silva, 2014, p.125), dentro da perspectiva dos autores as teorias de Foucault, assim como as de Marx e Althusser, são vistas como eficazes em descrever como os indivíduos são “convocados” ou “recrutados” para ocupar seus lugares através de estruturas discursivas. Nas palavras dos autores:

Se uma suturação eficaz do sujeito a uma posição-de-sujeito exige não apenas que o sujeito seja “convocado”, mas que o sujeito invista naquela posição, então a suturação tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral (Hall; Woodward; Silva, 2014, p.112, grifo original).

Quando pensamos essa discussão dentro do contexto das identidades trans, é possível dialogar com uma entrevista de Jaqueline de Jesus (Lisboa, 2023), onde ela apresenta a importância de enxergar a população trans em sua potência, e não apenas como vítima de violência e vulnerabilidade. Essa modificação de representações vem sendo disputada pelas transgeneridades e teóricos dos estudos *Queer* nos últimos anos.

Naquele dia, mesmo diante de um sentimento comum de pertencimento, ficou evidente como os atravessamentos são distintos, especialmente nas violências mais direcionadas às mulheres trans e travestis negras presentes na cachoeira. Ainda assim, foi por meio da rede construída entre nós que foi possível sustentar essa reterritorialização (Enes; Bicalho, 2014).

Mais do que um momento de lazer, a tarde na Cachoeira do Pinga se inscreve neste trabalho, e na minha trajetória pessoal, como uma experiência em que a visibilidade pode ser ressignificada a partir de vínculos e ocupação de espaços de forma coletiva. Estar ali, entre corpos como o meu, mesmo que com diferenças, permitiu um processo de identificação e subjetivação, onde as representações foram desterritorializadas a partir de um reconhecimento outro, e no outro. Foi nesse contexto que a narrativa de representação dos corpos trans deixou de ser um lugar inseguro, que deve ser escondido, e passou a ser um lugar de reafirmação, conforto e negociação das nossas existências.

27/01/2025 – Jardim do Seridó

Jardim do Seridó é uma cidade compõe a Região do Seridó potiguar. Com uma população estimada em 11.952 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s. d.]), tem a economia ligada a agropecuária, especialmente à criação

[Digite aqui]

de gado. Outro ponto forte é o artesanato local, com peças em couro e bordado (História, [s. d.]).

A experiência em Jardim do Seridó foi marcada por silêncios e ausências durante nossa passagem pela cidade. Diferente de outros momentos da jornada, ali não havia presença de pessoas trans da comunidade local. Apesar do esforço de duas profissionais comprometidas que nos receberam com acolhimento e tentaram mobilizar a cidade, permanecemos praticamente só entre nós, da caravana. O espaço disponibilizado, um equipamento público no centro da cidade, estava preparado para receber a todos, mas não foi ocupado.

Mesmo assim, decidimos realizar a atividade cultural no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) ao final da tarde. Passamos boa parte do dia tentando mobilizar a comunidade local: fomos ao mercado da cidade e entramos em contato com a rádio para anunciar a programação.

Uma das integrantes da caravana, artista e nascida ali, ainda que há mais de trinta anos estivesse fora cidade, apresentou-se pela primeira vez naquele território, diante de familiares, conhecidos e amigos de longa data. Esse encontro pequeno, mas cheio de camadas, foi um dos poucos momentos que a visibilidade se materializou como algo mais do que presença. Ainda assim, faltava algo fundamental: a troca entre pares para a construção de redes de pertencimento.

A ausência de pessoas trans da cidade no evento proposto, a baixa adesão da comunidade LGBTQIA+ como um todo e, sobretudo, o desconforto que emergiu ao ouvir comentários de uma profissional presente que se referenciou a um homem trans da cidade pelo seu nome morto e o descreveu como “era mulher [cis] e agora quer ser homem”, indicam uma visibilidade insegura das pessoas trans locais.

Se em Portalegre a presença coletiva entre corpos dissidentes transformou a visibilidade em afirmação e força, em Jardim do Seridó o que se evidenciou foi a falta de articulação prévia. Além disso, a experiência na referida cidade, também pode ser articulada com o que Jaqueline de Jesus e Marcelle Esteves apresentam em sua entrevista à Agência Brasil (Lisboa, 2023): a visibilidade sem pertencimento é insuficiente. Não basta chegar com uma proposta de atividade ou ocupar um espaço institucional, é preciso cultivar presença, criar vínculos, escutar os territórios antes de propor algo a eles.

A experiência em Jardim do Seridó não foi em vão. Precisamos nos fazer mais presentes na cidade e buscar articular junto com seus moradores formas efetivas de construções coletivas. Sem nos vermos uns nos outros, corremos o risco de não existirmos ou de sermos apenas tolerados ao invés de reconhecidos.

28/01/2025 – Currais Novos

Currais Novos é um município importante no Seridó Potiguar. Com 42.934 habitantes (Currais Novos, [s. d.]), é um polo de comércio, com forte legado na mineração e na pecuária. Sua cultura é marcada pela tradicional Festa de Sant’Ana.

A passagem por Currais Novos aprofunda a reflexão sobre os limites das representações políticas, quando elas não são acompanhadas de escuta ativa e articulação com as pessoas diretamente implicadas nas pautas discutidas, como apresentado anteriormente e discutido no cenário de Pau dos Ferros.

Foi a primeira vez que a jornada esteve na cidade, assim como em Jardim do Seridó, e apesar dos esforços prévios de articulação e da presença de pessoas trans locais nas reuniões preparatórias, nenhuma delas esteve presente na programação do evento.

A atividade realizada foi uma roda de conversa na Câmara Municipal, contando com a participação apenas dos integrantes da caravana e de alguns representantes políticos da cidade, sendo o presidente da Câmara o único que se declarou parte da comunidade LGBTQIA+, embora sua atuação tenha sido limitada naquele momento sob o argumento de outras responsabilidades institucionais.

Essa configuração deslocou o centro da condução da atividade para dois grupos: pessoas externas à cidade e pessoas externas à comunidade LGBTQIA+, o que refletiu na forma com que a roda de conversa se desenvolveu. Ainda assim, o encontro proporcionou trocas significativas sobre políticas públicas locais voltadas à população trans e travesti, por meio do compartilhamento de experiências de outras cidades visitadas pela caravana.

Esse cenário atualiza os alertas de Facchini (2009) sobre o perigo de uma política baseada na essencialização das identidades, posto que, ainda que o evento tenha contado com a presença de pessoas trans e de pessoas da própria cidade, não houve representação de pessoas trans locais.

Mais do que a simples ausência de representantes trans na roda de conversa, o que se evidenciou em Currais Novos foi a exclusão da articulação das pessoas trans que vivenciam cotidianamente as relações, tensões, fragilidades e particularidades daquele território. Essa ausência comprometeu a possibilidade de uma escuta situada, que levasse em conta os atravessamentos concretos da cidade e as formas específicas com que a transfobia, a exclusão e as resistências se manifestam ali.

29/01/2025 – Natal

Natal é a capital do Rio Grande do Norte, é a cidade mais importante do estado em termos populacionais, econômicos e políticos. Com uma estimativa populacional de 785.368 habitantes, a partir do censo de 2024 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s. d.]), a cidade se destaca principalmente pelo turismo, impulsionado por suas famosas praias e pela gastronomia.

A maioria dos integrantes da caravana era residente da cidade, e por isso não houve necessidade de hospedagem coletiva. Na parte da manhã, acompanhei uma amiga no evento do programa Transcidadania municipal. Durante a tarde participamos do lançamento da segunda turma do referido programa, que foi uma das atividades que compôs a VII Jornada na capital do Rio Grande do Norte. Observei que, em ambos os espaços, a maioria das pessoas trans presentes eram mulheres trans e travestis.

Fui convidado a compor a mesa de abertura, algo que frequentemente acontece em razão da narrativa de que homens trans não desejam ocupar tais espaços. Em minha fala, destaquei a importância de que outras pessoas também ocupem esse lugar de visibilidade — não para que haja uma representação única, mas, para que existam múltiplas referências possíveis.

Foi nesse dia que conheci dois interlocutores da pesquisa: Nicholas e Jhonatan, que são melhores amigos. Pediram para realizar a entrevista juntos, para usar seus nomes próprios, e optaram por não gravar imagem, apenas áudio, o que foi respeitado integralmente.

Suas trajetórias, apesar de próximas, evidenciaram diferenças significativas, mesmo iniciando a hormonização ao mesmo tempo. Jhonatan se percebeu como um homem trans a partir do olhar de alguém que estava perto:

[Digite aqui]

No meu caso, até então, só, nem conheci um homem trans. Só que aí a minha ex-namorada falou: Cara, ela me testou sem eu saber e ela fez: Oh! Você é um homem trans. É isso aqui, isso aqui. Me mostrou o vídeo sobre, me mostrou, pesquisei sobre. E aí eu falei: É, bate. E aí foi assim (Jhonatan, 2025).

As identidades não são apenas escolhas individuais, mas são constantemente moldadas e interpretadas por um complexo entrelaçamento de sistemas simbólicos, práticas sociais, discursos e sistemas que definem e redefinem quem somos em relação aos outros, tanto por nós quanto para o mundo exterior (Hall; Woodward; Silva, 2014). Até então, ele achava que se identificar como lésbica explicava o que sentia, mas, percebeu que isso se dava porque não conhecia outra forma de se nomear. A partir dali o percurso da transição foi sendo trilhado:

Eu fui cortando primeiro cabelo, depois eu fui usando uma roupa ou outra, e aí meus amigos foram mudando de roupa e eu fui aos poucos. E depois foi escolhendo o nome e aí trocando com o nome neutro, depois metade de meu nome e trocando até escolher o Jhonatan [...] Até que chegou o momento, depois que a gente tomou hormônio, já sabia nome, já sabia tudo, já estava praticamente todo mudado e aí foi trocando rapidamente de nome. E aí, pronto, já foi todo o processo (Jhonatan, 2025).

Nesse trecho podemos identificar uma ideia de processo de transição que este se daria de forma “progressiva, gradual e coerente”, além de destacar a importância da performance cotidiana na construção identitária. Pequenos gestos vão servindo de alicerce para a composição da trajetória de afirmação da identidade de Jhonatan, que vai ganhando complexidade e intensidade à medida que ele vai se sentindo seguro e reconhecido.

No entanto, ao narrar sua transição como um processo conhecido e linear, evidencia-se uma conformação a um modelo normativo de transição. Essa linearidade dialoga com uma narrativa biomédica de adequação da transgeneridade à cisheteronorma, baseada na mudança corporal e na estabilização de um nome e identidade. Tal narrativa funciona como um roteiro legitimado socialmente, que modula os desejos e escolhas de pessoas trans, orientando o que é considerado um processo “completo” ou “bem-sucedido”. Ao apresentar essa trajetória como algo que se fecha, produz um ideal que nem sempre corresponde à multiplicidade de experiências transmasculinas, mas que é constantemente reforçado como expectativas, inclusive pelos custos de não a reforçar:

Como eu não tinha barba nem nada assim [...] E aí já viu, né? Me tratar no feminino, falando meu nome e tal. E ainda tem aquelas coisas de “ela” ou “moça”, “licença não sei o quê”. Não, não fala. “Ah, deixa a moça”. Alguma coisa assim (Jhonathan, 2025).

[Digite aqui]

Com esse tipo de narrativa é possível perceber como o desejo por determinados traços masculinos não surge de maneira isolada ou puramente individual, mas é, em partes, moldado pela constante frustração de ser deslegitimado, desconhecido e erradamente nomeado socialmente. A cisheteronormatividade opera aqui como um dispositivo de modulação de desejo, estabelecendo quais atributos são considerados legítimos para a masculinidade e, portanto, quais são desejáveis ou necessários para que uma identidade transmasculina seja reconhecida e validada.

Podemos identificar também, na passagem anterior (“depois que a gente tomou o hormônio”), um movimento coletivo implicado no percurso. O uso do plural indica a presença de um outro, outro esse que se fez rede de apoio e força. Esse outro que divide esse lugar com Jhonatan é Nicholas, que, mesmo passando por sua própria travessia, ao acompanhar e ser acompanhado por seu amigo, preferiu seguir um outro caminho.

Uma das diferenças entre as travessias dos amigos é que Nicholas descreve sua transição como rápida e intensa: “Acho que um ano depois de entender tudo, eu já comecei com hormônio e depois de um, acho que com um ano e pouco, eu já fiz a cirurgia também” (Nicholas, 2025). Sua fala apresenta um tom de urgência e definição, como se, uma vez compreendida sua identidade, houvesse uma necessidade imediata de alinhar o corpo ao que ele reconhecia como seu. Nicholas é mais objetivo nas suas falas, mas, é possível perceber uma história densa em enfrentamentos.

Eles se chamam de amigos, todavia, extrapolam o sentido convencional da amizade. São família construída e escolhida, cumplicidade forjada no cotidiano da transição, nas partilhas de dor e conquistas, nas superações do corpo e da vida.

Nicholas foi quem cuidou de Jhonatan na cirurgia, o alimentou, deu apoio, pesquisou sobre o pós-operatório. Jhonatan (2025) fala dele com ternura: “Ele e Letícia¹⁶ são a minha família”. Nicholas (2025) retribui: “Me acolheram. Nunca me senti assim com ninguém”. Ambos falam das dores de viver como pessoas trans num mundo que constantemente as recusam: “Você paga com a alma” (Nicholas, 2025); “Você sofre tudo. Não tem lugar nenhum”, Jhonatan (2025) concorda.

¹⁶ Nome fictício para respeitar a identidade da pessoa citada.
[Digite aqui]

A conversa dos dois durante a entrevista é fluida, cheia de provocações carinhosas, comentários entrecortados, risadas abafadas. Nicholas faz piadas ácidas, Jhonatan o interrompe para suavizar. Se completam nas falas. É como se, juntos, conseguissem dizer o que, sozinhos, talvez calassem.

Neste mesmo dia, também planejava entrevistar Anderson, homem trans de Santa Cruz e integrante da jornada. No entanto, o contexto coletivo não favoreceu um momento de escuta mais íntimo. No fim do dia, percebi que havia ali uma dificuldade sua em se conectar com outros homens trans, algo que apareceria na entrevista realizada posteriormente.

13/04/2025 – Santa Cruz

Após muitos desencontros, consegui realizar a entrevista com Anderson Bigode em sua cidade, acompanhado da minha orientadora. Diferente do que imaginei a partir de suas reservas anteriores, ele se mostrou aberto e sincero. Compartilhou intensamente suas vivências, inclusive os impactos de episódios recentes que vivenciou durante a Jornada.

Santa Cruz, é uma das cidades localizadas no Agreste Potiguar, possui cerca de 38.000 habitantes, a partir do censo de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s. d.]). A cidade se destaca pelo turismo religioso, impulsionado pela Estátua de Santa Rita de Cássia, recebendo o título de maior estátua católica do mundo (Estatua de Santa Rita de Cássia, [s. d.]).

Nosso atual interlocutor traz um diferencial singular na pesquisa de trajetórias transmasculinas: ser um artista autodidata e ativista comunitário, cujo codinome nesta dissertação será Anderson para preservar seu sigilo. Vejamos como ele conta-nos o começo de sua história:

Eu me via igual aos meninos, meus amigos, eu me via, querendo ou não. Pode ser uma brincadeira, mas eu, mesmo sem saber, mas, eu me via tendo barba assim, eu achava muito massa os meninos falar da barba assim: "Ai, tô usando isso". Aquilo me encantava de uma forma que eu não entendia, era uma confusão, né? (Anderson, 2025).

A fala do nosso interlocutor pode ser lida como um momento sensível de sua experiência em que a identidade de gênero se apresenta de forma subversiva ao Sistema normativo vigente. Mesmo sentindo o descompasso entre o gênero socialmente imposto desde muito jovem, foi aos 26 anos que o participante conseguiu dar lugar e nomear sua transgeneridade:

[Digite aqui]

É, foi depois da ida da associação que eu me descobri. Foi daí, desse desfile [Desfile do Dia da Visibilidade Trans], que antigamente a gente não tinha muita informação, né? E então eu me identificava como lésbica, que era a única informação, a informação que eu tinha era o que eu sentia, né? Eu sentia atração por meninas, então era a única. Era gay, né? Bi e lésbica. Então eu me encaixei como lésbica. Aí foi daí. Nesse desfile, uma amiga minha, Luana¹⁷, que é a vice-presidente, me chamou para desfilar que não tinha representante de meninos trans (Anderson, 2025).

Essa passagem da entrevista evidencia o processo de descoberta identitária atravessada pela pouca informação e referências. Inicialmente, o desejo por meninas é interpretado dentro do regime da sexualidade, levando à identificação como lésbica, o que mostra a redução das possibilidades de existência fora dos parâmetros binários cisheteronormativos. No entanto, a entrada em um espaço coletivo e o contato com outras pessoas trans desestabilizam essa narrativa anterior e possibilitam a emergência de uma identidade transmasculina.

Isso se dá pois, como defendido por Hall, Woodward e Tadeu (2014), as identidades são o resultado de processos dinâmicos onde as condições materiais e os sistemas simbólicos do mundo externo oferecem “posições-de-sujeito” (Hall; Woodward; Silva, 2014, p.112) e limites, mas os indivíduos ativamente negociam, investem e, por vezes, resistem a essas posições, (re)construindo suas identidades através dos processos sociais, simbólicos e psíquicos.

Desde então, e agora aos 34 anos, seu ativismo o levou a realizar ações em escolas públicas e acolher meninos trans que chegam sem saber por onde começar. Esse gesto de acolhimento não é apenas uma extensão de sua trajetória, mas, também a reafirmação da importância dos espaços coletivos como lugares de produção de existência. Ao acolher quem chega, nosso interlocutor também reatualiza a própria caminhada e reinscreve sua experiência numa rede de continuidade transmasculina.

Sua luta se inscreve na resistência transmasculinas que, mesmo diante da invisibilização histórica, continua a pulsar. É nessa tentativa de manter viva a memória e nas aproximações de luta coletiva da história do nosso interlocutor que escolho nomeá-lo Anderson. Homenageio assim Anderson Herzer, jovem trans que, em meados de 1980, ousou escrever por si e por tantos outros que, como ele, foram marcados pela exclusão, pela institucionalização e pelo desejo de viver sua

¹⁷ Nome fictício para respeitar a identidade da pessoa citada.
[Digite aqui]

liberdade. O gesto de nomeá-lo aqui, é também gesto de memória, de justiça e de continuidade.

Herzer nasceu em Rolândia, Paraná, no dia 10 de junho de 1962. Aos 14 anos, foi enviado à Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM) de São Paulo, onde experimentou as duras condicionantes do sistema socioeducativo. Entre grades e muros, encontrou – na escrita – um território de liberdade. No interior da FEBEM, adotou o nome Anderson Bigode Herzer. Ali também leu seus primeiros poemas em voz alta, em busca de resistir ao silêncio institucional.

Convidado a estagiar no gabinete do então deputado estadual paulista Eduardo Suplicy, teve seu talento reconhecido. Ao falar de Herzer, Suplicy comenta: “Herzer tinha uma grande sensibilidade e percepção do mundo que conhecera. A sua dificuldade era ser aceito do seu jeito” (Suplicy, 2021, n.p.).

Entre 1979 e 1982, compôs poemas e fragmentos de prosa que, reunidos postumamente em *A Queda para o Alto* (1982), formaram um dos primeiros relatos autobiográficos de um homem trans no Brasil. Partiu prematuramente em 10 de agosto de 1982, no Viaduto 23 de Maio da capital paulistana, deixando um legado de versos:

Talento silenciado pela falta de oportunidade, um ser sensível e afetivo envolto num contexto de violências e abuso institucional, estrutural e cultural. Como homem trans, seu desespero tinha um viés a mais, a ordem repressiva para com as identidades autopercebidas, o que agilizou seu trágico fim (Domínguez, 2019, n.p.).

A vida e a morte de Anderson Herzer nos permitem refletir o quanto a cisheteronormatividade é um regime de morte. A sua escrita, ainda que sufocada pelo contexto, permanece como testemunho e ferramenta de luta, ecoando na trajetória de homens trans que hoje seguem criando modos de existir.

O codinome evoca a potência da escrita como território de liberdade. Ambos conheceram o silenciamento e, ainda assim, teceram redes de acolhimento no ativismo e na política. Eles também clamaram por visibilidade através da arte, transformando prosa, poesia e desenhos em armas contra a transfobia. Foi diante dessas ressonâncias que me reconheci enquanto pesquisador: chorei, como a comunidade transmasculina, ao gravar dores que parecem corriqueiras, mas que ecoam fundo, lembrando-nos da urgência de honrar cada história.



Figura 4 -Anderson Herzer

Fonte: (Mazzoto, 2021)

A partir desse reavivar de trajetórias, assumo como nossa tarefa metodológica, na cartografia de afetos e vozes, repetir o nome Anderson Bigode Herzer, Murilo Gonçalves, Paulo Vaz e João W. Nery, assim como aqueles que ainda em vida constroem diariamente sua história, a história das transmasculinidades, principalmente no Rio Grande do Norte, assim como construíram essa pesquisa, que são: Jhonatan e Nicholas. Dedicamos, portanto, este espaço para registrar suas histórias, contribuindo para que cada essas histórias continuem a ser lidas, lembradas e habitadas pelas gerações que virão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa travessia chega ao itinerário quando é o momento de finalizar. Aqui, podemos dizer que algumas respostas são possíveis (porém sabemos, temporárias e nada definitivas) para as inquietações iniciais e para aquelas que foram surgindo ao longo do percurso.

A hipótese de que as transmasculinidades possuíam pistas para compreender o que as levam a viver, em sua maioria, sua transição de forma introspectiva e a recorrência de rompimentos de vínculos familiares e sociais, não encontrou resposta diretamente nem no objetivo geral, qual seja: Discutir as experiências na travessia para a construção de identidades de homens trans e pessoas transmasculinas; nem nos objetivos específicos: 1) Discutir quais as representações de masculinidades
[Digite aqui]

são referências no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas; 2) Analisar as ressonâncias da convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas; 3) Problematizar as possibilidades de construir-se para além das limitações da cisheteronormatividade.

Contudo, respostas foram sendo construídas a partir da identificação de pistas tanto ao longo da pesquisa de campo como também nas diversas referências teóricas visitadas ao longo da pesquisa. Portanto, será a partir da explicação ao leitor de como essa hipótese funciona enquanto uma linha que interliga os pontos desta cartografia, que irei tecer essas considerações finais.

Poder me guiar pelas pistas da cartografia apresentadas em nossa metodologia foi o ponto de partida crucial para que essa hipótese estivesse sempre ali. Como foi possível ver na justificativa, a busca por essas pistas não surgiu a partir do mestrado, mas, o mestrado emergiu para mim como uma possibilidade de caminho para identificar essas pistas.

A partir da cartografia como metodologia pude construir muitos mapas, dos discursos, das memórias, das experiências, das teorias, dos dispositivos, além de todas as ramificações e conexões que cada um desses aspectos constituía entre si, entendendo-os como possíveis de si tornarem outros. Porém, sei que por mais que tentasse considerar tudo o que tinha, todos esses mapas passam por um mesmo ponto: o presente autor. Dessa forma, todos os mapas aqui apresentados foram construídos a partir do meu olhar, da minha forma de conectar cada um e construir suas análises.

No capítulo um, quando discutimos quais as representações de masculinidade são referências no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas, percebemos que as referências são usadas de formas parciais, contraditórias e até mesmo completamente rejeitadas. Partimos de uma crítica ao modelo universal de sujeito masculino dominante nas ciências e, até mesmo, na própria narrativa ocidental, amplificando a influência da cisheteronormatividade, da violência e das normas rígidas e excludentes na construção dessas representações.

A partir das narrativas construídas junto aos interlocutores da pesquisa, percebeu-se que as referências mais acessíveis de masculinidade são frequentemente marcadas por elementos negativos, como agressividade, rigidez e controle, sendo muitas vezes questionadas, recusadas e resignificadas.

[Digite aqui]

Na construção desse capítulo, um dos insights mais significativos, enquanto pessoa e enquanto pesquisador, foi a dos marcadores somatopolíticos, especialmente como a voz grossa, a barba - a partir de Preciado (2023) - e a ausência de seios – a partir das experiências vividas pelos nossos interlocutores e pelo pesquisador. Tais marcadores atuam com intensidade na regulação do reconhecimento social binário. Esses elementos operam como dispositivos centrais na validação pública do gênero, estabelecendo limites rigidez entre o que socialmente se entende como masculino e aquilo que é percebido como feminino.

Dessa forma, esses signos corporais tornam-se critérios cotidianamente acessados para assegurar a identificação e a legitimidade da identidade masculina, funcionando não só como símbolos de pertencimento, mas, também como forma de distanciamento explícito do feminino, estabelecido como ameaça constante à validação dessa masculinidade. Através da mobilização das contribuições teóricas dos autores, apresentamos o gênero enquanto uma construção relacional, discursiva e tecnocultural.

Discutimos ainda a passabilidade enquanto campo de conflito entre desejos individuais e expectativas sociais cisheteronormativas, guiados pelas tensões, pressões e custos emocionais que nossos interlocutores nos apresentaram em suas buscas por uma identidade masculina. Embora não exista modelo específico ou universal, os interlocutores nos apresentaram suas trajetórias de construção própria de referências em meio a um conjunto complexo de afetos, resistências e negociações, permitindo-nos afirmar que a masculinidade constitui um território em permanente atualização e disputa.

Porém, qual seria a relação de tudo isso com a hipótese que temos como guia? Observou-se que as limitações das referências disponíveis, aliadas às exigências impostas pelos signos sociais cisheteronormativos e a negociação constante destes como forma de (re)existência e sobrevivência diante das pressões e cobranças sociais, contribui significativamente para que as pessoas transmasculinas vivenciem suas jornadas de transição de maneira introspectiva.

No segundo capítulo, analisamos as ressonâncias da convivência entre homens trans e pessoas transmasculinas, explorando como os vínculos de amizade, relacionamentos sexuais-afetivos e espaços de luta se tornam centrais na produção

de modos de vida e identidades que rompem com o isolamento cultural e historicamente imposto aos corpos transmasculinos.

Essa introspecção não é um simples isolamento passivo, ela é construída como alternativa para as violências sistemáticas, à invisibilidade e à pressão constante por conformidade à cisheteronormatividade. No entanto, embora esse reconhecimento possa se apresentar como estratégia de proteção e cuidado de si, os relatos reunidos neste capítulo apontam, sobretudo, para a urgência e a potência de superá-lo. São nas relações construídas entre homens trans e pessoas transmasculinas, nos laços de amizade, nas famílias escolhidas e nos afetos compartilhados, que se abrem caminhos de reinvenção subjetiva e de construção coletiva de modos de vida que rompem com o isolamento historicamente imposto.

A escolha de João pelo “anonimato cotidiano”, após anos de exposição na militância, ilustra como o recolhimento pode ser um gesto necessário para preservar a sua existência diante do cansaço gerado pelas violências simbólicas e pelos constantes questionamentos externos. A invisibilidade, nesse caso, aparece não como negação de identidade, mas, como defesa diante do desgaste causado pelas violências.

No entanto, outros relatos demonstram que é justamente o encontro com seus pares que possibilita o acontecer da confiança, o fortalecimento das trajetórias e a produção de sentidos para a transição. A relação entre Nicholas e Jhonatan, por exemplo, oferece uma imagem potente de família escolhida, em que o cuidado, o afeto e o apoio mútuo substituem as ausências da família primária, biológica ou não. Essa experiência não apenas sustenta o processo de transição, como reafirma a importância de vínculos que reconhecem e validam identidades dissidentes da cisheteronorma.

Ainda assim, as marcas do cansaço diante das pressões e cobranças de uma sociedade cisheteronormativa aparecem na fala de Jhonatan, que compartilha sua frustração ao ser constantemente questionado sobre sua identidade de gênero, enquanto seu amigo Nicholas era mais prontamente reconhecido como homem. Esse tipo de sofrimento, ao invés de encontrar solução no silêncio individual, encontra alívio e elaboração nos espaços compartilhados de escuta e troca entre pares. As amizades e os afetos transmasculinos, longe de serem apenas companhias no percurso, tornam-se dispositivos de criação de novas formas de

existir, deslocando o foco da validação externa para a produção coletiva de subjetividade.

O capítulo também aponta limites nos espaços de militância, que nem sempre acolhem as experiências transmasculinas, principalmente no seu início, podendo inclusive reproduzir hierarquias internas e expectativas rígidas de identidade. Ainda assim, esses desencontros não anulam o desejo de pertencimento, porém, impulsionam formas alternativas de construção coletiva entre pares.

Também foi denunciada a ausência de casais transcêntricos, principalmente entre homens trans, representado nesta pesquisa, anunciando experiências em que houve a reprodução de transfobias e alinhamentos com a cisheteronormatividade. Entretanto, há outras experiências que são exemplos de parceria e acolhimento que possibilita outros modos de vida, pois se baseiam na escuta, confiança e cuidado.

Assim, o capítulo aponta que nas relações entre pessoas transmasculinas se encontra um terreno fértil para a produção de subjetividades coletivas e modos de vida mais potentes. Superar o silêncio e o isolamento, construindo laços entre pares, é apresentado como um caminho político e afetivo de resistência à cisheteronormatividade e de afirmação de existências outras.

Com o terceiro capítulo, buscamos problematizar as possibilidades de construir-se para além das limitações da cisheteronormatividade. Para sua construção partimos da VII Jornada da Visibilidade Trans (2025), que traça seu percurso atravessando diferentes cidades do Rio Grande do Norte. Dessa forma, foi possível construir linhas de força para cartografar como a cisheteronormatividade opera na exclusão, nas disputas internas ao movimento LGBTQIA+ e nas dificuldades institucionais enfrentadas pelas pessoas trans. Os diálogos construídos ao longo da Jornada permitiram identificar estratégias diversas de subversão e resistência às normas cisheteronormativas, alicerçando formas múltiplas de existência a partir das desterritorializações e reterritorializações.

Neste capítulo, a leitura de Banke e Tenório (2021) nos possibilitou o encontro com algumas pistas que se alinham a nossa hipótese, ao apontar que para a consolidação de um movimento social das transmasculinidades, é necessário considerar também a construção de redes afetivas e de cuidado.

A experiência coletiva construída ao longo da VII Jornada da Visibilidade Trans, somou-se a narrativa bibliográfica dos autores, além das experiências e

[Digite aqui]

memórias compartilhadas por nossos interlocutores, evidenciando momentos de identificação e reconhecimento mútuo, ressoando sua potência no fortalecimento de vínculos entre pessoas trans, fazendo-se um espaço de segurança, reconhecimento mútuo e pertencimento, características necessárias para romper as barreiras impostas pela cisheteronormatividade.

Esta pesquisa nasceu de um incômodo ao mesmo tempo individual e coletivo. A iniciei carregando as minhas próprias experiências como lente e matéria viva, consciente do meu corpo e minhas memórias. Onde nada disso se colocava como obstáculo para a produção do conhecimento, mas territórios férteis para propor outros. Cheguei movido pela minha urgência de nomear ausências, de romper silêncios e de construir, nos fios que conectam histórias singulares, um tecido de possibilidades outras para a vida.

Ao longo desse percurso, conheci pessoas, construí vínculos e ao compartilhar esse processo com os interlocutores e minha orientadora, a costura dos fios foi feita a muitas mãos. E assim como em mim, as reverberações do que vinha sendo construído foram possibilitando novas significações. Os caminhos que percorri, os encontros que vivi e as narrativas que me foram confiadas deslocaram a forma como me penso e como penso o mundo. Assim, carrego tanto as respostas que encontrei, como as perguntas que permanecem.

Espero que este trabalho não se encerre aqui, ou em mim. Que este trabalho siga sendo um lugar de encontro para quem busca existir para além das fronteiras que tentam conter, e que sua força esteja em lembrar que nossas vidas são, em si, uma forma de futuro. Abrindo margens para outros tantos estudos, que gostaria de ter tido tempo para explorar mais, como: As intersecções entre transmasculinidades e outros marcadores como raça/étnica e território; Transmasculinidades não binárias; Relações transcitradas entre pessoas transmasculinas. Entre tantos outros que podem não ter sido pensados ainda.

Concluir esta dissertação é, ao mesmo tempo, chegar ao fim de uma aventura e reconhecer que a travessia continua. Descobri que pesquisa é também ser pesquisado, e que a escuta, quando atravessada pelo afeto e pela implicação, é um ato político.

5. REFERÊNCIAS

- ‘Reforçar a visibilidade é uma estratégia de sobrevivência’. In: **Revista cult**. 29 jan. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/visibilidade-trans-jaqueline-de-jesus/>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História - A arte de inventar o passado: (ensaios de teoria da história)**. [S. l.]: Appris Editora, 2019.
- _____. **Íntimas histórias: amizade como método de trabalho historiográfico**. Revista Território e Fronteiras, [s. l.], v. 2, p. 9–15, 2001.
- ALEXANDRE, Vinícius. **Vivendo uma conjugalidade insubordinada: narrativas de casais cis-trans e casais transcitrados**. 2020. - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-14022021-215819/>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- ALVIM, Mônica Botelho. O lugar do corpo em Gestalt-Terapia: dialogando com Merleau-Ponty. **IGT na Rede** ISSN 1807-2526, [s. l.], v. 8, n. 15, 2011. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/312>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- Ambulatório lgbtt+ oferece serviço de escuta e atendimento especializado – UERN – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. In: **Portal UERN** [s. d.]. Disponível em: <https://portal.uern.br/blog/ambulatorio-lgbtt-oferece-servico-de-escuta-e-atendimento-especializado/>. Acesso em: 7 jul. 2025.
- ANDRADE, Roque. A Mulher Mastectomizada. [s. l.], v. 2, 5, p. 29–30, 2005.
- BANKE, Luck; TENÓRIO, Leonardo. Transmasculinidades no Brasil: memórias de um movimento da invisibilidade à luta. In: **A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: Das invisibilidades às demandas**, [s. l.], p. 19–35, 2021.
- BARRETO, Marcelo. Avanços, equívocos e retrocessos nas lutas identitárias. In: **Extra Classe**. 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/10/avancos-equivocos-e-retrocessos-nas-lutas-identitarias/>. Acesso em: 13 set. 2024.
- BELADIN, Caio. Censo 2022: População quilombola é mais jovem do que população total do país. In: **Agência IBGE notícias**. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39933-censo-2022-populacao-quilombola-e-mais-jovem-do-que-populacao-total-do-pais>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197–221.

BENTO, Berenice et al. De que lado estamos. In: **Outras palavras**. 14 nov. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/em-defesa-de-richard-miskolci/>. Acesso em: 13 set. 2024.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 569–581, 2012.

BOFFI, Leticia; SANTOS, Manoel. “**Vou ficar sozinho para sempre?**”: expectativas de homens trans sobre relacionamentos afetivo-sexuais. *Psico*, [s. l.], v. 55, n. 1, p. e42121–e42121, 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20–28, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 1a ediçãoed. [S. l.]: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2023.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. tradução: Renato Aguiar. 22 ed. [S. l.]: Civilização Brasileira, 2003.

CAIA, Maria; JAMELO, Aurora. Declaração Importante! Richard Miskolci passa a ser “Reconhecido como Persona Non Grata no Transfeminismo Brasileiro”. In: **Instagram**: @antra.official. 10 nov. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/antra.official/p/Cze-AdKNOEj/?img_index=1. Acesso em: 5 dez. 2024.

CARACIOLO, Fábiana. Minoxidil tópico: shedding e outras dúvidas frequentes. In: **Fabiana Caraciolo**. 4 jun. 2018. Disponível em: <https://fabianacaraciolo.com.br/blog/minoxidil-topico-shedding/>. Acesso em: 25 maio 2025.

COMTE-SPONVILLE, André. **A vida humana**. 1 ed. [S. l.]: WMF Martins Fontes - POD, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. [s. l.], 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34853764/LABIRINTOS_DA_PESQUISA_DIANTE_DOS_FERROLHOS. Acesso em: 2 ago. 2025.

CRISPIM, Bia. ONG’s LGBTQIA+ Potiguanes – uma história de lutas – parte 1. In: **Potiguar Notícias**. 2021. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/colunas/post/3819/ongs-lgbtqia-potiguanes-uma-historia-de-lutas-parte-1>.

CURRAIS NOVOS. In: **Prefeitura de Currais Novos**. [s. d.]. Disponível em: <https://curraisnovos.rn.gov.br/currais-novos/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

CYBERBULLYING PROVOCA SUICÍDIO DO INFLUENCIADOR TRANS Paulo Vaz. In: **Gayles.tv televisão lgtbi+**. 18 mar. 2022. Disponível em: <https://gayles.tv/pt/el-ciberacoso-provoca-el-suicidio-del-influencer-trans-paulo-vaz/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DA REDAÇÃO. Quem era Popó Vaz, ativista pelos direitos das pessoas trans que faleceu nesta segunda. In: **Paraíba Feminina**. 15 mar. 2022. Disponível em: <https://paraibafeminina.com.br/2022/03/15/quem-era-popo-vaz-ativista-pelos-direitos-das-pessoas-trans-que-faleceu-nesta-segunda/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

DE ALMEIDA, Patrick; GROSS, Alexis Emanuel. Judith Butler e Paul Beatriz Preciado: Uma comparação de dois modelos teóricos na construção da identidade de gênero na teoria queer. **Pensata**: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP, [s. l.], v. 10, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/12064>. Acesso em: 21 maio 2024.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia Prática. [S. l.]: Editora Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. [S. l.]: Editora 34, 2000.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise Cartográfica do Discurso**: Temas em Construção. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2021.

DIADORIM, Editor. Rede de estudos trans e travestis se articula para combater transfobia acadêmica. In: **Agência Diadorim**. 22 nov. 2023. Disponível em: <https://adiadorim.org/noticias/2023/11/rede-de-pesquisadores-trans-e-travestis-se-articula-para-combater-transfobia-academica/>. Acesso em: 13 set. 2024.

DOMÍNGUEZ, Juan. Herzer queria que as pessoas fossem mais humanas. In: **Le monde diplomatique**. 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/herzer-queria-que-as-pessoas-fossem-mais-humanas/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

ENES, Eliene Nery Santana; BICALHO, Maria Gabriela Parenti. Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de Educação Especial no contexto da educação inclusiva. **Educação em Revista**, [s. l.], v. 30, p. 189–214, 2014.

Estátua de Santa Rita de Cássia. In: **Roteiros inteligentes do RN**. [s. d.]. Disponível em: <https://roteirosinteligentes.com.br/rn/ponto/visita-estatua-de-santa-rita-de-cassia-passeio-e-romarias/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FACCHINI, Regina. **Entre compassos e descompassos**: um olhar para o campo e para a arena do movimento LGBT brasileiro. [s. l.], 2009.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa; MOREIRA, Marcelo Rasga. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, [s. l.], v. 23, p. 511–529, 2013.

[Digite aqui]

FILHO, Augusto Ferreira Ramos. Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. **Diversitas Journal**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 2510–2525, 2023.

FOUCAULT, Michel. **De l'amitié comme mode de vie**. [S. l.: s. n.], 1981.

FREITAS, Mateus; PEREIRA, Eliane Regina. O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 235–244, 2018.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.

GASPODINI, Icaro; JESUS, Jaqueline Gomes de. Heterocentrismo e Ciscentrismo: Crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. **Revista Universo Psi**, [s. l.], p. 33–51, 2020.

GOODMAN, Paul. Ser queer. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [s. l.], v. 6, n. 07, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2234>. Acesso em: 3 nov. 2023.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, [s. l.], n. 75, 2004. Disponível em: <https://apm.ufsc.br/titulos-publicados/2004-2/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

GUERRA, Wesley Sa Teles. ORGULHO E PRECONCEITO DENTRO DA COMUNIDADE LGBTQIA+. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, [s. l.], v. 3, n. 7, p. 96–99, 2020.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15a edição ed. [S. l.]: Editora Vozes, 2014.

HISTÓRIA. In: **Prefeitura municipal de Jardim do Seridó**. [s. d.]. Disponível em: <https://jardimdoserido.rn.gov.br/historia/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HOMENS TRANS RESPONDEM - **PÕE NA RODA**. [S. l.: s. n.], 2018. (14:38). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-OG_bDUyyo4. Acesso em: 3 jun. 2025.

HOSPITAL DA MULHER INAUGURA AMBULATÓRIO ESPECIALIZADO PARA TRANS E TRAVESTIS – UERN – **UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**. In: [s. d.]. Disponível em: <https://portal.uern.br/blog/hospital-da-mulher-inaugura-ambulatorio-especializado-para-trans-e-travesti/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Jardim do Seridó. In: **Panorama**. [s. d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/jardim-do-serido/panorama>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa Índice Digital**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2021. Disponível

em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-estaduais/31409-mapa-indice-digital.html>. Acesso em: 3 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Natal. In: **Panorama**. [s. d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/natal/panorama>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pau dos Ferros. In: **IBGE**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/pau-dos-ferros.html>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Santa Cruz. In: **Panorama**. [s. d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/santa-cruz/panorama>.

IRINEU, Bruna Andrade; CANTALOUPE, Thomas. Resistir Coletivamente, Transformar e Ocupar a Política: Entrevista com a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [s. l.], v. 2, n. 03, p. 174–179, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes; Perucchi, Juliana; Oliveira, André Lucas Guerreiro; Nogueira, Conceição; Lopes, Fábio Henrique; Moreira, Felipe; Ferreira, Guilherme Gomes; Rodrigues, Liliana; Saraiva, Márcio Sales; Carvalho, Natália Silveira de; Carneiro, Nuno Santos. **Transfeminismo: Teorias e Práticas**. 1a edição. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia Editora, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada / Social psychology and social movements: a contextualized review. **Psicologia e Saber Social**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 163–186, 2012.

LEITÃO, Carla. A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. **Metodologia de pesquisa científica em informática na Educação: abordagem qualitativa de pesquisa**, [s. l.], v. 3, 2021.

LEMO, Kaio; PFEIL, Bruno. **A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil**: Das invisibilidades às demandas. In: REVISTA ESTUDOS TRANSVIADOS. 1 nov. 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviados.wordpress.com/relatorio-transmasculinidades/>. Acesso em: 23 out. 2023.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes não desiguais: A Questão De Gênero Na Escola**. [S. l.]: Reviravolta, 2016.

LINS, Rafael de Oliveira; ALVIM, Mônica Botelho. A mundaneidade do corpo: (re)pensar a cultura individualista e suas implicações para a gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 305–316, 2020.

LISBOA, Vinícius. Saúde mental requer visibilidade trans além da transfobia. In: **Agência Brasil**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/saude-mental-requer-visibilidade-trans-alem-da>

transfobia#:~:text=Al%C3%A9m%20disso%2C%20Jaqueline%20preside%20a,severo%20sobre%20a%20sa%C3%BAde%20mental. Acesso em: 12 jul. 2025.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea.** [s. l.], 2001. Disponível em:

https://www.academia.edu/12633026/Masculinidades_e_Viole_ncias_Ge_nero_e_mal_estar_na_sociedade_contemporanea. Acesso em: 6 abr. 2025.

MARQUES, Vinícius. Regiões do Brasil e suas características (com mapa). In: **Toda matéria.** [s. d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/regioes-brasileiras/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MAZZOTO, Camila. A trajetória de Anderson Herzer, primeiro autor transgênero do Brasil. In: **Revista Galileu.** 2021. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/06/trajetoria-de-anderson-herzer-primeiro-autor-transgenero-do-brasil.html>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petropolis, RJ: [s. n.], 2007. Disponível em: Acesso em: 23 out. 2023.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 25, p. 263–268, 2017.

MOSCOU, Marília. O conceito de gênero foi uma inovação teórica. In: **Instagram: @antra.oficial.** 21 nov. 2023. Disponível em:

https://www.instagram.com/antra.oficial/p/Cze-AdKNOEj/?img_index=1. Acesso em: 5 dez. 2024.

Murilo gonçalves. In: **Lembrando nossos mortos.** 2020. Disponível em: <https://tdor.translivesmatter.info/>.

NATÁLIO, Carlos. Territorialização / desterritorialização: movimentos cinematográficos. In: BAPTISTA, Tiago; MARTINS, Adriana (org.). **Atas do II Encontro Anual da AIM.** Lisboa: AIM, 2013. p. 199–211.

NEDEL, Juno. **O corpo como arquivo: tensionando questões sobre história e memória trans.** [s. l.], 2020.

NERY, João W. **Viagem solitária** – nova edição: A trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade. [S. l.]: Leya, 2019.

OLIVEIRA, Ana. Ficções porno-políticas do corpo (a partir) de Preciado. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 28, p. e61544, 2020.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 23, p. 159–178, 2012.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; MONTEIRO, Anne Alencar; JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfeminismo das transmasculinidades: Diálogos sobre direitos

sexuais e reprodutivos de homens trans brasileiros. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [s. l.], v. 6, n. 19, p. 90–104, 2023.

Pernambuco sedia seminário internacional desfazendo gênero. In: **Dois Terços**. 2019. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/pernambuco-sedia-seminario-internacional-desfazendo-genero/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

PFEIL, Cello Latini. **Uma crítica à cisheteronormatividade pelas perspectivas decolonial e anarquista**. [s. l.], 2023.

PÕE NA RODA - **Tag de casal**: pedro hmc e popo vaz | 1o beijo? Famílias? A 3? Pelo que brigam mais? [S. l.: s. n.], 2021. (15:06). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BSfGDIOby_g. Acesso em: 3 jun. 2025.

PÕE NA RODA - **Tô namorando um homem trans?! E agora?! [S. l.: s. n.]**, 2018. (20:22). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VEvDqN2bDGs>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2022.

_____. **Testo junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2023.

_____. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

PREFEITURA DE MOSSORÓ. **Cultura**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://prefeiturademossoro.com.br/noticias/cultura/8>. Acesso em: 7 jul. 2025.

_____. **População**. 2024. Disponível em: <https://prefeiturademossoro.com.br/noticias/populacao/6>. Acesso em: 7 jul. 2025.

PREFEITURA DE PORTALEGRE. **Cachoeira do Pinga**. In: Portalegre eu amo, eu cuido. [s. d.]. Disponível em: <https://www.turismo.portalegre.rn.gov.br/pontostur/19/cachoeira-do-pinga>.

_____. **Dados do município**. In: Prefeitura de portalegre. [s. d.]. Disponível em: <https://www.portalegre.rn.gov.br/omunicipio.php>.

Quem foi João Nery? In: **Lgbtq+spacey**. 8 jun. 2023. Disponível em: <https://lgbtqspacey.com/quem-foi-joao-nery/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

Rede de estudos trans-travestis. Nota de enfrentamento ao trans-epistemicídio. In: **Medium**. 22 nov. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@rededeestudostranstravestis/nota-de-enfrentamento-ao-trans-epistemic%C3%ADdio-b7cedf25c20b>. Acesso em: 13 set. 2024.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Viver e esperar viver**: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. 2015. masterThesis - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20730>. Acesso em: 31 out. 2023.

[Digite aqui]

RIBEIRO, Igor Veloso; TAVARES, Luciane; CAETANO, Marcio. Transmasculinidade, raça e classe - a cilada das redes sociais digitais. **Caderno Espaço Feminino** [s. l.], 2023.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia**. Refazendo Um Caminho. [S. l.]: Summus, 1985.

RUPP, Isadora. Quem foi Paulo Vaz, ativista trans da Polícia Civil paulista. In: **Nexo**. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/15/quem-foi-paulo-vaz-ativista-trans-da-policia-civil-paulista>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SANTOS, Morgan; TEDESCO, Caio. Transmasculinidades no Rio Grande do Sul: Movimentos, Comunidade e Rexistências. In: **Histórias lesbitransviadas do Rio Grande do Sul**. [S. l.: s. n.], 2022.

SERRES, Michel. **Narrativas do Humanismo**. tradução: Caio Meira. 1ª edição. [S. l.]: Bertrand Brasil, 2015.

SESC SÃO PAULO. **O que é o queer?** Com richard miskolsci. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6IM>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SILVA, Lorrane Stéfane; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; NEVES, Eliana Helena Corrêa. Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. **Revista Prisma**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 110–112, 2021.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. [s. l.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 4 dez. 2024.

SOUSA, Anderson Reis de et al. Rupturas biográficas pela pandemia da COVID-19 sobre adolescentes e jovens homens trans e transmasculinos: demandas para a enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s. l.], v. 30, p. e3753, 2022.

SOUZA, Ronie Cleber de. A Expansão e a interiorização do ensino superior no Brasil e o desenvolvimento regional: o caso de Pau dos Ferros - RN. **Ipea**, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11167>. Acesso em: 29 jul. 2025.

STAKE, Robert E.; REIS, Karla; JACKS, Nilda. **Pesquisa Qualitativa**: Estudando Como as Coisas Funcionam. [S. l.]: Penso, 2011.

SUPLICY, Eduardo. **Um jeito de fazer política**. [S. l.]: Editora Contracorrente, 2021.

TEIXEIRA, Érica Jaqueline Pizapio; PACÍFICO, Juracy Machado; BARROS, Josemir Almeida. O diário de campo como instrumento na pesquisa científica: contribuições e

orientações. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 1678–1705, 2023.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 17–28, 2006.

VASCONCELOS, Luiz Antônio. Minoxidil: como age o medicamento que ajuda a combater a calvície. In: **Vida Saudável**. 28 jan. 2025. Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/minoxidil-como-age-o-medicamento-que-ajuda-a-combater-a-calvicie/>. Acesso em: 25 maio 2025.

6. APÊNDICE

6.1- ROTEIRO - ENTREVISTA 1

- 1) Como você se identifica enquanto identidade de gênero?
 - 2) Como foi o seu percurso de perceber-se ou construir sua identidade de gênero?
 - 3) De que forma você descreveria a masculinidade?
 - 4) Você tem referência(s) de masculinidade? Se sim, poderia citar alguns exemplos?
 - 5) Tem alguém que foi/é referência que influenciou na sua transição?
 - 6) Você já sentiu algum conflito ou contradição (diferença) entre a sua identidade pessoal e as suas referências de masculinidade?
 - 7) Você sente alguma pressão para corresponder a certas expectativas de masculinidade? Se sim, quais seriam essas expectativas?
 - 8) Quais as sensações e sentimentos você teve durante sua jornada de transição de gênero?
 - 9) Há/ houve pessoas ou redes de apoio importantes para você durante a transição? Se sim, quem são essas pessoas/ redes e de que maneira foram importantes?
 - 10) Como você descreveria sua relação com outros homens trans e pessoas transmasculinas?
 - 11) Existem espaços específicos que proporcionam essas relações? Se sim, você se sente acolhido nesses espaços?
 - 12) Como as relações familiares se processaram durante a sua transição? Houve mudanças? Se sim, poderia dizer quais foram essas mudanças?
- [Digite aqui]

- 13) Você se apresenta como homem trans ou pessoa transmasculina nos lugares por onde transita? Se sim, como tem sentido vivendo essa experiência? Se não, existe algum motivo para que não o faça?
- 14) Você vive práticas de coletividade com outras pessoas transmasculinas? Se sim, essas práticas influenciam sua vida cotidiana?
- 15) Seu processo de transição gerou mudanças na sua saúde mental? Se sim, poderia comentar sobre estas mudanças? Como você lidou com elas?
- 16) Se precisou de atendimento de saúde, buscou alguma instituição? Se buscou atendimento em instituições, pode falar como foi esse atendimento?
- 17) Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, poderia nos falar se o atendimento à saúde recebido afeta/ afetou seu bem-estar e sua saúde em geral?
- 18) Você gostaria de falar sobre algo que acredita ser fundamental sobre sua trajetória de vida e que eu não perguntei?

6.2. ROTEIRO - ENTREVISTA 2

- 1) Como você se identifica enquanto identidade de gênero?
- 2) De que forma você descreveria a masculinidade? Tem alguma referência que influenciou?
- 3) Você poderia me contar um pouco de como foi perceber e iniciar a sua jornada de transição?
- 4) Poderia falar o que significa, para você, ser uma pessoa trans?

[Digite aqui]

- 5) Você se apresenta como homem trans ou pessoa transmasculina em diferentes contextos sociais? Se sim, como tem sentido vivendo essa experiência? Se não, existe algum motivo para que não o faça?
- 6) Você já ouviu falar do termo passabilidade? Se sim, o que você pensa sobre ela? Se não, após eu te explicar, você poderia se posicionar?
- 7) Você já sentiu algum conflito interno ou contradição (diferença) entre a sua identidade pessoal e as suas referências de masculinidade?
- 8) Você poderia compartilhar qual o significado que as cirurgias que pessoas transmasculinas e homens trans podem fazer, a exemplo da mastectomia, faloplastia e histerectomia, tem para você?
- 9) Durante sua jornada de transição de gênero, em algum momento, você se sentiu sozinho? Se sim, como você lida ou lidou com esse sentimento?
- 10) Há/ houve pessoas ou redes de apoio importantes para você durante a transição? Se sim, quem são essas pessoas/ redes e de que maneira foram importantes?
- 11) Você sente alguma pressão para corresponder a certas expectativas de masculinidade? Se sim, quais seriam essas expectativas?
- 12) Como ficaram as dinâmicas familiares depois da sua transição? Houve mudanças? Se sim, poderia dizer quais foram essas mudanças?
- 13) Você se sente confortável em falar sobre sua vida afetivo-sexual? Se sim, você poderia compartilhar algumas experiências afetivo-sexuais ao longo da sua jornada de transição?
- 14) Como você descreveria sua relação com outros homens trans e pessoas transmasculinas?
- 15) Você gostaria de compartilhar algo mais que acredita ser fundamental para a sua construção enquanto pessoa transmasculina e que acha que não foi contemplado nas perguntas anteriores?

[Digite aqui]

6.3. Termo de Áudio

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ÁUDIO

Eu _____ depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da gravação de áudio produzido por mim, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Klaus Macena Fontenelle e Kyara Maria de Almeida Vieira do projeto de pesquisa intitulado “TRANSBORDANDO HISTÓRIAS E RECONSTRUINDO AFETOS” a realizar captação de áudios que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes áudios (suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, monografias, TCC's, dissertações ou teses, além de slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Mossoró - RN, ____ de _____ de 20____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

IMPRESSÃO DATILOSCÓPICA

[Digite aqui]

6.4. Termo de Imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu _____ depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Klaus Macena Fontenelle e Kyara Maria de Almeida Vieira do projeto de pesquisa intitulado "TRANSBORDANDO HISTÓRIAS E RECONSTRUINDO AFETOS" a realizar captação de imagens que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens (suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, monografias, TCC's, dissertações ou teses, além de slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Mossoró - RN, ____ de _____ de 20__

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

IMPRESSÃO DATILOSCÓPICA

[Digite aqui]

6.5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E INSTITUIÇÕES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos:

Este é um convite para você participar de uma pesquisa científica intitulada: “**TRANSBORDANDO HISTÓRIAS E RECONSTRUINDO AFETOS**”, realizada pelo pesquisador **Klaus Macena Fontenelle**, sob a orientação da **Profa. Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira**, e que segue as recomendações das Resoluções nº 466/12¹ e nº 510/16², do Conselho Nacional de Saúde e suas complementariedades. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. De acordo com as Resoluções citadas, **compreende ao pesquisador responsável**, de modo indelegável e indeclinável, os seguintes aspectos éticos e legais:

- a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa;
- b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido ao seguinte procedimento: entrevista individual e coletiva, com gravação de áudio e imagem cuja responsabilidade de aplicação é de Klaus Macena Fontenelle, discente do curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do SemiÁrido. As informações coletadas serão organizadas em banco de dados em programa estatístico e analisadas a partir de técnicas de estatística descritiva e inferencial. Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Discutir as experiências na travessia para construção de identidades de homens trans e pessoas transmasculinas”. E como objetivos específicos: I. Identificar quais as representações sociais de masculinidades são referências no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas; II. Analisar a convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas quanto às ressonâncias na saúde mental, nas práticas de coletividade e na solidão; III. Discutir as implicações do acesso aos serviços de saúde e das relações familiares e sociais na vida de homens trans e pessoas transmasculinas.

¹ <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

² https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resolucao_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf

O **riscos mínimo** se dá por abranger informações de cunho subjetivo o participante poderá sentir algum incômodo ao compartilhar relatos de natureza pessoal ou confidencial. . Durante a realização das entrevistas, os colaboradores poderão sentir aborrecimento ou constrangimento pelo fato de estarmos gravando o áudio e imagem, além de demandar cansaço, por tomar o tempo dos colaboradores ao responderem as perguntas. Algum questionamento poderá remeter experiências que acarrete certo embaraço, diante disso o pesquisador deixará explícito que o participante não é obrigado de compartilhar informações/dados que lhe causem incômodo.

Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas o pesquisador Klaus Macena Fontenelle e sua orientadora aplicaram o questionário, como também serão responsáveis por manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; Garantia que o participante se sinta a vontade para responder aos questionários e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Quanto aos **benefícios**, o pesquisador explicará ao participante que não haverá benefícios diretos, mas que em termos de produção de conhecimento a investigação é essencial, dado o campo inaugural de estudos que ela abre e as possíveis implicações sociais que poderão ocorrer com base nos resultados, como a valorização e pertencimento dos sujeitos que fazem parte da comunidade transmasculina, trazer visibilidade para a história dessa comunidade.

Os dados da pesquisa ficarão sobre a responsabilidade da orientadora e pesquisadora **Profa. Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira**. As informações serão armazenadas em pastas e protegidas por senha no Notebook Dell da pesquisadora orientadora, pelo tempo de cinco anos, com o intuito de salvaguardar a segurança das informações disponibilizadas.

Após esse prazo, as informações serão destruídas, considerando-se que a pesquisa já terá socializado no meio acadêmico, seguindo os procedimentos precisos para a proteção do anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para o pesquisador Klaus Macena Fontenelle do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Mossoró, no endereço R. Francisco Mota, 572, Presidente Costa e Silva, 59625-900– Mossoró–RN. Tel.(84) 99944-1161. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** – Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3315-2094.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade do pesquisador Klaus Macena Fontenelle e da orientadora Kyara Maria de Almeida Vieira.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre:

Eu, _____,

concordo em participar da pesquisa **“TRANSBORDANDO HISTÓRIAS E RECONSTRUINDO AFETOS”**. Declaro, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos metodológicos e aos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato eo sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Declaro estar ciente de todo os termos aqui descritos, concordo em participar da pesquisa. Fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, seus procedimentos, possíveis riscos à minha participação e benefícios esperados. Foram assegurados o meu anonimato, conforme preservação ética da minha subjetividade, identidade moral e imagem social, e o direito de desistir desse consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Nada receberei e nada pagarei por esta participação.

Mossoró, ____/____/____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador



Klaus Macena Fontenelle (Aluno – Pesquisadora Responsável) – Aluno do Curso de Pós- graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologia e Instituições, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA/Campus Central. Avenida Francisco Mota, 4492, condomínio Ecoville, Bairro Rincão, CEP: 59626-105 – Mossoró/RN. Tel: (84) 9 99441164. E-mail: klausmfontenelle@gmail.com

Profa. Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira (Orientadora da Pesquisa – Pesquisadora) – Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA/Campus Central. Avenida Francisco Mota, 4492, condomínio Ecoville, Bairro Rincão, CEP: 59626-105 – Mossoró/RN. Tel: (84) 9 99489438. E-mail: kyara.almeida@ufersa.edu.br

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Ciências da Saúde da UERN. Rua: Miguel Antonio da Silva Neto, s/n - Prédio Faculdade de Medicina - 2º Andar - Bairro: Aeroporto. Mossoró/RN CEP: 59.607-360. E-mail: cep@uern.br

7. ANEXO

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRANSBORDANDO HISTÓRIAS E RECONSTRUINDO AFETOS

Pesquisador: KLAUS MACENA FONTENELLE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 83450224.9.0000.5294

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.119.167

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa de dissertação para qualificação apresentado ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições (PPGCTI) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). O presente projeto possui como objetivo geral: discutir as experiências na travessia para construção de identidades de homens trans e pessoas transmasculinas. Os objetivos específicos: Identificar quais as representações sociais de masculinidades são referência no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas; analisar a convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas quanto às ressonâncias na saúde mental, nas práticas de coletividade e na solidão; discutir as implicações para a vida de homens trans e pessoas transmasculinas quanto ao acesso aos serviços de saúde e nas relações familiares e sociais. Escolhemos o método de pesquisa-ação, utilizando técnicas de entrevista semiestruturada e grupo focal a fim de acessar as experiências de homens trans e transmasculinos e no processo de transição de gênero como proposta de construção do documentário com gravações de depoimentos. Os participantes serão contactados através de chamada pelas redes sociais, convites individuais e grupos de Whatsapp composto por essa população, na cidade de Mossoró/RN. Para a realização da análise dos dados obtidos iremos utilizar a técnica da Análise do Discurso.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL:

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto **CEP:** 59.607-360
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3315-2094 **E-mail:** cep@uern.br

[Digite aqui]

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



Continuação do Parecer: 7.119.167

Discutir as experiências na travessia para construção de identidades de homens trans e pessoas transmasculinas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- I. Identificar quais as representações sociais de masculinidades são referências no processo de transição de homens trans e pessoas transmasculinas;
- II. Analisar as ressonâncias da convivência entre si de homens trans e pessoas transmasculinas para saúde mental e relações sociais;
- III. Discutir as implicações do acesso aos serviços de saúde na vida de homens trans e pessoas transmasculinas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco mínimo se dá por abranger informações de cunho subjetivo, que poderá levar o participante a sentir algum incômodo ao compartilhar relatos de natureza pessoal ou confidencial. Durante a realização das entrevistas, os colaboradores poderão sentir aborrecimento ou constrangimento pelo fato de estarmos gravando o áudio e imagem, além de demandar cansaço, por tomar o tempo dos colaboradores ao responderem as perguntas. Algum questionamento poderá remeter às experiências que acarrete certo embaraço, diante disso o pesquisador deixará explícito que o participante não é obrigado a compartilhar informações/dados que lhe causem incômodo.

Esses riscos serão minimizados mediante: garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas o pesquisador Klaus Macena Fontenelle e sua orientadora aplicaram o roteiro de entrevista, como também serão responsáveis por manusear e guardar as respostas à entrevista; sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; garantia que o participante se sinta a vontade para responder aos questionários e anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa.

Quanto aos benefícios, o pesquisador explicará ao participante que não haverá benefícios diretos, mas que em termos de produção de conhecimento a investigação é essencial, dado o campo inaugural de estudos que ela abre e as possíveis implicações sociais que poderão ocorrer com base nos resultados, como a valorização e pertencimento dos sujeitos que fazem parte da comunidade transmasculina, trazer visibilidade para a história dessa comunidade.

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto **CEP:** 59.607-360
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3315-2094 **E-mail:** cep@uern.br

Página 02 de 04

[Digite aqui]

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



Continuação do Parecer: 7.119.167

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Essa pesquisa não possui óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2415193.pdf	17/09/2024 17:36:46		Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaraçãodelInicio.pdf	17/09/2024 17:32:33	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoIMAGEM.pdf	17/09/2024 17:31:34	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoAUDIO.pdf	17/09/2024 17:31:23	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/09/2024 17:30:26	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEP.pdf	17/09/2024 17:30:14	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	17/09/2024 17:30:00	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	17/09/2024 17:29:46	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	17/09/2024 17:29:35	KLAUS MACENA FONTENELLE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto **CEP:** 59.607-360
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3315-2094 **E-mail:** cep@uern.br

[Digite aqui]

UERN - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE



Continuação do Parecer: 7.119.167

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MOSSORO, 03 de Outubro de 2024

Assinado por:
JUCE ALLY LOPES DE MELO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n
Bairro: Aeroporto **CEP:** 59.607-360
UF: RN **Município:** MOSSORO
Telefone: (84)3315-2094 **E-mail:** cep@uern.br

Página 04 de 04

[Digite aqui]